

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**SABERES DA VIDA NA NOITE: PERCEPÇÕES DE MULHERES QUE
PRESTAM SERVIÇOS SEXUAIS SOBRE O EDUCAR-SE NAS RELAÇÕES
COM SEUS CLIENTES**

Fabiana Rodrigues de Sousa

SÃO CARLOS
Setembro de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**SABERES DA VIDA NA NOITE: PERCEPÇÕES DE MULHERES QUE
PRESTAM SERVIÇOS SEXUAIS SOBRE O EDUCAR-SE NAS RELAÇÕES
COM SEUS CLIENTES**

Autora: Fabiana Rodrigues de Sousa

Orientadora: Profa. Dra.

Maria Waldenez de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação do Centro
de Educação e Ciências Humanas
da Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos elaborados
para obtenção do título de Mestre em Educação.
(Área de Concentração: Metodologia de Ensino)

SÃO CARLOS
Setembro de 2007

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S725sv

Sousa, Fabiana Rodrigues de.

Saberes da vida na noite : percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes / Fabiana Rodrigues de Sousa. -- São Carlos : UFSCar, 2007.

163 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Educação popular. 2. Prostituição. 3. Dialogicidade. 4. Processo educativo. I. Título.

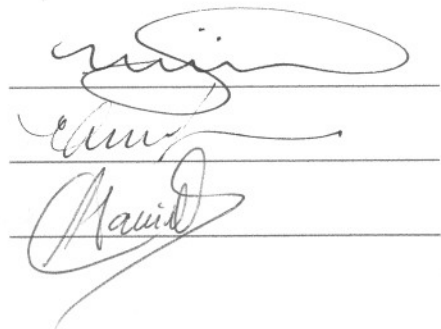
CDD: 370.193 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Maria Waldenez de Oliveira

Prof^ª Dr^ª Elizabeth de Leone Monteiro Smeke

Prof^ª Dr^ª Aida Victória Garcia Montrone



The image shows three handwritten signatures, each written on a horizontal line. The top signature is a cursive script that appears to be 'Maria'. The middle signature is also cursive and appears to be 'Elizabeth'. The bottom signature is cursive and appears to be 'Aida'.

Dedico este trabalho à minha mãe -
Avany Maria Ferreira -
que sempre acreditou na força do estudo.

Este trabalho foi elaborado com base em discussões e estudos realizados no grupo de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos.”

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que conheci nas casas noturnas de São Carlos, por me mostrarem que é preciso estar disposta a viver o novo e seguir sempre lutando.

Aos meus pais- Avany e Edvaldo, aos irmãos – Afrânio, Babsi, André e Alan- e aos amigos do Capão Redondo, pela convivência e por me ajudarem a realizar as primeiras leituras de mundo, me ensinado a enxergar a boniteza das coisas, ainda que diante de tantas dificuldades. Ao meu tio Everaldo que muito me influenciou no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Ao companheiro Gards, pela cumplicidade no processo de reinvenção da realidade. A todos amigos de São Carlos, pela camaradagem e incentivo, em especial, a Dinha, Bianca, Dani e Gabi por toda a força que me deram.

A Flávia Ferreira, por dividir comigo momentos de alegria e ansiedade, ao longo desta trajetória de pesquisa.

À professora Wal, por me orientar nos estudos sobre educação e prostituição, me ajudando a compreender que não é possível fazer ciência sem consciência.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar processos educativos que se desenvolvem nas relações estabelecidas entre prostitutas e clientes, tendo como ponto de partida a percepção dessas mulheres sobre tais processos. O conceito de dialogicidade, postulado por Paulo Freire, foi empregado como fio condutor na orientação do percurso metodológico traçado no sentido de coletar e interpretar os dados desta investigação. Os materiais analisados foram obtidos por meio da realização de três entrevistas, das quais participaram sete mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas de São Carlos/SP. A análise dos dados revela que, assim como em outras práticas sociais, no exercício da prostituição, ao se relacionarem, prostitutas e clientes aprendem e ensinam uns com os outros. Algumas habilidades como aprender a olhar, ouvir, conversar, aconselhar e ter humildade, dentre outras, são utilizadas por essas mulheres como recursos para ampliar a compreensão de sua realidade, não apenas no ambiente das casas noturnas, mas em outras esferas de sua vida.

Palavras-chave: processos educativos, educação popular, dialogicidade, prostituição.

ABSTRACT

This study had as objective to identify educational processes those are established in the relationship between prostitutes and their clients, and hat is stating point on the perception that those women has about the process. The dialog concept, writing by Paulo Freire orientated the way of collect and interpret the data on this study. These data was collected through three interviews made with seven prostitutes at nightclubs in São Carlos/SP. The analysis of the data discloses that, as well as in other social practical, in their relationship, prostitutes and their clients learn and teach each other. Some abilities as learning how to look at, to hear, to talk, to advice and to be humble are required from those women to broaden the understanding of their reality, not only at the nightclubs, but in all their lives.

Word-key: educational processes, dialog, prostitution.

SUMARIO

Introdução	10
Capítulo I - EDUCAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIAIS	16
1.1. O ser humano e suas relações <i>no</i> e <i>com</i> o mundo	16
1.2 Educação em práticas sociais: um processo permanente	17
Capítulo II – TRABALHO SEXUAL UMA ATIVIDADE COMPLEXA E MULTIFACETADA	22
2.1. Prestação de serviços sexuais: trabalho ou exploração?	22
2.2. Diferentes políticas voltadas a prestação de serviços sexuais.....	27
2.3. O trabalho sexual no contexto da indústria do sexo	30
2.4. As relações entre mulheres que prestam serviços sexuais e seus clientes	33
Capítulo III – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL EM SÃO CARLOS	41
3.1. O trabalho sexual em São Carlos	41
3.2. As casas noturnas e a organização do trabalho sexual	42
3.3. A rede de relações traçada pela mulher que presta serviços sexuais	46
3.3.1. Por que exercer o trabalho sexual?	47
3.3.2. Relações familiares	48
3.3.3. Relações de gênero	49
3.3.4. Relações com clientes x relações com namorado	51
3.3.5. Relações de risco no trabalho sexual	53
Capítulo IV – O PERCURSO METODOLÓGICO E A BUSCA PELA DIALOGICIDADE	55
4.1. Observações sobre educação e metodologia de pesquisa	55
4.2. A investigação da temática significativa: ponto de partida da dialogicidade	56
4.3. A formulação do roteiro de entrevistas: um exercício de problematização	60
4.4. As entrevistas: tentativa de pronunciar o mundo	62

Capítulo V - UMA TENTATIVA DE INTERPRETAR O MUNDO	69
5.1 – Análise dos dados: o movimento da totalidade à particularidade	69
5.2 – Uma história contada por mulheres	70
5.3 – A elaboração das categorias de análise	76
5.3.1. A vida na noite ensina	77
5.3.2. A mulher que presta serviços sexuais ensina: aprende quem tem sensibilidade	80
5.3.3. O tornar-se cliente fixo	83
5.3.4. Habilidades pessoais	88
5.3.5. Vulnerabilidades da vida na noite e estratégias para minimizá-las	94
 Capítulo 6 – A PESQUISA COMO ATO INCONCLUSO	 97
6.1 - Observações sobre o caminho trilhado	98
6.2 – Possíveis contribuições e encaminhamentos	100
 Referências	 104

Apêndices

- APÊNDICE A – Folder de apresentação da pesquisa
- APÊNDICE B – Questões problematizadoras
- APÊNDICE C – Roteiro de entrevista
- APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas
- APÊNDICE E – Diário de campo
- APÊNDICE F – Termo de consentimento
- APÊNDICE G – Quadro de encontros na Casa 06

Anexo

- ANEXO A - Aprovação do Comitê de ética da UFSCar

Introdução

Assim como diversas pessoas da nossa sociedade, eu também formulara uma noção prévia¹ acerca de mulheres que exercem trabalho sexual. Esta noção só foi desconstruída com minha participação no Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS)^{*} e a realização de um trabalho de extensão, no período de 2002 a 2003, no qual encontrava-me com mulheres que prestavam serviços sexuais em diferentes casas noturnas de São Carlos/SP, a fim de conversarmos sobre educação e direitos humanos. Com esse trabalho de extensão objetivava fomentar, nas casas noturnas da cidade, o debate sobre relações de gênero e questões ligadas aos direitos humanos das mulheres. Eu e as trabalhadoras do sexo realizávamos, semanalmente, debates sobre educação, direitos humanos e outros temas apontados pelas mulheres. Nossas discussões eram pautadas em textos que eu elaborava sobre direito civil, direito penal, direitos sexuais e reprodutivos, direitos constitucionais e outros. Em nossos encontros debatíamos os textos e conversávamos sobre direitos, filhos e familiares, características e organização do trabalho sexual, relações entre as pessoas nas boates, atividades de lazer, sonhos e expectativas de vida.

Fui conhecendo um pouco da realidade dessas mulheres. Ao olhar para elas não via mais o rótulo que postula que a prostituta é uma mulher de vida fácil, é encrenqueira, não tem família, não liga para os filhos ou não possui perspectiva de vida. Passei, então, a enxergá-las como mulheres que lutam dignamente para garantir sua subsistência e, por vezes, a de seus filhos e outros familiares. Mulheres que são discriminadas por exercerem uma atividade que é alvo de reprovação moral e julgamentos pré-concebidos.

Comportamentos desviantes e estereótipos geralmente são atribuídos às pessoas que exercem o trabalho sexual. Segundo Velho (1985) a idéia de desvio pressupõe a existência

¹ Baseada em Minayo (1993), entende-se por noção prévia a tentativa de elaborar uma explicação do real partindo de “imagens” e de elementos sobre os quais não se tem muita clareza.

^{*} O grupo estuda a temática do trabalho sexual e realiza pesquisas e ações educativas com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas da cidade, desde 1991. Está ligado ao Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

de um comportamento tido como ideal, que estaria de acordo com as normas sociais vigentes. As trabalhadoras do sexo são consideradas desviantes, pois apresentam comportamentos que divergem dos padrões atribuídos ao papel feminino. De acordo com Faria e Nobre (1997), desde a infância, meninos e meninas são educados de forma diferenciada, essa educação é interiorizada e tanto o homem quanto a mulher, expressam através do corpo, dos gestos e da postura, as relações de poder e os papéis socialmente construídos. Na representação social, a mulher é tida como um ser frágil, ingênuo, inocente e puro, cuja principal atribuição é a maternidade. Cuidar dos filhos e da casa, ser guardiã da moral familiar conservando a imagem de virgem ou esposa fiel, também são tarefas consideradas próprias desse papel feminino socialmente construído. Por ser considerada desviante, atributos como ser boa mãe, boa companheira, possuir família, inteligência e outras habilidades, muitas vezes, são considerados incompatíveis à mulher que exerce o trabalho sexual.

Existem concepções e valores morais sobre prostituição e prostituta que estão arraigados socialmente, muitos lançam julgamento moral a pessoas que se prostituem, desaprovam essa prática e lançam modelos explicativos sobre as pessoas da noite, tendendo a percebê-las como vetores de infecções sexualmente transmissíveis. Poucas são as pessoas que realmente conhecem a vida na noite e que já conversaram com uma prostituta ou cliente. Dessa forma, percebemos que há várias tentativas de explicar tal fenômeno, mas nem sempre esses modelos explicativos são baseados em saberes de experiência, por vezes, são construídos com base em preconceitos e julgamentos morais, que em vez de desvelar essa prática, acabam por ofuscá-la.

Nesse sentido, meu esforço, ao longo da realização desta investigação, consistiu em desvelar a prática da prostituição, a partir de saberes de experiência, ou seja, por meio de conhecimentos construídos dialogicamente na conversa com mulheres que prestam serviços sexuais, com outros pesquisadores e participantes do movimento social de prostitutas. Busquei traçar um percurso metodológico que fosse pautado na dialogicidade, desde o início deste trabalho, na fase de formulação da questão de pesquisa e elaboração do referencial teórico. Nessa fase inicial da pesquisa, houve uma conversa estabelecida entre mim, a professora orientadora desta investigação, mulheres que prestam serviços sexuais em São Carlos, pessoas que estudam o tema trabalho sexual e participantes de organizações

representativas do grupo de profissionais do sexo como Gabriela Leite - presidente da organização Davida, Laura Augustin – coordenadora da Rede Virtual Industria del Sexo, Mônica Bara Maia – presidente do MUSA/Mulher e Saúde, Paulo Longo – então coordenador da NSWP- Network of Sex Work Projects, Verônica Munk - membro da ONG europeia TAMPEP*. Este diálogo teve como fim divulgar as idéias iniciais de pesquisa, buscando levantar contribuições de diferentes pessoas que apresentam experiência sobre o tema e assim suscitar reflexões necessárias para elaborar o quadro teórico da investigação, delimitar o problema de pesquisa e explicitar o recorte focalizado neste trabalho.

Como resultado desse diálogo constatei a necessidade do desenvolvimento de investigações que tragam contribuições sobre o papel da demanda na prática da prostituição, por procurei focar o processo relacional entre prostituta e clientes.

Cabe ressaltar que ao mencionar o termo prostituição, faço referência à prestação de serviços sexuais desenvolvida em casas noturnas. É importante destacar essa delimitação, pois conversei com mulheres que prestam serviços sexuais apenas em estabelecimentos fechados, nas chamadas boates, e não em ruas e outros espaços públicos como praças e rodovias. Tampouco tive acesso à clientela, quando questionei algumas mulheres sobre a possibilidade de conversar com clientes, disseram-me que é difícil conversar com eles,

* **Davida** - organização sem fins lucrativos, fundada em 1992, procura promover a cidadania, a auto-estima e a organização de mulheres profissionais do sexo, por meio de um conjunto de ações em educação, saúde, cultura e comunicação. Publica o jornal Beijo da rua, de circulação nacional, com notícias sobre o movimento organizado e o dia-a-dia da prostituição.

Musa/Mulher e Saúde – Centro de Referência de Educação e Saúde da Mulher, desde 1992, desenvolve um trabalho sistemático de educação popular em saúde com mulheres profissionais do sexo, da “zona grande” de Belo Horizonte, por meio de um grupo de monitoras de saúde (mulheres profissionais do sexo assessoradas pela instituição).

Paulo Longo - ex-michê, psicólogo e ativista do movimento de prevenção ao HIV/aids. Foi fundador do Programa Pegação, em 1998, primeiro programa de prevenção ao HIV/aids entre garotos de programa do Rio de Janeiro. Faleceu em 2004, quando coordenava a International Network of Sex Work Projects (aliança de projetos sobre trabalho sexual financiados independentemente).

TAMPEP - projeto existente desde 1993, tem como objetivos criar, desenvolver e implementar métodos de prevenção a AIDS e IST para prostitutas migrantes na Europa, além de defender e interceder a favor de seus direitos civis e humanos e buscar desenvolver sua auto-estima e a auto-confiança.

tendo em vista que também primam pelo sigilo de suas identidades. Sendo assim, as observações tecidas ao longo desse trabalho refletem uma interpretação possível, elaborada no sentido de buscar responder ao questionamento que orientou o desenvolvimento deste processo de investigação. Interpretação esta, tecida por mim e pelas percepções apresentadas pelas mulheres com quem conversei, na *casa 06*.*

A presente pesquisa teve como fim identificar processos educativos desenvolvidos nas relações estabelecidas entre mulheres que prestam serviços sexuais e sua clientela, partindo da percepção dessas mulheres sobre tais processos. A formulação dessa questão de pesquisa, também tem origem na experiência vivenciada, nesse campo de pesquisa, quando conversava semanalmente com mulheres de casas noturnas da cidade e debatia a temática da prostituição, no GETS. Essas ações possibilitaram, paulatinamente, o desvelamento de uma dimensão educativa referente ao exercício do trabalho sexual. Assim como em outras práticas sociais, percebi que, na vida na noite, pessoas se educam constantemente, ao trocarem seus conhecimentos, valores, regras e modos de vida.

O tema prostituição vem ganhando maior visibilidade, devido a ações realizadas pelo movimento social de pessoas que prestam serviços sexuais, como a criação da Rede Brasileira de Prostitutas, a confecção da grife Daspu, a publicação do jornal Beijo da Rua, dentre outras. Não obstante, a temática ainda é pouco abordada, na área de Educação, foi o que constatei a partir da busca que realizei na Scientific Electronic Library Online – SciELO*, biblioteca eletrônica que disponibiliza uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Consultei os seguintes periódicos que apresentam artigos referentes à área de Educação: *Cadernos CEDES** (disponibiliza 28 números, com artigos publicados entre os anos de 1997 e 2006), *Educação e Pesquisa** (que disponibiliza 18 números, com

* A fim de manter o sigilo acerca do nome dos estabelecimentos, no GETS, empregamos números para fazer referência às casas noturnas onde são desenvolvidas pesquisas e ações educativas.

* Para outras informações consultar: <<http://www.scielo.br>>.

* Publicação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (ISSN 0101-3262).

* Publicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (ISSN 1517-9702).

publicações de 1999 a 2006) e a *Revista Brasileira de Educação* * (que disponibiliza 11 números, contendo artigos publicados entre os anos de 2003 a 2006). Todos os números desses periódicos disponíveis no SciELO foram analisados.

Alguns critérios foram utilizados nessa análise, primeiramente, verifiquei o título de cada artigo, li as palavras-chave de cada artigo e quando necessário, também realizei leitura do resumo a fim de me certificar se a temática da prostituição era abordada ou não, nesses artigos disponíveis on-line. Partindo desses critérios explicitados, não identifiquei nenhum artigo que abordasse esse tema, nos periódicos citados anteriormente.

Ciente desta lacuna, proponho este trabalho com a intenção de contribuir para o processo de desvelamento dessa face educativa que compõe o fenômeno da prostituição. Buscando assim, levantar dados e conhecimentos que possibilitem o fomento de outras novas pesquisas na área de Educação que lance seu olhar aos processos educativos intrínsecos a essa prática social.

No **primeiro capítulo**, apresento a concepção de educação empregada nesta pesquisa e teço alguns comentários sobre como as pessoas se educam nas práticas sociais. Tendo em vista que o ser humano não está apenas *no* mundo, mas *com* o mundo, sua postura nunca é meramente passiva, pois ao se perceber enquanto ser inconcluso, ele cria estratégias para interferir em sua realidade e modificá-la. Na medida em que se relaciona com o mundo, o ser humano herda a experiência adquirida no convívio com os outros e assim se integra às condições de seu contexto, aprendendo a responder a seus desafios.

Ao longo do **segundo capítulo**, apresento algumas posições políticas frente à prostituição: o proibicionismo, o regulamentarismo, o abolicionismo. Diante dessas posições, o movimento de pessoas que prestam serviços sexuais vem desenvolvendo uma nova política frente à prostituição, fundamentada na auto-organização e na auto-representação dessas pessoas. A seguir procuro situar o trabalho sexual no contexto da indústria do sexo.

No **terceiro capítulo**, apresento uma contextualização o trabalho sexual na cidade de São Carlos que consiste numa tentativa de me aproximar da temática significativa

* Publicação da Editora Autores Associados (ISSN 1413-2478).

referente à vida das mulheres que prestam serviços sexuais. As observações traçadas, nesse capítulo, foram elaboradas a partir de relatórios produzidos por pessoas ligadas ao GETS e serviram como base para o entendimento da realidade local, não há, portanto, pretensão de generalizá-las para outras localidades.

No **quarto capítulo**, discorro sobre o percurso metodológico trilhado ao longo desta pesquisa. Comento o processo de levantamento dos temas geradores, bem como a problematização dos mesmos que resultaram na formulação do roteiro de entrevistas. Teço, ainda, algumas observações sobre a construção da interação na realização de entrevistas.

Já no **quinto capítulo**, discorro sobre totalidade e particularidade que são conceitos centrais para o entendimento do movimento adotado na análise de dados. A seguir comento as categorias de análise que foram empregadas no sentido de compreender os dados obtidos ao longo das entrevistas realizadas

Por fim, no **sexto capítulo**, teço comentários finais acerca dessa experiência e destaco que, ao longo de um processo de pesquisa, é preciso estar atento para os diversos tipos de textos que nos são apresentados: crônicas de jornal, gestos, fala, atitudes, receptividade por parte das pessoas, vídeos, sorrisos, artigos científicos, choro, silêncio e outros. Precisamos compreendê-los e significá-los, pois todos eles fornecem elementos que nos auxiliam na compreensão da realidade.

Saber olhar, ouvir, falar, trocar por meio de conversas e conhecer. Aprender a pesquisar, seja na noite ou fora dela, é um processo permanente. A pesquisa, como ato humano, é marcada pela transitividade, está sempre em busca de completude que se dá com a soma de novos fazeres, olhares e pensares.

Segue, aqui, mais uma contribuição para a construção de conhecimentos sobre a face educativa referente à prática da prostituição, que precisa ser aprofundada e questionada, pois entendo que é a partir do constante diálogo entre diferentes saberes, que se torna possível desvelar os mitos e mistérios da vida na noite.

Capítulo I – EDUCAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIAIS

1.1 O ser humano e suas relações *no* e *com* o mundo

Uma sociedade contextualizada em sua época apresenta suas especificidades, ela vive seus temas próprios, suas *'situações-limite'*^{*}, problemas com os quais os sujeitos se deparam cotidianamente. Em dados momentos históricos, os seres humanos tendem a perceber essas *'situações-limite'* como freios para sua ação, como barreiras que não podem ser superadas, essa percepção gera um clima de desesperança. Não são as *'situações-limite'*, em si mesmas, que geram esse clima de desesperança, mas sim a percepção de que elas são estáticas e intransponíveis. Ao se instaurar a percepção crítica, cria-se um clima de esperança e confiança que motiva o ser humano a engajar-se na superação dessas situações. Tal superação não pode ocorrer fora das relações *'homens-mundo'*, pois somente é possível por meio da ação dos seres humanos sobre a realidade concreta, na qual se dão as *'situações-limite'*. Superadas estas, a partir da transformação da realidade, outras novas surgirão o que exigirá novas respostas, novos *'atos-limites'*. Pois é próprio do ser humano estar em relação de enfrentamento com a realidade visando a superação dos obstáculos.

“Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais”
(FREIRE, 1970, p. 108).

Na medida em que o ser humano se encontra desafiado por uma *'situação-limite'*, ele cria uma resposta: age, escolhe, organiza-se, testa-se. Sua resposta não é padronizada, pois ao tomar consciência de que algo lhe desafia, o ser humano é capaz de criar estratégias para superar tal situação. Sendo assim, a pluralidade das relações humanas não se resume apenas à diversidade de desafios que estão presentes em seu contexto, mas envolve também as múltiplas respostas apresentadas frente aos obstáculos que devem ser superados. Ao captar os dados objetivos de sua realidade, ao relacionar um acontecimento a outro, ao

* O itálico foi empregado para destacar conceitos postulados por Freire na obra Pedagogia do Oprimido.

pensar e ao criar respostas para superar os desafios que lhe são apresentados, os seres humanos desenvolvem sua criticidade, pois tais ações são reflexivas e não reflexas.

O ser humano é capaz de transcender, pois ao contrário do animal, ele é capaz de se perceber enquanto ser inacabado e inconcluso, assim, desenvolve estratégias para mover-se para além de onde se percebe. Paulo Freire (1993) define o ser histórico como aquele que experimenta “*continuamente a tensão de estar sendo para poder ser e de estar sendo não apenas o que herda, mas também o que adquire e não de forma mecânica* (p.18)”.

As raízes da educação se encontram na percepção da historicidade humana, pois ao se reconhecerem como seres inconclusos, que ‘*estão sendo*’, os seres humanos se mobilizam para superar a situação em que se encontram e, assim, recriam permanentemente a realidade.

A partir das relações do ser humano *na* e *com* a realidade, por meio de seus atos de criação, recriação e decisão, o mundo vai sendo por ele dinamizado. Dessa forma, vão se constituindo as épocas históricas e o ser humano vai dominando e humanizando sua realidade, bem como a si próprio.

“É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. E o fará melhor, toda vez que, integrando-se ao espírito delas, se aproprie de seus temas fundamentais, reconheça suas tarefas concretas”(FREIRE, 1975, p.43).

1.2 Educação em práticas sociais: um processo permanente

O ser humano não está apenas *no* mundo, mas *com* o mundo, o que o torna um ser de relações. Ao relacionar-se, o ser humano significa a si próprio e ao mundo. De acordo com Silva (2004), é no convívio com as outras pessoas que o sujeito se constrói enquanto ser humano.

Nas relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo são desenvolvidos diferentes processos educativos. Esses processos são permanentes e não se dão apenas nas relações travadas no âmbito escolar, mas também em outras práticas sociais como a prostituição, o movimento hip hop, dentre outras.

Práticas sociais são entendidas, neste trabalho, como ações e relações estabelecidas entre pessoas e grupos sociais com intuito de passar as normas de vida, que podem estar intencionadas à manutenção ou à transformação da sociedade (SILVA et al , 2004). Nessas práticas, pessoas de diferentes raça/etnia, classe social, orientação sexual e idade, ao se relacionarem, apresentam maneiras distintas de ser, pensar, agir e conduzir as experiências de sua vida. As relações estabelecidas entre essas pessoas, se dão em um contexto histórico-social e apresentam intencionalidade.

Assim como há uma pluralidade de práticas sociais, também são diversos os objetivos que levam as pessoas a se relacionarem nos seios dessas práticas, tais como repassar conhecimentos, valores, tradições e crenças diante da vida, ou buscar suprir necessidades de sobrevivência de um certo grupo ou comunidade, como reivindicações de acesso à saúde e educação. Essas relações também podem ter como fim a proposição, discussão e execução de determinada ação que pode ser realizada no sentido de gerar mudanças na estrutura social ou de articular as pessoas para manter a estrutura social vigente (SILVA et al, 2004).

Nos relacionamentos estabelecidos entre si, as pessoas desenvolvem “*conhecimentos, habilidades, atitudes, concepções e valores articulados às necessidades e interesses das diferentes classes e grupos sociais* (FRIGOTTO, 2003, p.18)”. Para o autor, nas práticas sociais, podem ser desenvolvidos diversos processos educativos, e o ser humano configura-se como o sujeito de tais processos, bem como suas necessidades, sejam elas materiais, biológicas, psíquicas, afetivas, estéticas ou lúdicas. O sujeito desses processos educativos é um ser inacabado, inconcluso e em processo, um ser histórico que vive constantemente em busca. Ao desenvolver estratégias de transcendência, visando à superação da realidade social percebida, os seres humanos se educam constantemente por meio de suas relações *no e com* o mundo.

A educação entre os seres humanos pode centrar-se na transmissão de conhecimentos e valores, o que implica numa relação hierárquica entre o ser que educa e o que é educado. Nessa concepção, denominada por Freire (1970) como prática da “*educação bancária*”, existe uma relação vertical e de opressão na medida em que apenas um dos seres é percebido como portador de conhecimentos, cuja função é depositar os conteúdos. Já o outro ser, é entendido como um ser passivo, que apenas acumula os conteúdos que lhe

foram transmitidos. Nessa prática, não há espaço para o diálogo, já que o conhecimento tende a ser percebido como uma construção anterior às relações entre educador e educando e não como fruto dessas relações.

Por outro lado, na concepção de *educação problematizadora*, o diálogo ocupa lugar de destaque, pois é por meio dele que as pessoas vão ampliando sua percepção da realidade e vão ganhando significação enquanto sujeitos. Nessa concepção de educação, não há oposição entre o ser que educa e o que é educado, mas há sim seres que se educam, constantemente, em suas relações sociais. O conhecimento não é entendido como algo posterior às relações homens-mundo, é entendido, justamente, como fruto do diálogo estabelecido nessas relações (FREIRE, 1970). O diálogo pode ser compreendido como uma postura presente em pessoas intencionadas a pronunciar o mundo e a transformar a realidade por meio da ação e da reflexão sobre a mesma. Ao pronunciar o mundo, os seres humanos o criam e o recriam permanentemente.

Freire (1993) afirma que a “*pura diferença*” não deve ser motivo para o rompimento ou para o não estabelecimento do diálogo, pois é por meio dele que se dá o intercâmbio de pensares diversos e saberes de experiência desenvolvidos por pessoas de diferentes práticas sociais.

No artigo O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais, Smolka (2000) pretende discutir a questão da apropriação dos processos que se consolidam nas práticas sociais, relacionando essa questão ao problema da significação. “O termo apropriação refere-se a modos de tornar próprio, de tornar seu; também, tornar adequado, pertinente aos valores e normas socialmente estabelecidos”, segundo a autora, há ainda outro significado que está ligado à noção elaborada por Marx e Engels, na qual, o tornar próprio implica “fazer e usar instrumentos” numa transformação recíproca de sujeitos e objetos, constituindo modos particulares de trabalhar/produzir (SMOLKA, 2002, p.28).

Ao vivenciar experiências cotidianas ligadas ao trabalho, a afetividade, a religiosidade, ao lazer etc, os seres humanos criam saberes populares construídos nas relações interpessoais. É por meio desses saberes que os sujeitos e grupos se identificam entre si, realizam intercâmbio de informações, valores, conhecimentos e habilidades, além de empregá-lo como ferramenta para interpretar sua realidade.

Referindo-se ao ato de educar-se, Larrosa Bondía (2002) destaca a necessidade de pensar a educação a partir do par experiência/sentido. Para o autor, o modo como nos percebemos e nos colocamos diante dos outros e do mundo tem a ver com as palavras:

“As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA BONDÍA, 2002, p.21).”

O autor define experiência como aquilo “*que nos passa, o que nos acontece, nos toca* (p.21)”. E afirma que muitas coisas se passam no mundo, no entanto, ainda assim a experiência é rara, pois quase nada nos acontece. A fabricação da informação e da opinião, a falta de tempo, os excessos de velocidade e trabalho são apontados como fatores que colaboram para que a experiência seja um fenômeno cada vez mais raro.

O sujeito da experiência não teme a exposição ao risco, pois assume sua vulnerabilidade e está disposto a aceitar que a experiência se apodere dele, sendo capaz de formá-lo e transformá-lo. Ele caracteriza-se por sua disponibilidade em se expor, sua receptividade para vivenciar os acontecimentos que surgem em sua trajetória de vida, já que para vivenciar uma experiência é preciso:

“[...] um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza [...] (LARROSA BONDÍA, 2002, p.24)”.

Nas práticas sociais, ao se relacionarem entre si e com o mundo, os sujeitos constroem saberes de experiência, que nas palavras de Larrosa Bondía (2002) se dão na relação entre o conhecimento e a vida humana. O saber da experiência é aquele que se

adquire a partir da forma como o sujeito responde e dá sentido ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida. Para o autor, o saber da experiência é um saber “particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal”, pois experiência é entendida, não como aquilo que acontece, mas sim como o que nos acontece, dessa forma, ainda que duas pessoas vivenciem o mesmo acontecimento não estarão fazendo a mesma experiência.

Valla (1996) também discorre sobre a forma singular de vivenciar uma experiência e afirma que profissionais que desenvolvem trabalhos junto a classes populares e a população que compõe tais classes, não vivem da mesma forma a mesma experiência. Ao discorrer sobre a dificuldade que os profissionais encontram em interpretar as classes populares, o autor reafirma que essa “crise de interpretação” é nossa, pois tal dificuldade está relacionada mais com a postura dos profissionais que com técnicas. Segundo o autor, existem profissionais que não percebem os membros de classes populares como seres capazes de produzir conhecimento e de organizar e sistematizar seus pensamentos. Essa dificuldade em compreender o que lhes é dito, decorre primeiramente do desconhecimento do contexto histórico e social referente às pessoas com quem estão falando, pois dentro das classes populares há uma diversidade de grupos. De acordo com Oliveira (2003), as comunidades que se encontram para o diálogo não são homogêneas, os diferentes grupos que as compõem, sejam elas científicas ou de bairro, podem circunscrever-se em uma ou mais dimensões, como área geográfica, ideais e objetivos comuns de luta, faixa etária, gênero, etnia e outras.

Tendo em vista essa heterogeneidade, Valla (1996) sugere que os profissionais que realmente almejam compreender os membros desses grupos populares devem buscar conhecer suas raízes culturais, devem procurar conhecer o seu local de moradia, e as relações que esses membros estabelecem entre si e com os demais grupos que acumulam capital. Outro fator que dificulta o profissional em compreender o “saber do outro” decorre de sua postura em tomar sempre o seu próprio saber como referência, dessa forma ele não percebe que os saberes dos membros de grupos populares são saberes de experiência, elaborados a partir de suas vivências, “que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional (VALLA, 1996, p.179)”.

O saber da experiência não deve ser entendido como um saber distorcido ou inferior, mas sim como postula Larrosa Bondía (2002): “*a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida* (p. 27)”.

De acordo com Freire (1970), educador e educandos possuem uma tarefa em comum que não se limita a desvelar e conhecer criticamente a realidade, mas também o de recriar o conhecimento sobre a mesma, dessa forma recriá-la permanentemente. É nesse sentido que devem se orientar as práticas educativas e de pesquisa, os sujeitos devem se encontrar para dialogar, vivenciar novas experiências e conhecer diferentes formas de viver, (re)significando e reinventando, assim, a realidade e sua própria vida.

Capítulo II – TRABALHO SEXUAL UMA ATIVIDADE COMPLEXA E MULTIFACETADA

2.1 - Prestação de serviços sexuais: trabalho ou exploração?

A prostituição é uma prática social complexa que está ligada à economia, ao trabalho, à sexualidade, à moral e às relações de gênero. Compreender a complexidade dessa prática, implica em reconhecê-la como atividade multifacetada composta por fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais que inviabilizam a construção de um modelo explicativo homogêneo, rígido e estático sobre a mesma.

Tendo em vista que a prostituição pode ser entendida de diversas maneiras, faz-se necessário discutir suas diferentes facetas, buscando analisar “*o cenário no qual suas produções de sentido se dão, para que, assim, possamos nos aproximar de seu significado*” (BRASIL, 2002, p.19).

Para Vázquez (apud ESPAÑA, 2001), certas condutas sexuais são caracterizadas como atos de prostituição devido à percepção e definições sociais vigentes. Essas definições não são estáticas, variam de uma sociedade à outra e se modificam de acordo com o período histórico, portanto não existem condutas que sejam unicamente relacionadas à prostituição e, nem tampouco, sujeitos portadores *per se* da condição de prostituta ou prostituto. Segundo Posner, citado por Rios (2000, p.82-3), “*a diversidade de práticas e costumes sexuais presentes na humanidade corresponde à multiplicidade de relações entre o direito e a regulação destes costumes e práticas.*”

Prostituição e trabalho sexual são temas bastante debatidos em nossa sociedade e, muitas vezes, analisados a partir de perspectivas discriminatórias e geradoras de estigmas. Essa temática sensibiliza e mobiliza diversos setores da sociedade, como organizações formadas por mulheres que exercem a prostituição, organizações compostas por feministas e outras mulheres, grupos que discutem questões de gênero, além de pessoas ligadas ao setor da saúde que desenvolvem trabalhos de prevenção a Aids e outras IST. Esses e outros grupos têm possibilitado a ampliação do debate em torno da temática.

O emprego do termo ‘trabalho sexual’ para fazer referência ao exercício voluntário da prostituição, por parte de pessoas adultas, tem gerado um amplo debate, sobre o qual

não há consenso. Segundo Otchet (2005), tal debate estrutura-se em torno da indagação: a prostituição é uma forma de exploração que deve ser abolida ou uma atividade profissional que precisa ser regulamentada? Em um dos lados desse debate, encontra-se uma vertente do pensamento feminista que, historicamente, tem considerado essa atividade como uma violação aos direitos das mulheres; acredita-se que o exercício do trabalho sexual reafirma as relações patriarcais de poder e dominação. Partindo desse pressuposto, a prestação de serviços sexuais não é entendida como uma forma de trabalho ou ocupação, mas sim como uma forma de exploração das mulheres. Segundo Lipszyc (2003), denominar a venda de serviços sexuais como ‘trabalho’ é uma maneira de contradizer os fundamentos do feminismo, pois assim os paradigmas patriarcais de opressão são legitimados e naturalizados. A autora questiona a liberdade de opção das pessoas que prestam serviços sexuais, pois entende que a relação entre homens e mulheres é assimétrica e pautada no domínio e na opressão.

Por outro lado, existem grupos compostos por mulheres que prestam serviços sexuais que não percebem a prostituição como uma forma de violência e exploração, mas sim como estratégia de inserção socioeconômica. Segundo Agustín (2001), ao definir a prostituição de adultos como sinônimo de “exploração sexual”, busca-se transformar a linguagem de forma a negar a possibilidade da prática voluntária da prostituição. Se essa prática social é entendida como exploração sexual, os clientes que compram os serviços sexuais são convertidos em exploradores e criminosos. A autora critica essa abordagem disciplinar pautada na definição de crimes e na aplicação de punições e sanções legais, reafirmando a necessidade de construir abordagens mais humanas para a compreensão da temática.

O então deputado federal Fernando Gabeira também questiona a viabilidade da abordagem disciplinar. De acordo com Gabeira (2003), a prostituição é uma atividade tão antiga quanto à própria civilização humana que subsiste, mesmo em sistemas opressores, porque a própria sociedade que a condena a mantém, o autor destaca que não haveria prostituição se não houvesse quem pagasse por ela. Várias estratégias foram implementadas, ao longo da história, com fim de suprimir a prostituição, mas nenhuma delas logrou êxito, Gabeira conclui então, que a solução viável para essa problemática seria admitir a realidade e elaborar bases para reduzir os malefícios que resultam da

marginalização a que a atividade está relegada. Nesse sentido, propõe um projeto de lei que dispõe sobre a exigibilidade do pagamento por serviços sexuais prestados e suprime os artigos 228, 229, 230* do Código Penal brasileiro que prevêm penalização às pessoas que favorecem a prostituição. O autor alega que se o exercício dessa atividade não é ilícito, não há por que penalizar quem a favorece.

Organizações compostas por mulheres trabalhadoras do sexo e outras pessoas que se solidarizam com suas reivindicações também reprovam as abordagens disciplinares e discriminatórias que tem sido empregadas para tratar o tema da prostituição. Esses grupos lutam pela defesa dos direitos das pessoas que prestam serviços sexuais e negam a perspectiva que tende a percebê-las como vítimas e não como sujeitos. De acordo com Cáceres (2004), a luta pelos direitos das pessoas trabalhadoras do sexo assume características diferenciadas em função do tipo de organização de cada grupo. Podem ser distintas as reivindicações, como o acesso a serviços sociais, a denúncia da violência presente nas abordagens policiais, o questionamento acerca do estigma relacionado à prostituição, a opção pela prostituição como trabalho e o reconhecimento da mesma como atividade trabalhista legítima. O movimento de profissionais do sexo do Brasil é um dos grupos que entende a prestação voluntária de serviços sexuais como trabalho:

“A meta do movimento é a legalização da profissão de prostituta com o devido monitoramento do comércio sexual. Anula-se, assim, a posição de

* Art. 228. Favorecimento da prostituição: Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone;

Art. 229. Casa de prostituição: Manter, por conta própria ou de terceiro, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente;

Art. 230. Rufianismo: Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça.

vítima e entra em cena a pessoa e a profissional, com direito e deveres, e responsável pela sua opção de vida (BRASIL, 2002, p.26).”

Em entrevista³ cedida ao II Fórum eletrônico do Boletim Ciudadanía Sexual, líderes de organizações de trabalhadoras do sexo como Elena Reynaga (Argentina), Gabriela Leite (Brasil), Karina Bravo (Equador), Alejandra Gil (México) e Angela Villón (Peru) revelaram que as demandas dos direitos das trabalhadoras do sexo têm encontrado suporte nas ações da OIT (Organização Internacional do Trabalho) que foram desenvolvidas com base no trabalho apresentado em 1998 por Lin Lean Lim⁴. Em sua investigação, Lim analisou a situação das trabalhadoras do sexo de quatro países da Ásia e concluiu que o comércio sexual tem crescido, assumindo dimensões de um setor comercial. Recomenda-se que a indústria do sexo seja incluída nas contabilidades oficiais dos governos, contribuindo assim com as economias regionais e também como uma forma de melhorar a situação das pessoas que exercem o trabalho sexual*. Acredita-se que, com o reconhecimento do setor sexual, os governos responsabilizar-se-ão pela ampliação e proteção dos direitos trabalhistas das pessoas que prestam serviços sexuais.

Ao analisar as rotinas de trabalho desenvolvidas na Vila Mimosa*, Moraes (1995) conclui:

“Quanto mais a prostituta for colocada pela sociedade num circuito de vitimização e criminalização, maiores serão seus riscos e violações. Conseqüentemente, maior a sua submissão às situações de explorações e o seu encarceramento à condição de ‘marginalizada’ (MORAES, 1995, p.143).”

³ REYNAGA, Elena et all. *Trabajo sexual y prostitución: Visibilizando reflexiones, esfuerzos y divergencias*. In. II Fórum eletrônico Ciudadanía Sexual, jan/fev de 2005.

⁴ LIM, Lin Lean Lim. *The Sex Sector*, I LO, Suíza, 1998.

* O trabalho de Lim ressalta que a prostituição infantil deve ser extinta, pois é considerada uma violação aos direitos humanos e uma forma intolerável de trabalho infantil (op. cit).

* Zona de prostituição localizada na cidade do Rio de Janeiro.

Para a autora, na medida em que se desenvolvem condições favoráveis de trabalho às prostitutas e quanto maior sua margem de escolha, mais cristalizados e efetivos serão seus instrumentos de proteção e estabilidade, gerando melhores padrões de segurança e qualidade nos serviços prestados aos clientes.

2.2 – Diferentes políticas voltadas à prestação de serviços sexuais

Historicamente, há três posições políticas dirigidas à prostituição: o proibicionismo, o regulamentarismo e o abolicionismo. Embora não se configure como política concretizada na legislação formal, a tolerância pode ser entendida como uma outra posição frente a essa prática, que se configura no trato das questões cotidianas ligadas à prostituição.

O proibicionismo postula a criminalização da prostituição e teve grande vigência durante a Idade Média. Segundo Robert (apud RIOS, 2000), após esse sistema, nos séculos XIX e XX, seguiu a polêmica entre o regulamentarismo e o abolicionismo. No entanto, há países que ainda adotam essa política, é o caso dos Estados Unidos, onde é vetada a comunicação com fins de praticar a prostituição, nesse caso, pessoas que são surpreendidas ofertando ou demandando serviços sexuais recebem sanções legais.

No regulamentarismo, a prostituição é legal se realizada dentro de condições específicas predeterminadas, caso contrário, passa a ser considerada uma atividade ilícita. Geralmente, nesse tipo de sistema, defende-se a necessidade do controle sanitário, do registro obrigatório e da contenção da prostituição. As pessoas que exercem essa prática são obrigadas a realizá-la em certas áreas e locais permitidos e, freqüentemente, são submetidas a exames ginecológicos que visam prioritariamente a detectar doenças sexualmente transmissíveis em vez de preveni-las. Alguns países, como Alemanha, Áustria, Suíça, Equador, Uruguai e Chile, preferem regulamentar a proibir a prática da prostituição (BRASIL, 2002).

O abolicionismo postula a abolição da prostituição. Esse sistema foi criado, no final do século XIX, por um grupo intitulado Federação pela Abolição da Regulamentação Governamental que era composto por mulheres inglesas. Inicialmente, como denota o próprio título do grupo, essas mulheres protestaram contra o controle estatal e os maus-

tratos às trabalhadoras do sexo. Posteriormente, tornou-se um movimento que almeja abolir a prostituição e não mais o controle estatal sobre essa atividade. Atualmente, tem sede em Paris e mudou seu nome para Federação Abolicionista Internacional.

Em 1951, o Brasil assinou o Tratado Abolicionista Internacional, tornando-se um país abolicionista que tolera a prostituição. No código penal brasileiro, o ato de prostituir-se não é tipificado como crime, mas são previstas sanções ao entorno dessa atividade. Estão sujeitos a penalização aqueles que realizam ações como manter casa de prostituição, induzir alguém a exercê-la ou impedir que alguém a abandone. No Brasil, a prostituta não é considerada uma criminosa, mas as pessoas que incentivam ou tiram proveito do trabalho sexual - como proprietários de casas noturnas e agenciadores de programas sexuais – estão sujeitos a sanções legais como multa e reclusão.

Os sistemas de tolerância à prostituição possibilitam a exploração de pessoas que exercem o trabalho sexual, além de dificultar a luta por seus direitos. A formulação de leis ambíguas que, por um lado, toleram o exercício da prostituição e, por outro, punem as pessoas que favorecem tal atividade, geralmente, acaba por impelir as pessoas a prestarem serviços sexuais em espaços delimitados que podem ser freqüentados por outros agentes que realizam ações de violação à lei instituída. Em entrevista cedida ao jornal O Globo, Gabriela Silva Leite * apresenta sua opinião sobre essa ambigüidade legal:

“De nada adianta legalizar a prostituição, mas deixar a atividade do cafetão como crime. O cafetão deveria ser visto como um patrão, como outro qualquer, sujeito à fiscalização por parte do governo. Só assim se criaria uma relação de trabalho. Quando você deixa o cafetão no mundo do crime – lembrando que deste mundo fazem parte as drogas, a prostituição infantil etc. – você termina forçosamente incluindo a prostituta também neste mundo (O GLOBO, 20/07/1987).”

Não raramente, prostitutas e seus clientes são excluídos de debates e decisões políticas frente à prostituição, pois são percebidos como objetos em vez de serem vistos como sujeitos ativos (BRUSSA, 2002). No entanto, o movimento de prostitutas vem

* Gabriela Silva Leite, ex-prostituta e socióloga, atualmente coordena a organização não-governamental DaVida –Prostituição, Direitos Civis e Saúde, fundada em 1992.

desconstruindo essa percepção social e, por meio da auto-organização e auto-representação, tem reafirmado sua posição enquanto sujeito histórico.

No Brasil, a história da auto-organização das mulheres trabalhadoras do sexo conseguiu algum reconhecimento público a partir de meados de 1980. O Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas foi realizado em julho de 1987, no Rio de Janeiro, por intermédio de Gabriela Leite. Esse evento contou com a participação de trabalhadoras do sexo de onze estados do Brasil e recebeu apoio de outras pessoas da sociedade civil, como artistas, jornalistas e advogados (BRASIL, 1996). A realização desse encontro resultou na formação da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, sediada no Rio de Janeiro e com associações formadas em outras regiões do Brasil. A Rede Brasileira de Profissionais do Sexo tem como objetivos realizar ações contra a violência e o desrespeito aos profissionais do sexo, implementar programas de saúde, reivindicar a reforma legal e lutar pela dignidade da prostituta, buscando resgatar sua auto-estima e acabar com o preconceito e o estigma associado à pessoa que exerce o trabalho sexual.

Embora a prática da prostituição não seja reconhecida como profissão, em 2002, a prestação de serviços sexuais passou a ser reconhecida como ocupação, pois a descrição da profissional do sexo passou a fazer parte da Classificação Brasileira de Ocupação (CBO)*. Essa conquista é resultado do movimento organizado de trabalhadoras do sexo, que almeja a legalização da profissão de prostituta com o devido monitoramento do comércio do sexo.

A autodeterminação das trabalhadoras do sexo é uma política, que postula a eliminação de todas as leis específicas sobre prostituição, pois acredita que as leis voltadas às pessoas que exercem o trabalho sexual devem ser iguais às formuladas para as demais pessoas que compõem a sociedade, sem discriminação (BRASIL, 2002).

Por meio da autodeterminação e contando com a contribuição de investigações sobre o fenômeno da prostituição, o movimento social de trabalhadoras do sexo já vem construindo um outro olhar acerca da mulher que presta serviços sexuais, no qual nega-se a posição de vítima e reafirma-se a posição de sujeito com capacidade de fazer opções e de ser responsável pela condução de sua vida. O estudo de Moraes (1995) aponta para a necessidade de perceber a prostituta como mulher envolvida em um universo onde se

* Para outras informações acesse: <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp>

encontram relações de poder e de trabalho, regras coletivas de organização, ações educativas gerais e de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis.

As diferentes políticas frente à prostituição revelam que esse fenômeno pode ser analisado e entendido sob variadas perspectivas. Nesse trabalho, adota-se a autodeterminação como referencial para analisar o fenômeno da prostituição, o que implica em reconhecer as prostitutas como sujeito de direitos, capaz de realizar escolhas e conduzir sua própria vida.

2.3 O trabalho sexual no contexto da indústria do sexo

O trabalho sexual é situado, nesta pesquisa, dentro do contexto da indústria do sexo e a ocupação voluntária de pessoas adultas, nesse setor, é percebida como uma estratégia de inserção socioeconômica.

O termo indústria do sexo é empregado desde meados dos anos 1980, e aponta para a grande dimensão que o mercado do sexo vem adquirindo, sua capacidade de gerar ingressos e suas inter-relações com outras indústrias. O crescimento dessa indústria está, por um lado, relacionado aos processos de globalização, nos quais os negócios se diversificam e buscam mercados transnacionais para crescer; e por outro lado, está ligado ao aumento do consumismo e à criação de necessidades na população (ESPAÑA, 2001).

Na cidade de São Paulo, o desenvolvimento do mercado do sexo também foi impulsionado pelas mudanças que se registravam nas formas de consumo do prazer, é o que aponta Rago (1991) em sua análise da obra “Madame Pommery” de Hilário Tácito, publicada em 1920. Segundo a autora

“a prostituição deixava de ser timidamente praticada em algumas casas reservadas para ser incorporada como uma outra dimensão do mercado capitalista. Em torno dela, surgia toda uma rede de serviços, espaços de entretenimento, manifestações culturais [...]. Investimentos cada vez mais vultosos eram feitos nesse campo e mais lucros eram obtidos. A relação entre a prostituta e o freguês se tornava mais complexa, porque passava a ser mediatizada por outros intermediários(as), a exemplo da caftina e dos comerciantes que faziam empréstimos (RAGO, 1991, p.173).”

O mercado sexual caracteriza-se pela existência de uma *oferta trabalhista* (prestadores de serviços sexuais), de uma *demanda* (uma numerosa e variada clientela, que apresenta diferentes níveis de renda, gostos/ desejo, posições matrimoniais etc) e também pela existência de um grande número de agentes mediadores responsáveis por mobilizar, canalizar e facilitar o encontro entre as pessoas que demandam e as que ofertam os serviços sexuais (ESPAÑA, 2001).

De acordo com Agustín (2000), a palavra prostituição pode impedir o entendimento de que existe um mercado do sexo, dificultando a percepção da demanda, ou seja, a percepção dos desejos diversos dos que buscam os serviços sexuais. Para a autora, não existe apenas “a prostituição”, mas sim uma gama de distintos trabalhos sexuais, que são desenvolvidos em bordéis, casas noturnas, clubes, certos bares, cervejarias, discotecas, cabarés, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual pela internet, sex shops com cabines privadas, muitas saunas e casas de massagem, algumas agências matrimoniais, anúncios comerciais em revistas e jornais, cinemas e revistas pornográficos, restaurantes eróticos, prostituição de rua, serviços de acompanhantes e muitos hotéis e pensões, enfim, são diversas as formas de se obter uma experiência sexual ou sensual mediante pagamento.

A indústria do sexo é formada por pessoas que prestam algum tipo de serviço sexual, pessoas que desempenham tarefas de apoio como taxistas, porteiros, seguranças, proprietários de casas noturnas, gerentes de boates e outros, e também pela indústria auxiliar que produz os instrumentos necessários para desempenhar os trabalhos, como roupa, maquiagem, preservativos, bebidas etc.

Ao analisar o trabalho sexual, nesse contexto, Agustín (2000) discorre sobre as vantagens e desvantagens ligadas a essa atividade. A flexibilidade no horário é apontada como uma vantagem, há pessoas que trabalham em período integral, outras em determinado período, por exemplo, apenas à noite ou à tarde, e também existem aquelas pessoas que só trabalham ocasionalmente. Nem sempre é preciso ter qualificação formal para exercer certas modalidades de trabalho sexual, o que facilita o ingresso de pessoas sem formação escolar, é o caso de boa parte dos migrantes que prestam serviços sexuais em países da Europa. Segundo a autora, alguns migrantes destacam também a possibilidade de viajar e conhecer novos lugares como vantagem ligada ao trabalho sexual.

A ausência, em vários países, de proteção trabalhista, como contrato, benefícios ou seguridade social, caracteriza-se como desvantagem, pois sustenta a exploração de pessoas que exercem o trabalho sexual e permite que o dono do negócio submeta seus empregados à condições injustas de trabalho.

O caráter de clandestinidade também é apontado como desvantagem referente a essa atividade, que favorece o abuso policial voltado a pessoas trabalhadoras do sexo. O abuso policial – outro aspecto negativo dessa prática – manifesta-se tanto na hostilidade presente nas chamadas “batidas”, como por meio de chantagens realizadas por policiais que almejam obter serviços sexuais, mas não querem pagar por eles. Migrantes que exercem o trabalho sexual, na Europa, alegam que policiais costumam perseguir estrangeiras, negras e transexuais (AGUSTIN, 2001).

O estigma associado à prática da prostituição constitui-se num obstáculo presente na vida de mulheres que prestam serviços sexuais. A discriminação sofrida por elas é um fator que dificulta o processo de busca por seus direitos e faz com que algumas mulheres morem distante de seus filhos visando a protegê-los do preconceito (SOUSA, 2003).

Rago (1991)* conclui que a prostituição era condenada e aceita ao mesmo tempo e apresentava diferentes funções socializadoras. Para a autora, a apreensão de tais funções socializadoras não pode se dar a partir dos parâmetros conceituais dominantes, só é possível apreendê-las a partir de sua *positividade*. Referindo-se ao fenômeno da prostituição, a autora comenta que

“Ao agrupar os indivíduos através de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, (a prostituição) apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão. Práticas licenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés e ‘pensões alegres’ da cidade conformavam um espaço importante de interação social (RAGO, 1991, p.168).”

Nessa perspectiva, o ambiente da prostituição é entendido como um espaço de interação entre pessoas que participam de diferentes práticas sociais. Contrariando, dessa

* Em estudo sobre a prostituição desenvolvida na cidade de São Paulo, no período de 1890 a 1930.

forma, a “lógica do negativo” segundo a qual, a prostituição é percebida apenas como lugar de “descarga libidinal” e de alívio às tensões sexuais (RAGO, 1991).

2.4 As relações entre mulheres que prestam serviços sexuais e seus clientes

Uma análise severa do mercado sexual requer o estudo de todos os seus componentes. O papel da demanda é central neste estudo, no entanto é pouco conhecido e os discursos dominantes tendem a ocultar que a prostituição não gira apenas em torno do binômio prostituta–proxeneta/explorador, mas também em torno do vínculo entre servidores-clientes (ESPAÑA, 2001).

As abordagens acerca da prostituição têm se centrado na oferta e não na demanda. Nas análises sobre a venda do corpo para fins sexuais o cliente não tem recebido devida atenção, sua participação muitas vezes é negligenciada, na literatura sobre o tema, geralmente o homem é visto como o “seduzido” e raramente é percebido como o “corpo que deseja”, como agente prostituinte (SOUZA, 1998).

Para Rostagnol (2000), freqüentemente, prostituição e prostitutas são entendidas como sinônimos, dessa forma todo o sistema de prostituição passa a ser visto e definido a partir das prostitutas, nega-se assim o aspecto relacional dessa atividade, tornando menos perceptível a rede de relações que são traçadas no sentido de efetivar a oferta, a venda e a compra dos serviços sexuais.

Em pesquisa realizada em Fortaleza, na qual um dos objetivos era traçar o perfil dos clientes e desvelar os motivos que os faziam freqüentar as casas noturnas dessa cidade, Souza (1998) constata que a prostituição não é uma atividade que possui como único agente a prostituta – em sua visão a prostituição é uma história de duas pessoas, ela cita Adler⁴ para referendar sua constatação:

“A prostituição é um assunto de casais. [...] Quem pode negar? No entanto, isso precisa ser lembrado, pois na abundante literatura acerca da prostituição, apenas a mulher é agente. É ela quem provoca, perverte, arrasta o homem

⁴ ADLER, Laure. *Os bordéis franceses – 1830/1930*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

para a espiral da libertinagem e do vício. Raros são os observadores que falam do outro, do corpo que deseja, daquele aos quais os mais revolucionários chamam de prostituidor. Sem ele, no entanto não há prostituição, não há o mercado do sexo, não há os circuitos de venda do prazer. (Adler apud SOUZA, 1998, p.31-32)”.

Partindo desse paradigma, Souza (1998) revela que sua convivência com a prostituição, ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado, a fez perceber a delimitação acentuada de dois aspectos essenciais que auxiliam na compreensão da existência e perpetuação desse fenômeno: “o mundo das prostitutas” e o “mundo do clientes” e não apenas, como aponta outros estudiosos do tema, “o mundo da prostituição e o mundo normal ou o mundo dos outros”, ou mesmo delimitações como “mundo de dentro ou mundo de fora”. A autora conclui que esses mundos existem, mas é preciso atentar para o fato de que dentro deles há diversos micropoderes que precisam ser conhecidos a fim de se compreender a rede de interesses que permeia a prostituição.

A autora revela que nos estudos sobre prostituição, quase inexitem pesquisas que levem em consideração a prostituta e o cliente e faz um breve levantamento acerca dessas pesquisas: diz que além do estudo de Adler, Anjos Júnior⁵ é um dos poucos estudiosos que valoriza a participação do cliente, percebendo-o como ator na trama do fenômeno da prostituição. Gaspar⁷ que realizou pesquisa sobre o fenômeno da prostituição em Copacabana, concorda que seria possível apreender esse fenômeno, com maior profundidade, se levasse em consideração o discurso dos clientes que freqüentavam os prostíbulos. Outro estudioso da temática que também trabalha com o cliente da prostituta é Freitas⁸, esse autor estudou o “programa” como contexto de negociação de identidades, levando em consideração o conteúdo do serviço prestado, o preço do serviço e o tempo disponível da prostituta. Souza (1998) conclui que, embora esses estudos não sejam

⁵ ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituta do baixo meretrício*. Fortaleza : Edições UFC, 1983.

⁷ GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

⁸ FREITAS, Renan S. de. *Bordel, bórdeis: negociando identidades*. Petrópolis : Vozes, 1985.

pautados na segregação do mundo da prostituta e o mundo do cliente, ainda estão centrados na prostituta, fazendo dela a figura central do mundo da prostituição. A autora destaca:

“é como se a prostituição fosse uma história feita com vários atores – secundários – que vivem em função e ao redor da prostituta – atriz principal. Na verdade, ela existe em função de uma demanda e expectativa que são criadas em torno dela e para ela (SOUZA, 1998, p.33).”

Em matéria publicada, em 6 de fevereiro, no jornal Folha de São Paulo, TATSCH (2005) apresenta o estudo lançado pelo sociólogo francês Said Bouamama. Esse estudo, realizado na França, apresenta objetivo comum ao da investigação realizada por Souza (1998), qual seja o de identificar quem são os clientes regulares e que motivos os levam a procurar por sexo pago. Após a realização de 95 entrevistas, o sociólogo concluiu que o cliente é um “homem comum”, ou seja, não possui grupo econômico ou cultural específico que o diferencie. A maior parte da clientela apresenta faixa etária entre 30 e 50 anos e tem uma parceira fixa.

O sociólogo delimitou cinco perfis de clientes: o grupo dos “*isolados afetivos e sexuais*” composto por aqueles que possuem dificuldades em estabelecer relações sociais, principalmente, em realizar encontros com pessoas do sexo oposto; o grupo dos “*descompassados com a igualdade*” formado pelos homens que não aceitam a mulher moderna, pois não interiorizaram as mudanças decorrentes do processo de emancipação feminina; o grupo do “*consumidor de mercadoria*” formado pelos clientes que percebem as mulheres como um bem de consumo, o grupo dos clientes “*alérgicos ao envolvimento e à responsabilidade*” composto por pessoas que buscam relações sexuais pagas após terem sofrido decepções amorosas e, por fim, o grupo dos “*dependentes*” formado pelos clientes que não conseguem parar de se relacionar com prostitutas.

Ao referir-se às relações estabelecidas entre clientes e mulheres que exerciam o trabalho sexual no início do século passado, na cidade de São Paulo, Rago (1991) observa que as relações eram tensas e multifacetadas, marcadas por momentos em que as mulheres odiavam seus clientes, a ponto de desejar que o ato sexual acabasse rapidamente, por outros em que elas se viam como meras profissionais desenvolvendo seu trabalho e, ainda por momentos, em que as mulheres “*desejavam gozar e fixar uma freguesia*”(RAGO, 1991,

p.232). Os relatos cedidos pelas trabalhadoras do sexo, ao *Jornal Beijo da Rua*^{*} e a mim^{*}, demonstram que as relações entre elas e sua clientela, ainda, são multifacetadas e marcadas pela sobreposição de diferentes momentos: algumas vezes predomina a relação comercial e profissional, outras vezes, predominam as relações afetivas, e também existem momentos em que predominam relações de confiança e desconfiança, dentre outros.

Com intuito de descobrir e revelar o que faz do sexo comercial um bom programa, a equipe do jornal *Beijo da Rua* saiu às ruas e questionou o que prostitutas e clientes consideram ser uma boa e uma má profissional e o que consideram ser um bom e um mau cliente. O resultado dessa ação gerou a reportagem intitulada “Programão, programinho”, publicada na edição de julho do jornal *Beijo da Rua* e redigida por Simões e Nobre (2002).

As pessoas que exercem o trabalho sexual estão atentas para o seu desempenho com os clientes (NOBRE, 2002). O autor conversou com mulheres que prestam serviços sexuais na Vila Mimosa, na Praça Tiradentes e na Praça Mauá, localidades da cidade do Rio de Janeiro - RJ. Para essas mulheres, o pior defeito que uma prostituta pode apresentar é usar a profissão para roubar, pois isso prejudica a imagem da profissional do sexo. Outras características negativas apontadas por elas foram: atender mal aos clientes, ser impaciente, aumentar o preço do programa após combinado, estar mal arrumada, se drogar e não ter educação. Já como características negativas dos clientes apontaram o fato dele se negar a usar preservativo ou a pagar o preço combinado, a falta de higiene, exigir muito e querer pagar pouco, ser agressivo, querer ficar a noite inteira no quarto, ficar bêbado e não se decidir a fazer o programa e ficar prendendo a mulher na mesa do bar ou boate.

Na reportagem, também é apresentada a opinião do cliente, segundo a qual, a boa profissional é vista como uma mulher compreensiva que demonstra interesse por ele e o trata como alguém especial, realiza o combinado, gosta de conversar, usa e sabe colocar o preservativo. A mulher que não atende a essas condições é vista pelos clientes entrevistados como uma má profissional do sexo. Eles também teceram comentários sobre o bom e o mau cliente, características como saber conversar, ser objetivo, respeitar a prostituta, ser carinhoso, usar preservativo, ser educado e não pechinchar são relacionadas

* Uma publicação da organização Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde.

* Entrevista cedida por mulheres que exercem trabalho sexual. Para outras informações consultar: (SOUSA, 2005).

ao bom cliente. O mau cliente é identificado como uma pessoa que insiste em fazer o que a prostituta não deseja fazer, é agressivo e não paga o preço combinado pelo programa.

A autora Soraya Simões (2002) alega que quando a qualidade do programa está em jogo, tanto a prostituta quanto o cliente passam a considerar a conquista do prazer do outro como objetivo da relação. Andréa - uma das entrevistadas que trabalha na Vila Mimosa - diz que, primeiramente, é preciso amar a vida e alega que o sucesso do seu trabalho é decorrente do respeito de seu próprio prazer, em sua opinião, o cliente gosta de perceber que está agradando e aponta a possibilidade do cliente acabar se apaixonando. Carla que exerce o trabalho sexual em uma boate, em Niterói – RJ, revela que é fundamental saber conquistar, de modo que o cliente volte a procurá-la, afirma que é preciso saber conversar, ser simpática e se impor nas negociações, antes de ir para o quarto. Ela destaca a possibilidade de se apaixonar pelo cliente: *“Aí acaba o profissionalismo: fico atrás dele, não fatureo e ainda corro o risco de me machucar (ibid, p.6).”*

Mulheres que prestam serviços sexuais, em casas noturnas de São Carlos, também destacaram que para ser uma boa profissional do sexo é necessário saber agradar e tratar bem o cliente, já que para obter ganhos adicionais com a realização do programa é preciso satisfazer o cliente. As relações com os clientes são colocadas por essas mulheres como uma troca comercial, elas frisam que o aspecto comercial das relações não deve ser esquecido, por isso algumas reprovam o envolvimento afetivo com clientes que pode resultar na ausência da cobrança pela realização de programas (Ferreira, 2002).

Simões (2002) questiona se o desprezo pelo cliente ou pelo próprio trabalho pode ser interpretado como um indício de falta de profissionalismo, Gisele, que trabalha em Niterói, responde que sim e alega que a boa profissional deve caprichar no comportamento e no visual durante a jornada de trabalho. Ela diz que sempre procura ser educada, andar cheirosa e realizar as fantasias dos clientes, dessa forma, afirma que já conseguiu garantir uma clientela fixa.

Segundo Pais (2001) a prostituta apresenta um “status social contingente e relacional”, as contingências de sua vida e seus relacionamentos sociais que fazem-na optar por determinado modo de vida e certa forma de exercer a atividade prostitucional. Em seu estudo, realizado em Lisboa, o autor entrevistou duas mulheres universitárias que prestam serviços sexuais.

Uma das entrevistadas é Inês, 24 anos. Ela revela que a necessidade de dinheiro foi um fator determinante para o ingresso nessa atividade, alega que não busca apenas dinheiro, mas também amigos e prazer.

Para Inês, muitas prostitutas não querem manter relações sexuais com todos os clientes que as procuram, por isso, fixam uma clientela, composta pelos chamados “amigos” ou “clientes fixos”, com os quais buscam conjugar dois desejos distintos: de gozo e de ganho. Inês não descarta a possibilidade de obter prazer sexual, por meio da atividade exercida.

A outra entrevistada é Joana, 30 anos, pertencente a uma família de classe social abastada. Ela começou a prestar serviços sexuais em virtude da falência de suas empresas e almeja, com essa atividade, obter grande quantidade de dinheiro, em pouco tempo, visando a saldar suas dívidas e manter seu padrão de vida. Joana afirma que não procura retirar prazer da atividade exercida, por isso evita estabelecer vínculos afetivos com seus clientes. Ela é seletiva com os clientes e prefere homens de certos grupos sociais e com determinados gostos sexuais.

A questão da seleção presente nesse tipo de relacionamento é abordada por Moraes (1995), em seu estudo sobre a prostituição realizada na Vila Mimosa, a autora observa que a prática de negociação entre clientes e prostitutas requer o desenvolvimento de um esquema de classificação. Não são somente os clientes que realizam suas escolhas em relação às prostitutas, estas também desenvolvem mecanismos que possibilitam o exercício de algum controle sobre os parceiros, por meio de uma classificação prévia. A autora conclui que a classificação seletiva dos clientes é acionada visando a obter maior poder e controle da situação, de modo a minimizar experiências desagradáveis e indesejáveis.

Ao estabelecerem critérios de seleção e classificação dos clientes, as mulheres que prestam serviços sexuais reconhecem maiores vantagens no atendimento a certas categorias e, a partir da forma como concebem seu profissionalismo, tendem a evitar as categorias que representam prejuízo. O cliente mais refutado é aquele que se nega a pagar pelos serviços sexuais, freqüentemente, denominados como “*caloteiro*”. Os discursos das prostitutas revelam outras classificações que caracterizam os grupos de clientes. Nessas classificações, constantemente há referência à idade, ao desempenho sexual e à classe social dos clientes.

Os clientes mais velhos apresentam maior probabilidade para tornarem-se “fixos”, pois costumam freqüentar a zona com maior assiduidade, representando a possibilidade de ganho regular para as mulheres que exercem o trabalho sexual. Devido à assiduidade na freqüência, já atingiram o status de pertencimento à comunidade e por isso são vistos como “confidentes, amigos e sadios”. Em comparação aos mais velhos, os clientes jovens são percebidos como mais “violentos”, capazes de romper os acordos estabelecidos com maior facilidade e de insistir na apresentação de posturas consideradas “machistas” (MORAES, 1995).

O desempenho sexual é outro fator de classificação. Clientes que apresentam qualidades sexuais consideradas vantajosas ou prazerosas para as mulheres que prestam serviços sexuais são os mais desejáveis. Para as prostitutas que possuem uma visão comercial mais pragmática do negócio do sexo, os melhores clientes são aqueles que atingem rapidamente o orgasmo e que não desejam práticas sexuais consideradas complicadas. No entanto, a autora destaca que há uma variável, pois há mulheres que *“possuem uma visão de negócio que inclui o prazer no sexo (MORAES, 1995, p.139).”*

A classe social é outro critério para seleção ou rejeição de clientes. Esse fator acaba se cruzando com critérios de comportamento, de forma que os homens que apresentam comportamentos tidos como próprios de pessoas pertencentes a “classe mais baixa”, por exemplo, os “bêbados”, drogados ou “sujos”, geralmente são rejeitados, pois são considerados clientes difíceis e não compensadores.

Os clientes que possuem atributos considerados indesejáveis, como os agressivos, os que se recusam a usar proteção ou que se negam a pagar pelos serviços sexuais, passam a ser reconhecidos, pois as mulheres trocam todas as informações que possibilitam classificar os clientes. Moraes (1995) conclui que:

“[...] são todas estas classificações que terminam por configurar uma rede de proteção e solidariedade que, durante as rotinas de trabalho, acaba por relativizar parte da competição e conflitos vividos entre elas[mulheres que exercem o trabalho sexual] e também entre elas e outros atores (MORAES, 1995, p.142).”

Ao socializarem os critérios e métodos de escolha dos clientes, as mulheres que exercem o trabalho sexual fortalecem a rede de solidariedade interna, de forma a atingir todos os níveis de convívios, seja com clientes, cafetões, freqüentadores das casas noturnas e outras pessoas. Para Moraes (1995), os critérios e métodos que essas mulheres adotam para classificar e negociar com clientes aponta questões trabalhistas relevantes como tempo, pagamento, segurança, proteção, habilidade e especialização. Tais critérios não são estáticos, apresentam variações de acordo com a cultura de cada grupo, pois os valores das prostitutas não se apresentam como cultura homogênea. Assim, algumas práticas sexuais que podem ser refutadas por mulheres que exercem o trabalho sexual, na rua ou em casas noturnas, poderão ser aceitas por aquelas que exercem a prostituição de luxo. A autora destaca que:

“Quando se conhece efetivamente as práticas e rituais inerentes ao atendimento podemos dizer que, resumidamente, a prostituta faz uma oferta, ou o cliente faz uma solicitação; mas é ela quem dá a última palavra. É ela quem admite, ou não as condições finais para o atendimento (MORAES, 1995, p.135).”

Capítulo III – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL EM SÃO CARLOS

3.1 - O trabalho sexual em São Carlos

Para compreender os sentidos implícitos nos relatos das pessoas, é preciso apreender o contexto histórico e social em que os mesmos foram produzidos (FREITAS, 2002). Este capítulo foi elaborado com intuito de apresentar o contexto no qual foram elaborados os relatos coletados ao longo das entrevistas. Para redação deste texto, lancei mão da experiência obtida, nesse campo de pesquisa, por meio do desenvolvimento da atividade de extensão sobre educação e direitos humanos. A bibliografia produzida por pessoas do Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS), no período de 1998 a 2004, foi utilizada como principal fonte de dados. A escolha dessa fonte justifica-se pelo fato do grupo estudar, desde 1991, a temática investigada nesta pesquisa, além de desenvolver ações educativas continuadas com mulheres que prestam serviços sexuais, em casas noturnas da cidade. O material consultado apresenta descrição, análise e algumas reflexões acerca de ações educativas realizadas com mulheres trabalhadoras do sexo.

Cabe ressaltar que não pretendo estender as observações apresentadas, nesta contextualização, a todas as casas noturnas da cidade. A intenção foi traçar um esboço geral das características referentes às casas noturnas, onde foram realizadas ações educativas por pessoas do GETS.

Inicialmente será caracterizado o ambiente de desenvolvimento do trabalho sexual. São apresentados aspectos relativos à organização do trabalho e à convivência nas casas noturnas, seguidos de relatos cedidos pelas mulheres, de modo a ilustrar as observações formuladas por mim. A fim de preservar a identidade das pessoas participantes das ações educativas realizadas nas casas noturnas, foram empregados nomes fictícios para fazer referência a elas. Também por esse motivo, não serão revelados os nomes dos estabelecimentos, cada casa é referenciada pelo emprego de algarismos.

Por fim, serão tecidos breves comentários acerca da diversidade de relações estabelecidas entre as pessoas que ofertam e as que demandam serviços sexuais em casas noturnas.

3.2 - As casas noturnas e a organização do trabalho sexual

A oferta de serviços sexuais, em São Carlos, ocorre tanto nos estabelecimentos comerciais privados e fechados (hotéis, drive-in, casas noturnas), como em locais públicos e abertos (ruas, rodovias e avenidas). Nesta pesquisa, trabalhar-se-á com mulheres que exercem o trabalho sexual em casas noturnas. Nesses estabelecimentos comerciais, além de serviços sexuais, também há oferta de bebidas e alimentos que podem ser comprados e consumidos pela clientela e pelas mulheres que prestam serviços sexuais.

Nas casas noturnas, onde foram desenvolvidas atividades de pesquisa e extensão por pessoas do GETS, pôde-se constatar que grande parcela das mulheres que prestam serviços sexuais reside próximo ao local de trabalho. As mulheres são migrantes oriundas de cidades próximas a São Carlos como Araraquara, Porto Ferreira, Piracicaba, Limeira, Taquaritinga e outras. Há mulheres que vêm de outros estados da região Sudeste como Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo que algumas vêm de outras regiões do Brasil como Nordeste, Centro-Oeste e principalmente da região Norte (FERREIRA, 2003; SOUSA, 2003).

Ao visitar diferentes casas noturnas da cidade, notam-se traços de semelhança entre elas. Geralmente esses estabelecimentos possuem alguns espaços de convivência como sala, cozinha e salão.

Na sala, algumas mulheres passam a tarde assistindo a novela, filmes ou outros programas vespertinos veiculados na televisão aberta.

Além da sala, as casas noturnas geralmente possuem cozinha com utensílios como panelas, copos, talheres e outros. Em algumas casas, há um funcionário responsável pelos serviços de cozinha, como preparar o jantar das mulheres que, freqüentemente, é servido por volta das 18:00h. Em outras casas, uma mulher trabalhadora do sexo é responsável por essa função, nesses casos, ela estabelece um acordo com o proprietário ou proprietária da casa noturna e recebe remuneração extra por exercer tal tarefa.

Há também o salão, lugar de destaque na casa noturna, onde pode ocorrer a negociação do programa. Nesse local, há o palco cujas paredes são recobertas por veludo ou outro tecido vermelho, é comum a presença de espelhos ou desenhos de mulheres para enfeitar o ambiente. Máquinas musicais também estão presentes em algumas casas. No salão, há espaço para dançar e o balcão, onde estão expostas e preparadas bebidas alcoólicas e porções.

A decoração do salão é parecida, nas diferentes casas noturnas da cidade. Ao serem questionados, proprietário e proprietária da Casa 07 revelaram que isso ocorre para melhor atender aos clientes. De acordo com ambos, existe uma rotatividade da clientela, nos estabelecimentos desse ramo, e a similaridade de regras visa a garantir aos clientes uma maior adaptação.

No salão, podem ocorrer negociações entre clientes e mulheres que prestam serviços sexuais relativas ao preço e tipo de programa e o uso do preservativo. Há mulheres que combinam o preço, o uso da camisinha, a modalidade de programa e as condições de execução, antes de ir para o local onde realizará o programa. Também existem aquelas que preferem negociar, quando estão a sós com o cliente, para não se exporem diante das demais pessoas presentes no salão. Os relatos abaixo ilustram essa diversidade de opiniões:

“A melhor hora de combinar a camisinha é no salão. Eu gosto de combinar tudo antes, camisinha até pra sexo oral. Pro cara já ir para o quarto combinado, sabendo de tudo.” *Débora*

“Eu falo no quarto. Porque não gosto de falar no salão no meio de outras pessoas.” *Diana*

(In. PEREIRA, 2002)

Segundo relatos de mulheres que prestam serviços sexuais, um de seus deveres é o cumprimento do horário de apresentar-se, no salão, o que se dá por volta das 20h ou 21h. Nesse horário ocorre a chegada dos primeiros clientes e as mulheres devem estar no salão para recepcioná-los.

As regras de convivência, nas casas noturnas, são as mesmas tanto para as mulheres novatas, quanto para as que exercem o trabalho sexual há mais tempo no local (FERREIRA, 2003). Os relatos das mulheres trabalhadoras do sexo apontam que cada uma deve realizar sua parte para organizar o local:

“A gente não tem obrigações na casa, cada uma deve cuidar de suas coisas e estar no salão às oito.” *Carla*

“Não tem uma divisão de tarefas na casa. Cada uma cuida de suas coisas.”

Marcela

(In. FERREIRA, 2003)

Em conformidade com o nome recebido, as casas noturnas de São Carlos estão abertas ao público apenas no período noturno. Durante o dia, muitas mulheres prestam serviços sexuais aos chamados clientes fixos, que as contatam por telefone e combinam programas em locais como chácaras, hotéis ou a própria casa do cliente. Há casas que realizam churrascos, aos sábados à tarde, com a participação de clientes e mulheres trabalhadoras do sexo. Geralmente, as mulheres folgam no domingo, nesse dia, boa parcela delas regressa para sua cidade de origem com intuito de visitar filhos e outros familiares.

Nas casas noturnas, freqüentemente, há um preço mínimo cobrado por programa que é pré-determinado e tabelado em cada estabelecimento. Esse preço costuma ser fixo nas casas de localização próxima, impossibilitando que o cliente possa barganhá-lo. O valor cobrado pelo programa é destinado integralmente à mulher que prestou o serviço sexual, ela possui liberdade para negociar com o cliente um preço maior que o tabelado, caso ele demande um serviço sexual diferenciado. Cada serviço sexual possui um preço, existem mulheres que aceitam realizar diversos tipos de serviços sexuais, inclusive os que envolvem prática de sexo oral ou anal.

Fátima – uma das mulheres que prestava serviços sexuais em São Carlos no ano de 2003 - disse que além do sexo anal e oral, o show erótico também é uma modalidade diferenciada de serviço sexual. Em sua opinião esse tipo de programa é muito difícil, pois existe a pressão da platéia. Nele, a mulher trabalhadora do sexo realiza um show erótico para a clientela, e o cliente interessado pode pagar para manter relações sexuais publicamente. Fátima revelou que, muitas vezes, o cliente não consegue realizar o programa devido à pressão das pessoas presentes (SOUSA, 2003 b). Cabe ressaltar que essa modalidade de serviço não é realizada em todas as casas noturnas.

A opção por exercer o trabalho sexual em casas e não nas ruas, geralmente, se dá por causa de segurança e discrição. As mulheres revelaram que prestar serviços sexuais na rua resulta em exposição, há a possibilidade de ser vista e identificada por algum parente ou amigo e, nem sempre isso é desejável. Outras mulheres optam por trabalhar em estabelecimentos fechados, a fim de minimizar a exposição à violência. Nas casas noturnas,

conta-se com a presença de seguranças que agem quando os clientes estão demasiadamente embriagados e passam a incomodar ou ameaçar as pessoas. A presença de seguranças inibe atos de violência por parte de clientes, é o que aponta o relato abaixo:

“Trabalhar na rua é mais perigoso, mas aqui na casa não tem segurança também, mas os homens não sabem disso, então eles acham que tem segurança na casa e se controlam.” *Leila*

(In. PRZEWOZINSKI; et all, 2000)

As mulheres que prestam serviços sexuais se unem para preservar sua segurança e a das companheiras, revelaram que ficam atentas quando o programa é demorado e notam quando alguma mulher fica muito tempo demorado fora do salão. Fran que presta serviços sexuais na Casa 06 discorre sobre os perigos relativos a essa atividade:

“Tem muito risco nesse trabalho. Viver na noite é muito arriscado, tem muita violência. Eu já vi muita coisa acontecer. Tem cliente que é uma pessoa fora do quarto e é outra pessoa completamente diferente entre quatro paredes.”

Fran

(In. FERREIRA e SOUSA, 2004)

De acordo com Fran, a violência pode se manifestar por meio de agressões físicas ou verbais. Há clientes que ofendem as mulheres com palavras, procuram humilhá-las e acreditam que podem fazer o que desejam porque estão pagando. Fran revelou que as ações de violência cometidas pelos clientes, nem sempre, são punidas. Em algumas casas, o proprietário ou proprietária preocupa-se em preservar a integridade física das mulheres que prestam serviços sexuais. Em outros estabelecimentos, quem manda é o cliente e, nesses casos, dificilmente o cliente será punido por seus atos.

Outro aspecto abordado nos relatórios analisados é a questão da mobilidade por parte das mulheres trabalhadoras do sexo. Darci já exerceu o trabalho sexual em diferentes cidades, como Araras, Sertãozinho, Ribeirão Preto, Franca e Bertioga, ela afirma que a mobilidade faz parte do trabalho sexual. Os clientes, geralmente, são sempre os mesmos na

mesma cidade, dessa forma é preciso mudar, conhecer novos lugares e outras pessoas. Os relatos abaixo confirmam a opinião de Darci:

“As meninas rodam de casa em casa, onde está dando dinheiro você pára e fica.” *Daisy*

“A mobilidade nas casas também existe no Rio, por isso eu vim para São Carlos. Depois do Carnaval as boates vão ficando fracas de movimento, quem tem dinheiro gasta tudo no Carnaval, o movimento só vai ficar bom de novo lá para o meio do ano” *Fátima*

(In. SOUSA, 2003)

3.3 - A rede de relações traçada pela mulher que presta serviços sexuais

O desenvolvimento de atividades de extensão e pesquisa possibilitou, às pessoas do GETS, a convivência com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas da cidade. Pouco a pouco, construíram-se vínculos com elas e com outras pessoas que trabalham nas casas noturnas, como funcionários e proprietários dos estabelecimentos.

Nos relatórios analisados, há registro da participação dessas pessoas nas intervenções, conversas e debates desenvolvidos pelo GETS. Na casa 04, o cozinheiro participou de algumas dinâmicas de grupo sobre gênero, o proprietário dessa casa chegava por volta das 17:00 e, por vezes, sentava para conversar conosco. Na casa 06, foram realizadas conversas com o funcionário que vigia a casa durante o dia, também houve a participação da manicura que conversava conosco sobre as demais casas noturnas da cidade, enquanto cuidava dos pés e mãos das mulheres trabalhadoras do sexo. E na casa 07, o proprietário e a proprietária participaram de algumas conversas (SOUSA, 2003a, 2003b).

O diálogo com pessoas que também convivem nas casas noturnas desvelou uma rede de relações sociais traçadas entre diferentes seres que interagem nesses espaços, contrariando assim, o senso comum que tende a reduzir a prostituição às relações entre prostituta e clientela.

3.3.1 Por que exercer o trabalho sexual?

A maioria das mulheres realizava outra atividade, antes de prestar serviços sexuais. Elas exerciam ocupações como a de babá, empregada doméstica, auxiliar de administração ou limpeza, balconista, esteticista etc. E foram motivadas a exercer o trabalho sexual pela possibilidade de obter maiores ganhos financeiros. Uma mulher que presta serviços sexuais disse:

“Não devia existir preconceito, ser prostituta é uma consequência da falta de emprego” *Carla* (In. FERREIRA, 2002)

Essa fala aponta que, para algumas pessoas, o trabalho sexual é visto como uma estratégia para driblar a dificuldade de obter emprego e remuneração capaz de garantir sua subsistência.

Para Ferreira (2002), também existem questões pessoais que justificam a opção por exercer o trabalho sexual, como o sustento dos filhos e outros familiares. As falas abaixo ilustram essa observação:

“A gente acostuma na noite, dá dinheiro. Se eu tivesse trabalhando como babá não ganharia a mesma coisa” *Fernanda*

“Já trabalhei em escritório e ganhava 500 R\$. Tinha que sustentar dois filhos e com esse salário não dava. Vim para noite pra ganhar mais.” *Deila*

“Quero ficar na noite para ganhar uma grana legal, preciso sustentar meu filho. Não quero ficar na noite para sempre” *Fiona*

(In. FERREIRA, 2002)

O desejo de se libertar de um casamento opressor, de se divertir ou obter independência financeira também influenciam na opção por exercer tal trabalho. Como no relato que segue:

“Na noite aprendi o que é vida, aqui eu tenho liberdade, tenho meu dinheiro. Quando era casada o meu marido mandava em mim. A noite é o ‘fervo’. Quem sabe um dia abro uma loja de roupa na minha cidade. Toda a minha família sabe o que eu faço, não escondo nada de ninguém.” *Darci*

(In. FERREIRA, 2002)

3.3.2 Relações familiares

Como já afirmado anteriormente, grande parcela das trabalhadoras do sexo que participou de atividades desenvolvidas pelo GETS é composta por migrantes e mantêm relações com seus familiares. Possuem faixa etária entre 20 e 30 anos, nenhuma delas apresenta idade inferior a 18 anos, sendo este um pré-requisito estabelecido pelos proprietários das casas noturnas para a aceitação de mulheres nesses tipos de estabelecimentos comerciais.

Nas falas registradas nos relatórios, as mulheres disseram que mantêm relações constantes com filhos e outros familiares e que, frequentemente, confiam seus filhos aos cuidados de suas mães. Embora os filhos residam em local distante, estão sempre presentes em suas lembranças; geralmente as mulheres mostram fotografias deles, além de roupas e outros presentes comprados para eles. Muitas delas visitam seus filhos durante o final de semana e enviam dinheiro para subsidiar seus gastos ou de outros familiares. Os relatos abaixo ilustram essa afirmativa

“No fim de semana vou para casa ficar com meus filhos. Tenho dois filhos.”

Daisy

“Aqui na boate eu sou profissional do sexo, fora daqui faço compras, cuido da minha filha”. *Cássia*

“[...] quero ajudar meu irmão que quer prestar vestibular para Física, quero reformar o sítio da minha mãe porque ela quer vender comida caseira...”

Márcia

(In. SILVA, 2002)

Para Silva (2002) que estudou a construção da identidade das mulheres trabalhadoras do sexo, a maternidade e os problemas financeiros são apontados como justificativa para o ingresso na atividade sexual. A autora conclui que:

“Os filhos são tão importantes que, para garantir-lhes o bem-estar necessário, elas são capazes de fazer qualquer coisa, inclusive se sujeitar ao trabalho sexual. Este, ao contrário de significar um abandono ou um mau desempenho

de suas funções enquanto mães, atua como fator que reafirma essas funções, ou seja, a uma mãe de verdade cabe qualquer sacrifício, até mesmo o trabalho sexual.” (SILVA, 2002)

Algumas mulheres revelam para seus familiares que exercem o trabalho sexual, outras preferem exercê-lo em sigilo. A família pode reagir de diferentes formas, há aquelas que apóiam a decisão da mulher, alegando que cada pessoa deve ser responsável por sua vida. Foi o que ocorreu com Darci (Casa 04), após vivenciar um casamento mal sucedido, ela avisou a mãe e irmãos que iria exercer o trabalho sexual. Ela disse que recebeu o apoio dos irmãos, mas sua mãe teve dificuldades para aceitar sua escolha e, por vezes, pedia para ela abandonar essa atividade.

Existem famílias que, por questões morais ou outros motivos, posicionam-se contra o trabalho sexual. Nesse caso, a prestação de serviços sexuais não é percebida como trabalho, e a pessoa que a realiza deixa de ser aceita no núcleo familiar e passa a sofrer reprovação. Por outro lado, também existem famílias que respeitam essa ocupação, é o que observa Fátima (Casa 06). Ela disse que seus conhecidos, vizinhos, sua família e seus dois filhos sabem que ela exerce o trabalho sexual e respeitam sua decisão. Fátima reside com seus filhos, em um apartamento na cidade do Rio de Janeiro. Quando o movimento cai, nas casas noturnas do Rio, ela viaja para outras cidades, presta serviços sexuais por uma ou duas semanas e depois regressa para casa. Enquanto viaja, as crianças ficam com sua mãe.

3.3.3 Relações de gênero

Nas intervenções e dinâmicas, realizadas nas casas 04 e 06, cuja temática era relações de gênero, as mulheres que prestam serviços sexuais destacaram diferenças atribuídas aos papéis masculino e feminino.

Em relação ao cuidado dos filhos, as mulheres que exerciam o trabalho sexual na casa 04, em 2003, disseram que geralmente é a mãe quem cuida dos filhos. Falaram que essa realidade não deveria ser assim, pois a responsabilidade em cuidar dos filhos deveria ser igual para homens e mulheres, mas que infelizmente não é isso o que ocorre na maioria das vezes. Uma participante apontou que em sua opinião a mulher é mais apegada ao filho

porque sabe a dor de ter uma criança, sendo assim ela conhece a dor de perdê-lo e talvez por esse motivo ela acaba por assumir as responsabilidades.

Na casa 06, uma das participantes confirmou que a mulher é mais ligada à família e ao cuidado dos filhos. Para ela, o homem geralmente é desligado da família. Outra mulher que também participava da dinâmica discordou dessa opinião, alegando que tudo depende da forma como a pessoa é criada e educada, ela citou sua família como exemplo, dizendo que seus irmãos são apegados à mãe, mais que ela e suas irmãs.

“Depende da forma como ele (o homem) é criado. Na minha casa meus irmãos ficam mais na barra da saia da minha mãe, do que eu.” *Edna*

“A mulher assume mais a responsabilidade (no cuidado dos filhos) porque isso já vem lá de trás”. *Marcela*

(In. SOUSA, 2003 b)

Os relatos das mulheres que exerciam o trabalho sexual, na casa 04, denotam suas percepções sobre a influência da educação na formação dos papéis sociais atribuídos ao homem e a mulher.

“A mãe acha engraçado quando dá banho no menino e ele fica com o ‘pipizinho’ duro, com a menina é diferente, minha mãe até outro dia chamava a atenção das minhas filhas quando elas sentavam com as pernas abertas”

Carmem

“Hoje em dia o mundo está mudando. Se eu tivesse uma filha hoje, eu a criaria de forma diferente da que eu criei as minhas filhas.” *Dorothy*

(In. SOUSA, 2003)

Ao debater questões ligadas à sexualidade, como transar ou não no primeiro encontro, as participantes afirmaram que quem sente insegurança é a mulher e não o homem, pois eles sempre querem transar no primeiro ou segundo encontro. Para algumas mulheres que participaram da dinâmica, na casa 04, o homem sente uma necessidade maior em manter relações sexuais, a mulher sente vontade, mas consegue se controlar. Uma das mulheres discordou dessa crença e revelou que também sentia essa necessidade, em sua opinião, a diferença é que a mulher foi educada para se controlar e o homem não.

A postura do homem interfere na forma como a mulher vivencia sua sexualidade, muitas vezes, ele se assusta quando a parceira quer inovar e realizar práticas sexuais diferenciadas e dessa forma a reprime:

“Os homens casados têm medo quando a sua mulher quer inovar na cama, já acha que ela virou ‘biscate’. Eles mesmos fazem a mulher pensar assim.”

Débora

“Todo homem quer uma mulher certinha para apresentar à sociedade, mas à noite ele quer uma ‘putinha’ com ele na cama.” *Ana*

(In. SOUSA, 2003 b)

3.3.4 - Relações com clientes x relações com namorado

Embora o termo ‘cliente’, geralmente, traga à tona a imagem do homem, os relatos das mulheres que prestam serviços sexuais, em São Carlos, apontaram que sua clientela não é composta exclusivamente por homens, mas também por casais e mulheres.

A clientela é composta por pessoas de diferentes grupos sociais, que exercem profissões diversificadas e que também demandam serviços sexuais diversificados. Nem sempre os relacionamentos entre cliente e prostituta têm como fim o sexo, por vezes, este é substituído por outras atividades como uma conversa, um pedido de conselho ou um desabafo. Três mulheres que trabalhavam na casa 06, em 2003, disseram que alguns clientes procuram-nas para desabafar, relatar seus desentendimentos conjugais ou tirar dúvidas sobre dificuldades sexuais, como problemas de ereção. Existem clientes que moram na casa de suas mães e sentem dificuldade para iniciar um relacionamento afetivo, por isso procuram as mulheres trabalhadoras do sexo, com intuito de conversar e obter dicas de como iniciar um namoro. Também existe o cliente denominado “mala” que vai à casa noturna apenas para beber e incomodar as mulheres que prestam serviços sexuais (SOUSA, 2003 b).

Damiane e Darcy, da casa 04, disseram que São Carlos é uma boa cidade para exercer o trabalho sexual. Para Darcy, freqüentar boates e casas noturnas é a diversão de muitos homens da cidade, talvez por isso eles sejam mais gentis e menos preconceituosos que em outros lugares onde já prestou serviços sexuais. Apesar dessa observação, as duas

destacaram aspectos de violência nas suas relações com a clientela. Elas disseram que não gostam quando os clientes questionam o porquê delas exercerem o trabalho sexual e consideram uma forma de violência comentários como “por que você não larga essa vida?”, “por que você não procura outro emprego?”, “por que você está nessa vida?”, que freqüentemente são ditos por clientes. O relato de Darcy define o bom e mau cliente:

“O bom cliente é aquele que trata bem, que é carinhoso e paga bem. Não necessariamente precisa ser bonito, pode ser jovem ou velho. Eu não gosto de ficar com ‘boy’, prefiro cliente mais velho, talvez por causa da minha idade, mas eu sempre gostei de homem mais velho. Já o mau cliente é aquele que finge que não te escuta, às vezes pode até pagar bem, mas é chato. Pergunta por que estamos nessa vida, por que não procuramos outro emprego.” *Darci* (In. SOUSA, 2003).

Ferreira (2002) conclui que as relações com os clientes são colocadas pelas mulheres trabalhadoras do sexo como uma troca comercial. No entanto, a fala de Darcy aponta que o fato de pagar bem não é o único critério adotado para definir o bom cliente. Para ser um bom cliente, além de pagar bem, é preciso tratar a mulher com respeito, saber escutá-la, e seguir o acordo feito antes da realização do programa.

Antes de se efetivar o programa, ocorre um acordo verbal entre prostituta e cliente sobre o tipo de serviço sexual a ser prestado, o preço, o tempo do programa e o uso da camisinha. Ao mencionarem o uso de preservativos, todas mulheres afirmaram utilizá-los com a clientela. As mulheres comentaram que alguns clientes se propõem a pagar mais por um programa sem camisinha, no entanto, essa atitude gera desconfiança e visando a sua própria segurança, costumam se recusar a realizar programas sem preservativos.

Já nas relações com o namorado, o uso do preservativo não se faz tão freqüente como nos relacionamentos com a clientela. Boa parte das trabalhadoras do sexo revelou que não usa camisinha com o namorado, pois existe a confiança no parceiro. O uso de preservativo e algumas práticas sexuais são utilizados para delimitar o corpo na prostituição e o corpo fora dela. Com o cliente o uso de camisinha é obrigatório e algumas práticas sexuais são negadas, com intuito de restringir algumas áreas do corpo que são permitidas apenas nos relacionamentos com o namorado.

“Jamais faço sexo anal com um cliente, só com o meu namorado.” *Ana*
“Não consigo gozar com nenhum cliente, sinto nojo, só com o meu namorado, mas também não é sempre.” *Cássia*
“No primeiro mês de namoro usei camisinha, mas agora não uso mais. Ele sabe que sou garota de programa”. *Letícia*
“Sempre uso camisinha com o cliente, não transo sem camisinha com o cliente por dinheiro nenhum.” *Fátima*
(In. FERREIRA, 2002)

3.3.5 Relações de risco no trabalho sexual

A análise dos relatórios permitiu identificar alguns fatores que, constantemente, são apontados pelas mulheres ao se debater os riscos presentes no trabalho sexual. Nas intervenções que direta ou indiretamente abordaram esse assunto, percebe-se a preocupação das mulheres com a possibilidade de contrair HIV e outras IST*. Essa preocupação se dá, pois segundo seus relatos, alguns clientes são resistentes quanto ao uso do preservativo. Existem clientes que aceitam o uso do preservativo, mas depois tentam retirá-lo. As mulheres que prestam serviços sexuais afirmaram que é preciso ficar atenta, durante a realização do programa, pois alguns clientes retiram o preservativo e depois alegam que o mesmo escapou. Os relatos abaixo confirmam essa observação:

“Tem homem que vem aqui e não quer usar a camisinha de jeito nenhum”.
Fábia
“A gente tem que ficar esperta, quando ele muda de posição, tem que ir correndo e por a mão no pinto pra ver se ele não tirou a camisinha” *Márcia*
“[...] Tem médico que vem aqui e não quer usar”. *Leila*
(In. PEREIRA, 1999)

* IST – Infecções sexualmente transmissíveis.

A clandestinidade é outro fator que pode aumentar os riscos dessa atividade. Na legislação brasileira, a prática da prostituição é tolerada, mas todo seu entorno é punido, como facilitá-la ou manter casas noturnas com fim de prostituição. Essa contradição legal faz com que muitas mulheres sejam impelidas a prestar serviços sexuais em espaços delimitados que podem potencializar situações de riscos:

“Aqui é uma firma, aqui é submundo, vivemos no meio de ladrão, de traficante e temos que produzir.” *Cláudia*

(*In. PRZEWOZINSKI; et all,2000*)

A realização do programa nas casas noturnas é proibida legalmente, pois isso caracteriza o estabelecimento comercial como casa de prostituição. Assim, a mulher que presta serviços sexuais é obrigada a deixar a casa noturna para realizar o programa em algum hotel ou motel da cidade. Ao sair da casa, não há mais a presença dos seguranças, o que pode aumentar a possibilidade de violência por parte do cliente.

Não só a agressão física é entendida como forma de violência, a discriminação e a imposição de um padrão de beleza também são percebidas como manifestações de violência pelas mulheres trabalhadoras do sexo. Para elas, o abuso de drogas também potencializa a vivência de situações de risco e violência, como a diminuição da atenção frente ao uso do preservativo e o desenvolvimento de atitudes agressivas por parte do cliente, durante o programa.

Capítulo IV – O PERCURSO METODOLÓGICO E A BUSCA PELA DIALOGICIDADE

Apresento, aqui, o caminho traçado no sentido de investigar processos educativos que se dão nas relações estabelecidas entre mulheres que prestam serviços sexuais e sua clientela, a partir da percepção dessas mulheres sobre tais processos.

Primeiramente, teço comentários sobre a concepção de educação problematizadora e dialógica que foi adotada como aporte teórico-metodológico desta pesquisa. A seguir discorro sobre as etapas metodológicas trilhadas nesta investigação, quais sejam:

a) *contextualização*: estudo da realidade vivenciada por mulheres que prestam serviços sexuais em São Carlos;

b) *levantamento de temas-geradores*: identificação de unidades significativas dessa realidade estudada;

c) *formulação do roteiro de entrevistas*: problematização dos temas-geradores;

d) *realização de entrevistas*;

e) *análise de dados*.

Cabe ressaltar que a metodologia desta investigação também foi composta pelas etapas iniciais que envolveram a formulação da questão de pesquisa e a elaboração do referencial teórico, que não serão detalhadas neste capítulo, pois já foram apresentadas anteriormente.

4.1 – Observações sobre educação dialógica e metodologia de pesquisa

Almejando realizar uma investigação na qual os sujeitos da pesquisa sejam percebidos como seres históricos e inconclusos, optei por desenvolver uma metodologia que fosse embasada na dialogicidade. Esse conceito, amplamente desenvolvido por Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*^{*}, já fora discutido pelo autor em *Educação como prática da liberdade*^{*}.

^{*} Com primeira publicação datada de 1970.

^{*} Com primeira publicação datada de 1967.

Freire (1970) relata que quando tentamos adentrar no diálogo, como fenômeno humano, nos deparamos com a palavra. Para que a palavra não se torne vazia (verbalismo, palavreria) é preciso buscar seus elementos constituintes: ação e reflexão (práxis). De acordo com o autor “*não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (1970, p.91)*”.

Qualquer dicotomia entre os elementos constituintes da palavra resulta em sua inautenticidade e, conseqüentemente, gera formas inautênticas de existir e pensar. Os seres humanos se fazem na palavra, na ação-reflexão. O diálogo é o encontro dos seres humanos, mediatizados pelo mundo, com intenção de dizer a palavra verdadeira, ou seja, pronunciar o mundo, modificá-lo.

Ao longo de todo o processo de pesquisa busquei traçar um percurso metodológico coerente com a concepção de educação dialógica, postulada por Freire (1970). Nessa concepção educativa, as pessoas intencionadas ao diálogo, podem ampliar seu poder de captação e compreensão do mundo, não mais como uma realidade estática, acabada, mas sim como uma realidade processual, em constante transformação. Parte-se da premissa de que todos os grupos sociais possuem inteligência cultural, apresentam suas próprias maneiras de perceber a situação em que se encontram, suas formas de vivenciar experiências e de produzir conhecimento (FLECHA, 1997).

Os modos de ser, agir e pensar apresentados pelos sujeitos são influenciados pelas relações sociais em que se envolvem. Ao interagir com os outros e com o mundo, visando à compreensão de sua realidade, o sujeito significa seu entorno e a si próprio. Para compreender o ser humano em sua especificidade humana é preciso situá-lo no constante processo de expressão e criação da realidade social, conhecer sua linguagem e seus textos (FREIRE, 1970).

4.2 – A investigação da temática significativa: ponto de partida da dialogicidade

De acordo com Freire (1970), uma unidade epocal é caracterizada pelo conjunto de idéias, valores, concepções, desafios e dúvidas em interação dialética com seus contrários. A representação concreta dessas idéias, valores e concepções, bem como os obstáculos que o ser humano encontra em sua busca por *ser mais*, constituem os temas de época. Estes implicam em outros temas que são seu contrário e também indicam tarefas a serem

cumpridas. Por exemplo, o tema da humanização tem como seu contrário o tema da desumanização, ambos demandam uma ação do ser humano na realidade, seja para mantê-la ou para transformá-la.

“Frente a este ‘*universo*’ de temas que dialeticamente se contradizem, os homens tomam suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança” (FREIRE, 1970, p. 109).

Na medida em que os seres humanos criam, recriam e decidem, vão se conformando as épocas históricas. A participação humana nessas épocas será mais efetiva toda vez que os sujeitos se apropriem de sua *temática significativa*⁸ e reconheçam suas tarefas concretas (FREIRE, 1975).

A busca pela temática significativa é apontada pelo autor como o ponto de partida do processo educativo e de sua dialogicidade. Segundo Freire (1985), o pesquisador que almeja ser coerente com a prática educativa dialógica, precisa reconhecer os participantes de sua pesquisa como sujeitos capazes de produzir cultura e conhecimento, em suas relações com o mundo e com os outros. O autor reafirma que não se deve tomar o ser humano como objeto de investigação, mas sim o seu pensamento-linguagem referido à realidade, seus níveis de percepção da realidade, sua visão de mundo, em que se encontram envolvidos seus *temas geradores*.

O conjunto desses temas constitui o “*universo temático*” de dado grupo social, sua temática significativa relacionada a suas aspirações, motivações e finalidades, suas dúvidas, anseios e esperanças (Freire, 1970). Os *temas-geradores* são unidades significativas da realidade vivenciada pelos seres humanos, em certo contexto histórico-social, que ao serem analisados podem possibilitar-lhes uma compreensão mais crítica da totalidade em que estão. Essa compreensão crítica se desenvolve na medida em que os seres humanos refletem e agem no sentido de superar as *situações-limites* que os desafiam cotidianamente. Os temas são denominados “geradores”, pois trazem consigo a idéia de continuidade e de

⁸ Conjunto de temas-geradores referentes a certo grupo social, em dada época histórica. Também é denomina-se ‘universo temático’ (FREIRE, 1970).

desdobramento em vários outros temas e em novos desafios que, por sua vez, deverão ser respondidos pelos sujeitos gerando novos *atos-limite*.

A fim de conhecer o contexto em que vivem as mulheres que prestam serviços sexuais em São Carlos, bem como o seu “*universo temático*”, foram realizadas duas etapas intituladas: a) contextualização do trabalho sexual em São Carlos; b) levantamento de *temas-geradores*.

Na **etapa da contextualização**, realizei um estudo da literatura produzida sobre o trabalho sexual em casas noturnas da cidade, tomando a produção bibliográfica do Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS) como principal aporte teórico. Foram consultados relatórios e artigos, produzidos no período de 1998 a 2004, nos quais são descritas atividades de extensão e pesquisa desenvolvidas com mulheres trabalhadoras do sexo.

Para Fonseca (1999), é importante considerar o sujeito de pesquisa em seu contexto, e alerta para a necessidade de analisá-lo considerando seus aspectos sociais. Pesquisadores ligados à perspectiva metodológica da investigação participativa, como Brandão (1985), Le Boterf (1985) e demais colaboradores, destacam que a busca pelo conhecimento sobre a realidade investigada deve ser constante e se estender durante todo o processo de pesquisa.

Dessa forma, procurei olhar para a realidade vivenciada pelas mulheres, nas casas noturnas, buscando identificar e estabelecer relações entre:

- a estrutura social do grupo de mulheres que prestam serviços sexuais (organização do trabalho sexual nas casas noturnas, interações entre trabalhadoras do sexo e gerente, entre os clientes, seus familiares e entre elas mesmas);
- a percepção dessas mulheres acerca dessa estrutura social (seus problemas e os principais acontecimentos de sua história);
- as informações sócio-econômicas e culturais relativas às mulheres prestadoras de serviços sexuais;
- a percepção dessas mulheres sobre processos educativos que se dão em suas interações com os clientes.

Ao final desta etapa, elaborei o terceiro capítulo desta dissertação com intuito de apresentar o contexto em que se dá a prestação de serviços sexuais em algumas casas noturnas da cidade. Após elaboração desse capítulo, teve início a **etapa do levantamento de temas-geradores**.

Nessa etapa, primeiramente, busquei identificar similaridades entre o que apontava os documentos sobre a realidade vivenciada pelas mulheres que prestam serviços sexuais em São Carlos e o que era apontado na bibliografia sobre prostituição produzida, em outras localidades, por pesquisadores e pessoas participantes de movimentos sociais. A bibliografia consultada nessa etapa foi Agustín (2000, 2001), Brasil (1996, 2002, 2003), Brussa (2002), Cáceres (2005), CBO (2002), Pais (2001), Reynaga (2004), Rago (1991), Souza (1998), além de artigos publicados no site do jornal Beijo da Rua* e de documentos produzidos por pessoas ligadas ao GETS. Notei que, tanto os documentos sobre o contexto local, como os textos produzidos por pessoas de outras localidades, faziam referência aos aspectos da vida na noite, como riscos e regras de organização do trabalho sexual; as relações com a clientela, maneiras de conversar com os clientes e atendê-los; a negociação acerca do preço do programa, do uso do preservativo e do tipo de prática sexual, etc.

Tendo como foco de análise processos educativos que se dão nas relações entre a mulher que presta serviços sexuais e sua clientela, foram destacados os seguintes *temas-geradores*: 1) na batalha, 2) vulnerabilidades da vida na noite, 3) negociação e atendimento ao cliente e 4) habilidades pessoais. O levantamento desses temas é resultado da busca por unidades significativas referentes à realidade vivenciada por mulheres que exercem o trabalho sexual, em casas noturnas de São Carlos. Os temas, isolados em si, não dão conta de expressar a totalidade vivenciada por essas mulheres. Só por meio da reflexão em torno desses temas e do esforço em identificar relações entre eles, é que se torna possível gerar uma nova maneira de compreender a realidade e assim, conseqüentemente, criar novas formas de atuar sobre ela.

Com intuito de confirmar com as mulheres que prestam serviços sexuais na casa 06, se esses temas levantados poderiam ser denominados como geradores, ou seja, se realmente são percebidos por elas como unidades significativas de sua realidade, elaborei um folder

* Para outras informações acessar: <<http://www.beijodarua.com.br>>.

de apresentação da pesquisa (*consultar apêndice I*) com os *temas-geradores* a serem abordados ao longo das entrevistas.

As mulheres receberam cópias impressas desse folder, leram os temas e foram questionadas se os mesmos traziam aspectos significativos de sua realidade. Elas confirmaram que os temas tratam de questões de seu cotidiano e demonstraram-se dispostas a refletir sobre eles e a participar das entrevistas.

4.3 - A formulação do roteiro de entrevistas: um exercício de problematização

Após conclusão do levantamento de temas, foi iniciado o processo de problematização, seguido da formulação do roteiro de entrevistas.

Primeiramente, na **etapa da problematização dos temas**, realizei um estudo bibliográfico, a fim de buscar relações entre os temas. A problematização é uma tentativa de identificar ligações entre os temas-geradores que devem ser abordados a partir de suas relações e não isoladamente (FREIRE, 1970). Nesse sentido formulei questões problematizadoras (*ver apêndice II*) para cada tema.

As questões sobre o tema “*na batalha*” teve como base o estudo do relatório da atividade de extensão* que desenvolvi com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas da cidade. Nessa experiência, as mulheres contaram suas noções prévias sobre a vida na noite e sobre a mulher da noite. A leitura da descrição da ocupação profissional do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002), também auxiliou-me na formulação de questões sobre esse tema, mais especificamente aquelas relacionadas a como batalhar o programa e abordar o cliente.

As questões problematizadoras referentes ao tema “*vulnerabilidades da vida na noite*” sobre riscos da noite como violência, uso de drogas, IST e negociação do uso do preservativo foram elaboradas com base no estudo de documentos produzidos pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2002 e 2003) e pelo GETS (FERREIRA, 2002, 2003, 2004; OLIVEIRA, 2003; PEREIRA, 1999, 2002; PRZEWOZINSKI; et all, 2000, SOUSA, 2003a, 2003b, 2004) tendo em vista que esse tema é abordado em diferentes trabalhos de extensão

* Na qual realizávamos encontros semanais para debater questões ligadas a educação e direitos humanos. Para outras informações verificar relatório (SOUSA, 2003a, 2003b)

e pesquisa realizados por pessoas ligadas a esse grupo. A leitura de artigos publicados no jornal “Beijo da Rua” (abril/julho, 2002) também contribuiu para a formulação de questões sobre o relacionamento com clientes: distinção de práticas sexuais destinadas a clientes e ao namorado, beijar ou não beijar o cliente, entre outras.

O terceiro tema “*negociação e atendimento ao cliente*” teve suas questões problematizadoras formuladas a partir do estudo de relatórios e artigos produzidos por pessoas ligadas ao GETS e da leitura da CBO (2002). Nesse último documento, há um item denominado “atender os clientes” que discorre sobre atividades desenvolvidas pela pessoa que presta serviços sexuais como: negociar serviços eróticos, fazer *strep-tease*, representar papéis, manter relações sexuais, dar conselhos a clientes com carências afetivas, etc. Essas atividades bem como o artigo de Agustín (2000) serviram como base para formulação das questões problematizadoras referentes ao tema 3. As questões sobre cliente-fixo foram elaboradas com base na pesquisa realizada por Souza (1998), em Fortaleza, que tratou de desvelar o perfil do cliente da prostituta e também, com base no trabalho de extensão que desenvolvi com mulheres que prestam serviços sexuais em São Carlos (SOUSA, 2003).

O tema “*habilidades pessoais*” foi elaborado a partir da leitura de textos como o de Moraes (1995) que versa sobre as rotinas de trabalho na Vila Mimosa e a descrição da ocupação profissional do sexo tais como, dançar com o cliente, satisfazer o ego dele, oferecer especialidades ao cliente, elogiá-lo, conquistar com o tato, seduzir com apelidos carinhosos, seduzir com o olhar, dentre outras. A partir dessas atividades foram formuladas as questões problematizadoras referentes a esse tema, algumas das quais visam a identificar se tais habilidades também podem ser estendidas aos clientes ou se são específicas das pessoas profissionais do sexo.

As questões problematizadoras foram empregadas como referência para orientar a condução das entrevistas, sendo empregadas na formulação do roteiro (*ver apêndice III*) e na orientação dos temas abordados ao longo das nossas conversas. Dessa forma tornou-se mais fácil identificar que ligações e pontes poderiam ser feitas de um assunto a outro, tornando assim, as entrevistas mais dinâmicas.

Para **elaboração do roteiro de entrevista** foram selecionadas algumas das questões problematizadoras sobre cada *tema-gerador*. Devido ao foco da pesquisa, foram priorizadas as questões que fazem referência direta às relações com os clientes.

4.4 – As entrevistas: tentativa de pronunciar o mundo

A realização das entrevistas constituiu outro momento do percurso metodológico trilhado ao longo desta pesquisa. A opção por realizar entrevistas se justifica porque esse ato é percebido como uma tentativa de instauração do diálogo, o ato de entrevistar é entendido como um encontro de sujeitos que visam a pronunciar o mundo e a refletir sobre sua realidade. A entrevista é uma situação de interação que envolve, portanto, um encontro de subjetividades.

O pesquisador que opta por trabalhar com uma metodologia, na qual a subjetividade é instrumento de conhecimento, deve assumir as implicações dessa postura, ou seja, seus esforços não devem ser mobilizados no sentido de anular as “interferências” da subjetividade, mas sim no sentido de conhecê-las. O compromisso com o conhecimento não implica na anulação de crenças e valores do pesquisador, mas sim na tomada de consciência de si, do outro e da própria situação de interação (TRIGO e BRIOSCHI, 1992).

A interação não se dá apenas pela proximidade físico-espacial, ela deve ser construída a partir das intenções dos envolvidos, devem ser apresentados e debatidos os objetivos do entrevistador e dos entrevistados. A condução de uma entrevista exige flexibilidade por parte dos envolvidos, é preciso que os participantes se reconheçam como sujeitos e estejam dispostos a se relacionar, tendo clareza de suas intenções.

Nos encontros de aproximação ao campo, procurei apresentar-me e falar um pouco sobre este trabalho de investigação, a questão de pesquisa, bem como, esclarecer possíveis dúvidas e conversar sobre minhas expectativas enquanto pesquisadora. Por outro lado, as mulheres também se apresentaram, contaram um pouco de suas histórias de vida e também levantaram dúvidas e expectativas em relação à pesquisa.

A situação de entrevista pode ser caracterizada por aspectos de intencionalidade e subjetividade, no entanto, sua contribuição para o conhecimento da realidade social resulta

do fato de ela ser a expressão de uma particularidade, uma interpretação singular de um sujeito a partir da sua posição na estrutura social.

“Nesse sentido, os relatos de vida são tomados como referências de um movimento social mais amplo: uma trajetória de vida que se insere em uma conjuntura, enquanto produto e produtora de uma determinada estrutura (TRIGO e BRIOSCHI, 1992, p.35).”

A entrevista, numa perspectiva sócio-histórica, é marcada por essa dimensão social, pois nela, é o sujeito que se expressa, mas sua fala carrega o tom de outras falas, produzindo assim um discurso que reflete a realidade de seu grupo, gênero, etnia e classe social (FREITAS, 2002).

O discurso produzido durante uma situação de entrevista não pode ser descolado de seu contexto. Para que ele seja inteligível é preciso levar em consideração quem o produziu e em que circunstâncias. A situação de entrevista não pode ser reduzida à mera troca de perguntas e respostas, sendo antes de tudo uma produção de linguagem, pois os relatos apresentados são carregados de sentidos.

“Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala (FREITAS, 2002, p.29).”

O sucesso na condução das entrevistas vai depender da forma como se estabelece o processo interativo entre entrevistador e entrevistado. Para construir o processo interativo com as pessoas que serão entrevistadas, o pesquisador deve se valer de conhecimentos sobre a realidade social referente à população investigada, seus sistemas de valores e códigos de conduta, sua temática significativa.

A experiência de ter realizado uma atividade de extensão com mulheres que prestam serviços sexuais, bem como a participação em atividades de pesquisa e extensão realizada por pessoas do GETS, desde 2002, resultaram em um conhecimento amplo do campo de pesquisa, o que me auxiliou nos contatos estabelecidos na casa 06, pois eu já conhecia algumas pessoas que trabalham lá. Tendo em vista a mobilidade apresentada pelas mulheres que prestam serviços sexuais, nas casas noturnas, faz-se necessário construir vínculos com outras pessoas que trabalham nesses estabelecimentos, como o vigia diurno, o cozinheiro, o proprietário etc.

Os contatos estabelecidos entre mim e as mulheres recém-chegadas, na casa 06, foram facilitados por intermédio de três funcionários que já me conheciam devido às atividades de extensão, realizadas pelo GETS. O sr. Felipe* que é segurança no período da tarde, a Fiona que já prestou serviços sexuais na casa 06 e, atualmente, realiza a limpeza do estabelecimento e o Fábio que é cozinheiro. Eles sempre se mostraram dispostos a conversar comigo, além de fazer as apresentações entre mim e as mulheres que concederam as entrevistas. Elas também apresentaram disponibilidade para falar comigo, se negando a conversar apenas quando ocupadas com outras tarefas, como ocorreu no dia em que as pessoas estavam empenhadas retirando uma chave que quebrou no contato do carro de um cliente.

Além do conteúdo das entrevistas, faz-se necessário registrar o modo como são estabelecidos os contatos entre as pessoas envolvidas, a forma como a pesquisadora é recebida pelas entrevistadas, o local em que a entrevista é realizada, o grau de disponibilidade para a concessão de depoimentos, os sinais corporais como gestos, risadas e tom de voz, pois tudo isso é significativo para a interpretação dos dados obtidos (DUARTE, 2002). Dessa forma, além de transcrever o conteúdo de nossas conversas (*consultar apêndice IV*) e elaborar o diário de campo (*ver apêndice V*), procuro sintetizar, aqui, o contexto em que se deu a realização de nossos encontros.

As visitas a campo foram realizadas no período vespertino, por volta das 15:30 às 17:00 horas. Geralmente eu chegava e entrava no estacionamento da boate, adentrava todo o terreno e chamava o pessoal. Algumas vezes, encontrei Fiona realizando a limpeza do

* Os nomes empregados são fictícios a fim de preservar a identidade das pessoas. Os nomes selecionados iniciam-se com a letra F pois fazem referência a pessoas ligadas a casa 06.

estabelecimento, outras vezes não havia ninguém, então eu passava direto e me dirigia ao portão que dá acesso à residência das mulheres, localizada no terreno atrás da casa noturna.

Nesses encontros, eu entrava na casa e sentava-me na sala com as mulheres que já estavam acordadas assistindo a televisão e, às vezes, lanchando. Sentava-me com elas e os demais funcionários e conversávamos sobre o movimento nas casas, nossos familiares, a vida na noite e os clientes. Algumas mulheres, vendo-me ali conversando com elas, por vezes, imaginaram que eu era uma nova colega de ocupação e perguntavam se eu iria trabalhar na boate. Eu explicava que participo de um grupo de estudos sobre trabalho sexual e que desenvolvo atividades nas casas noturnas, desde 2002, com intuito de estudar e conhecer a realidade da vida na noite. Aproveitava essas indagações para apresentar a questão de pesquisa investigada. Em outros encontros, não chegamos a conversar diretamente sobre a pesquisa a ser realizada, mas sim sobre questões levantadas pelas mulheres como o desabafo de Fádía sobre o fim de seu casamento e sua inserção na vida na noite.

Nas visitas a campo, conversei com sete mulheres que prestam serviços sexuais: Fádía, Fernanda, Fábía, Fran, Fátima, Flora e Darci*. Foram realizadas algumas conversas, além de uma entrevista individual e duas coletivas. As conversas foram registradas em diário de campo e as entrevistas foram gravadas. Inicialmente, havia planejado realizar entrevistas individuais com cada mulher. Devido à sugestão das próprias mulheres participantes da pesquisa, esse planejamento inicial foi modificado de forma a realizar, primeiramente, uma entrevista em grupo, com intuito de deixar as participantes mais à vontade para falarem sobre si e a vida na noite. Depois elas foram convidadas a participar de entrevista individual.

A primeira entrevista foi agendada para o dia 5 de outubro e seria realizada com Fádía, individualmente. No entanto, quando cheguei a casa 06 encontrei duas mulheres, Fábía e Fernanda, que me disseram que a Fádía não estava mais na casa. Fui informada de que ela voltara para São Paulo, sua cidade natal.

* Os nomes empregados são fictícios, os iniciados com letra F referem-se a mulheres da casa 06. O nome iniciado com a letra D faz referência a casa 04, local onde Darci trabalhava quando a conheci, durante a realização do trabalho de extensão.

Sentei na sala e apresentei-me às duas mulheres que ainda não conhecia. Conversamos um pouco. Falei da entrevista que havia agendado com Fábida e sobre a pesquisa que estava desenvolvendo. Elas questionaram o assunto que seria abordado nessa entrevista. Entreguei uma cópia do folder de apresentação da pesquisa, com os *temas-geradores*.

Fábida disse que eu poderia entrevistá-la se quisesse. E Fernanda também demonstrou interesse em participar da pesquisa. Falei que poderíamos agendar outro dia para entrevistar cada uma delas, mas Fábida disse que estava disposta a ser entrevistada naquele momento. Pensei em entrevistar Fábida e agendar outro dia para entrevistar Fernanda, comuniquei essa idéia, mas elas disseram que gostariam de ser entrevistadas juntas para “quebrar o gelo” e perder a timidez. Fábida comentou que não era tímida, mas Fernanda revelou ter uma certa timidez.

Assim, buscando atender a solicitação das mulheres, combinamos fazer uma *entrevista coletiva*, nesse primeiro encontro, e depois realizar entrevistas individuais. Pais (2006) destaca que o uso de metodologias que estimulem a interatividade entre as pessoas participantes da pesquisa pode contribuir mais significativamente que a entrevista individual, já que possibilita uma maior dinamicidade na obtenção de dados.

O processo de organização e realização das entrevistas coletivas teve como base teórica as observações acerca da estratégia metodológica denominada *reunião comunitária*. No documento referencial para ações, na área da Saúde, voltadas a profissionais do sexo (BRASIL, 2002), a *reunião comunitária* é apontada como uma alternativa viável para trabalhos realizados com pessoas que prestam serviços sexuais. Essa estratégia consiste numa abordagem desenvolvida por meio de pequenos grupos, formados por pessoas da comunidade em estudo e pela pessoa que propôs o trabalho, que juntas discutem os temas propostos. Destaca-se como ponto positivo dessa abordagem metodológica:

“ [...] a possibilidade de elaboração conjunta de estratégia de enfrentamento de questões para as quais, muitas vezes, ao serem analisadas de forma individual, não são encontradas soluções possíveis ou factíveis.” (BRASIL, 2002, p.120)

As entrevistas coletivas também foram realizadas com base no roteiro de entrevista. Sua distinção, em relação à entrevista individual, se faz pelo estímulo a uma maior interatividade entre as pessoas participantes. Na entrevista coletiva, temos diferentes enunciadores que tecem seu discurso a partir de diversos contextos e pontos de vista.

A primeira entrevista coletiva foi bem descontraída, apesar do pouco tempo em que nos conhecíamos. Fábيا realmente falou mais que Fernanda, confirmando sua ausência de timidez. Ambas falaram sobre a vida na noite, os clientes e os riscos relativos à atividade exercida por elas. Nossa conversa foi realizada no período da tarde, das 16h às 17h30.

Ao terminar a entrevista, desliguei o gravador e falei para elas sobre o processo de atribuição de nomes. Disse que a identidade delas não seria revelada e que eu empregaria novos nomes, no texto da dissertação, mesmo sabendo que elas haviam fornecido nomes da noite. Falei que, como se tratava da casa 06, eu e as demais pessoas do GETS costumávamos atribuir nomes iniciados com a letra F e pedi para elas pensarem em algum nome. A Fernanda escolheu, rapidamente, já a Fábيا ficou pensando e não conseguia selecionar. Sugeri “Fátima”, mas ela disse que esse nome é de pessoa idosa e optou por Fábيا. Esse foi o procedimento adotado para atribuição de nomes, nessa primeira entrevista coletiva. Ao término dela, agendei uma entrevista individual com cada uma delas, mas só a Fábيا chegou a participar*.

A segunda entrevista foi realizada com Fábيا, individualmente, também no período vespertino, das 16h às 17h. Nesse segundo encontro, Fábيا falou sobre diferentes acontecimentos de sua vida pessoal e também conversamos sobre os clientes. Nesse dia, antes de iniciarmos a entrevista, conversamos bastante sobre um episódio de violência sexual que ela sofrera, dias antes, por parte de um cliente. Ela solicitou auxílio da polícia feminina, mas sofrendo preconceito por causa da atividade exercida. Conversamos sobre o preconceito voltado às pessoas trabalhadoras do sexo e sobre estratégias para minimizá-lo.

A terceira entrevista foi coletiva e contou com a participação de quatro mulheres: Fran, Fátima, Flora e Darci. A entrevista teve início com as três mulheres que prestam

* Fernanda não participou da entrevista individual pois voltou para sua cidade de origem.

serviços sexuais, na casa 06, sendo que Darci, apareceu no meio e também resolveu participar. Falamos sobre clientes, a maneira de seduzi-los e conhecê-los por meio da conversa, os relacionamentos afetivos, etc. A conversa foi bem descontraída, rimos bastante e fizemos até uma pausa para tomar café, foi nesse momento que Darci chegou para visitar suas colegas e resolveu participar da entrevista.

A presente pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética da UFSCar que analisa os procedimentos utilizados em pesquisas desenvolvidas com seres humanos (*consultar anexo I*), por isso antes de iniciar cada entrevista, li e expliquei para as mulheres o termo de consentimento (*ver apêndice VI*). Elas verbalizaram que gostariam de participar da pesquisa e conceder entrevistas, mas optaram por não assinar o termo de consentimento*, alegando que não se sentiram à vontade em revelar suas identidades. Apenas Fábria aceitou assinar o termo de consentimento.

A possibilidade de trabalhar com pseudônimos em termos de consentimento esclarecido é uma alternativa viável para o desenvolvimento de pesquisas com sujeitos que sofrem discriminações e que optam por não revelar sua identidade a fim de se resguardarem do preconceito, como é o caso de pessoas que prestam serviços sexuais, aquelas que foram privadas de sua liberdade, que sofrem de enfermidades como HIV/Aids e outras pessoas.

* Tendo em vista que as participantes desta pesquisa primam pelo sigilo de sua identidade, o Comitê de Ética/UFSCar autorizou essa opção em não assinar o termo de consentimento, desde que devidamente justificado o porquê.

Capítulo V – UMA TENTATIVA DE INTERPRETAR O MUNDO

Neste capítulo, apresento a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa. Primeiramente, teço alguns comentários sobre o movimentado traçado com intuito de interpretar esses dados. E reafirmo a transitividade dos seres e do mundo, ao negar a existência de uma realidade estática e acabada.

A seguir, apresento observações sobre a situação de entrevista e comento alguns sinais empregados pelas mulheres entrevistadas que auxiliaram na interpretação dos dados obtidos. Por fim, apresento as categorias empregadas para analisar os dados, bem como as relações estabelecidas na tentativa de interpretar a realidade.

5.1- Análise dos dados: o movimento da totalidade à particularidade

A mulher que presta serviços sexuais não vive isoladamente, ela estabelece diversas relações com seus familiares, amigos, clientes e pessoas que trabalham dentro e fora das casas noturnas como gerentes, seguranças, taxistas, profissionais da área de saúde, do comércio e outras. Os costumes e comportamentos, bem como as interações sociais traçadas por essas mulheres não se dão isoladamente, são produzidos historicamente e se relacionam à totalidade.

Segundo Paes (2006), a totalidade é a realidade concreta, um todo estruturado que se encontra em constante desenvolvimento histórico e de auto-criação. Ao ser empregada como categoria de análise, sob a ótica do materialismo-histórico, pressupõe *"uma organicidade humana nas relações materiais que a tudo induz e se deixa induzir (p.23)"*. Nesse sentido, o modo de produção capitalista passa a ser identificado com a totalidade concreta, quando o capital torna-se a forma central de desenvolvimento da humanidade como um todo.

"Os interesses de mercado, a exacerbação do consumo pelos interesses de lucro da produção, a alienação da mercadoria em relação ao trabalho despendido na sua confecção, são o principal motor do desenvolvimento histórico da humanidade, na perspectiva materialista. Essa realidade material, com seus interesses de classe, induz seus valores éticos, estéticos e lógicos ao restante das relações sociais [...] (PAES, 2005, p.19).

Dessa forma, quanto mais a sociedade capitalista cria mecanismos tecnológicos e comunicativos, maior se torna seu poder de influenciar e condicionar os fenômenos particulares. A sociedade é entendida, aqui, como uma totalidade que se encontra em constante relação com diversas particularidades (individualidades). A parte e o todo, bem como o todo e a parte, são produzidos numa relação de reciprocidade na qual um não pode ser entendido sem o outro (PAES, 2006).

Nesta pesquisa, o movimento da totalidade à particularidade será utilizado para orientar o processo de análise de dados. Parto da premissa de que, não existe um todo estático, pronto e acabado, que seja independente do movimento das particularidades, da mesma forma, não há um fenômeno social descolado da totalidade. Sendo assim, não é possível compreender uma particularidade dissociada da totalidade e, esta, por sua vez, deve ser percebida em constante movimento e transformação.

Quando falta aos seres humanos uma compreensão crítica da totalidade, por captá-la de forma fragmentada e em pedaços, fica difícil reconhecer sua interação constituinte, o que impossibilita seu reconhecimento e apreensão. Porque para conhecê-la e apreendê-la, seria necessário partir do ponto inverso:

“Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada” (FREIRE, 1970, p. 113).

5.2 – Uma história contada por mulheres

A coleta dos dados analisados nesta pesquisa se efetivou por meio de conversas realizadas com sete mulheres que prestam serviços sexuais: Fádía, Fábía, Fernanda, Fátima, Fran, Flora e Darci. Os relatos de Fádía, coletados na conversa realizada em 14 de setembro, foram registrados em diário de campo. Já os relatos cedidos pelas demais participantes, nas entrevistas coletivas, foram gravados e transcritos, sendo assim, refletem com maior exatidão a linguagem empregada por essas mulheres.

Cada uma das sete participantes contou um pouquinho de sua trajetória de vida, suas crenças e valores, falaram sobre *situações-limites* que se apresentaram em seus caminhos e as decisões que tomaram frente a esses desafios.

Apresentei-me como Fabiana, mulher, filha de pais nordestinos, migrante oriunda do Capão Redondo (bairro da periferia da cidade de São Paulo), casada, sem filhos e professora de Língua Portuguesa e Alfabetização de pessoas adultas.

As mulheres, por sua vez também se apresentaram a mim, a partir das informações que elas me concederam, procuro traçar abaixo um breve perfil de cada participante, seguindo a ordem cronológica dos encontros realizados com elas.

Fádia tem uma filha, de três anos de idade, exerce o trabalho sexual desde o início de 2006 e disse que foi casada, por cinco anos, com o pai de sua filha. De acordo com ela, seu relacionamento não teve continuidade, pois seu esposo era muito ciumento e não aceitava que ela trabalhasse fora. Fádía disse que eles se davam bem, mas começaram a brigar quando ela começou a trabalhar em uma loja de shopping, na cidade de São Paulo. Após a separação, ele a perseguia em seu emprego, aparecia na loja onde ela trabalhava, o que resultou em sua demissão. Devido a dificuldades para encontrar um novo emprego, Fádía decidiu aceitar o convite de uma amiga que presta serviços sexuais em São Paulo. Disse que foi motivada a aceitar o convite por causa de sua curiosidade em saber como era o trabalho, nas boates, e também porque gostava muito de dançar. Ao ingressar na noite, deixou sua filha sob os cuidados de sua sogra. Fádía, atualmente, assume que exerce o trabalho sexual. Ela comentou que, inicialmente, omitia que prestava serviços sexuais, mas um amigo de seu ex-esposo descobriu e revelou para ele. Este a ameaçou e disse que contaria a sua família, e antes que ele o fizesse, Fádía decidiu revelar a sua mãe e irmãos que prestava serviços sexuais. A família não aceitou essa decisão e seus irmãos optaram por não falar mais com ela.

“A minha família sabe que eu faço esse trabalho, mas não aceita, meus irmãos pararam de falar comigo, quando ficaram sabendo. No início eu não contei que trabalhava em boate, mas um amigo do meu ex-marido me viu dançando numa boate e tirou foto no celular, depois foi lá e mostrou pra ele”
Fádía

Fábia tem dois filhos que estão sob os cuidados de seus pais, ela já foi casada duas vezes e exerce o trabalho sexual há alguns anos. Confessou que sofreu violência sexual aos 16 anos de idade, depois passou por dois casamentos e teve dois filhos, por não encontrar opção mais rentável no mercado de trabalho, decidiu prestar serviços sexuais. Ela se assume enquanto profissional do sexo e diz :

“Eu assumo porque eu não vou esconder. A pessoa que acha ruim o fato de eu ser uma profissional do sexo que arrume coisa melhor pra mim. Eu já fui até servente de pedreiro, hoje, ninguém me dá serviço como servente de pedreiro. Por quê? Porque eu sou mulher.” Fábia

Fábia revelou que seu pai não conversa com ela, pois não aceita o fato dela prestar serviços sexuais.

“Mas eu não sou aceita em casa... mesmo porque uma pessoa foi e disse para o meu pai que eu era prostituta. Daí ele me expulsou de casa.” Fábia

As histórias de Fádía e Fábia demonstram que as opiniões das pessoas que estão fora da “vida na noite” influenciam a vida dessas mulheres. O preconceito associado ao trabalho sexual pode gerar a não aceitação dessas mulheres por seus familiares. Existe o receio do julgamento por parte de seus filhos, as mulheres se preocupam com o que eles vão pensar, quando crescerem e tomarem conhecimento de que sua mãe presta ou já prestou serviços sexuais.

“Um rapaz me ligou e perguntou se eu aceitaria participar de um vídeo, pois havia um cachê legal, pelo dinheiro até valia a pena, mas eu não vou aceitar... O vídeo fica ali e imagina se um dia minha filha ver ... tenho medo do que ela vai dizer quando crescer. O que ela vai pensar quando souber que faço esse trabalho?” Fádía

A necessidade de ocultar a atividade exercida, seja de parentes, vizinhos e, sobretudo, dos filhos constitui-se num dos maiores incômodos apontados pelas mulheres

que prestam serviços sexuais. Este aspecto gera uma situação de conflito, por um lado, essas mulheres educam seus filhos dentro de normas morais vigentes na sociedade, e por outro, exercem uma atividade com a qual se identificam, mas que é considerada imoral dentro de tais normas sociais (BRASIL, 2003).

Fernanda exerce o trabalho sexual há alguns meses, ela tem um filho e separou-se recentemente do pai de seu filho. Revelou que sustentava o filho e o marido com o dinheiro obtido por meio da venda de algodão doce. Seu companheiro não possuía trabalho e quando realizava algum bico, como auxiliar de pedreiro, gastava todo o dinheiro freqüentando boates em Campinas. Ao separar-se dele, ela foi morar na casa de sua mãe. Ela diz que sua mãe a incentivou a prestar serviços sexuais e, devido a dificuldades financeiras, a induziu a sair com um taxista, na cidade de Presidente Prudente. Este foi seu primeiro cliente.

“Eu acho que se ela quisesse [...] dar um exemplo bom. Ela podia ser trabalhadora. Ou numa cidade pequena, ela poderia ter me jogado pra cortar cana ou falado “não filha, arruma algum bico pra você fazer, alguma coisa, porque eu não tenho como sustentar você e seu filho, posso dar arroz e feijão, mas manter vocês dois dentro de casa fica difícil”, mas não, ela preferiu me jogar para cima do taxista. Eu tenho revolta dela sim, tenho, porque ela é minha mãe e ela que me fez encarar essa realidade, ela que me jogou pra esse buraco.” Fernanda

Fernanda indigna-se com a atitude de sua mãe que, segundo ela, vive sob fachada, já que incentiva a filha a se prostituir, mas não quer que os familiares saibam. E o que aponta sua fala:

“Ela me empurrava para o taxista, mas falava para eu não contar para as irmãs dela. [...] Então tá todo mundo lá, pensando que eu estou casada, que meu marido trabalha em uma empresa em São Paulo, que eu tenho uma casa. Mas só quem sabe a real é minha prima, ela sabe que não é isso. E no dia que eu falei que o pai do meu filho não trabalha ... Ela (a mãe) me mandou embora e disse que eu estava desmoralizando ela perante suas irmãs.” Fernanda

Fátima é migrante de Ribeirão Preto, possui 19 anos e tem uma filha. Ela disse que entrou na noite após convite de uma colega que prestava serviços sexuais em boate. Essa colega dizia que ganhava dinheiro suficiente para manter sua mãe e a si própria, por isso Fátima optou por exercer essa atividade, após o nascimento de sua filha, há três anos. Esse foi seu primeiro trabalho.

“Conhecia uma colega minha que fazia programa, ai ela me levou. Ela falava assim que ganhava dinheiro, que dava para ela se manter e manter a filha dela. Só que era muito sofrida a vida.” Fátima

Fátima não revela para sua família que presta serviços sexuais, a fim de evitar discriminações, por isso não exerce o trabalho sexual em sua cidade de origem, apenas em outras cidades da região, como São Carlos, Limeira etc.

Fran, também é natural de Ribeirão Preto, tem 23 anos e exerce o trabalho sexual há sete anos. Ela disse que decidiu prestar serviços sexuais por causa de problemas financeiros, estava desempregada quando uma colega a convidou para conhecer a boate onde trabalhava. Ela foi conhecer o local e, depois, passou a trabalhar lá.

“Eu também conhecia uma amiga minha que trabalhava na noite e me indicou. Né! Ela falou que dava pra ela se manter, ajudar a mãe dela e família dela. Eu tava desempregada mesmo e peguei e fui.” Fran

Flora possui 22 anos, tem uma filha e é natural de São Paulo. Ela exerce o trabalho sexual há quatro anos e disse que optou por exercer essa atividade para manter sua filha e sair de casa, a fim de evitar as constantes brigas familiares que presenciava quando morava com seus pais. Ela disse que não conhecia ninguém que trabalhava em boate e entrou para noite por meio de um anúncio de jornal:

“Eu li no jornal. Eu tava procurando um emprego normal e li “Garotas! Garotas! Precisa de garotas, ganhos acima de mil reais e não sei o quê.” Ai eu liguei e era de uma boate. Eu comecei a trabalhar lá.” Flora

Darci não estava presente no início da entrevista coletiva, quando cada mulher se apresentou e contou os motivos que as levaram a exercer o trabalho sexual, por isso não consta na transcrição dados referentes a sua apresentação. Com base em nossas conversas realizadas anteriormente, quando, então, desenvolvia um trabalho de extensão sobre educação e direitos humanos, na casa onde ela trabalhava, posso dizer que Darci é natural de Taquaritinga, já foi casada, não possui filhos e exerce o trabalho sexual há alguns anos, na cidade de São Carlos. Ela assume a atividade exercida para seus amigos, mãe e irmãos que conhecem e aceitam sua decisão. Darci, quando casada, morava em Taquaritinga, próximo de seus familiares, mas devido a problemas conjugais separou-se e veio para São Carlos, onde já morava sua irmã que prestava serviços sexuais em casas noturnas da cidade. Após a separação, Darci decidiu conhecer como era a vida na noite e veio para cá, morou na casa 04, local onde a conheci. Desde então, ela presta serviços sexuais e já trabalhou em diferentes casas noturnas, chegando a trabalhar com sua irmã, na casa 06, em 2003.

A análise dos relatos cedidos por essas mulheres permite confirmar a observação de Pais (2001), a prostituta apresenta um “*status social contingente e relacional (p.271)*”, ou seja, os fatores que a levaram a prestar serviços sexuais e seus relacionamentos sociais influenciam na maneira como a mulher exerce a prática da prostituição e em como se percebe diante da ocupação exercida.

Não existe um motivo único que justifica o exercício dessa prática, cada mulher apresentou motivações as influenciaram a prestar serviços sexuais como, estar desempregada, almejar sair da casa dos pais, evitar brigas familiares, precisar manter filhos e outros familiares, etc. Esses motivos apresentados por elas, bem como as relações traçadas com as pessoas com quem convivem, são fatores que influenciam as maneiras de perceber e exercer a prática da prostituição, interferindo inclusive na decisão em assumir ou ocultar o exercício de tal atividade.

Fábia disse que encara a vida na noite de uma forma diferente da apresentada por Fernanda.

“Porque ela é totalmente diferente. Eu, ela e a Lu - uma menina que morava perto da gente - elas são totalmente diferentes de mim, elas se acovardam.”
Fábia

Fábia não vê a vida na noite de uma forma fria, mas sim como sua realidade. Ela revelou que também tinha muitas dificuldades no início, sentia nojo, mas com o tempo foi aprendendo a viver na noite:

“... não é uma maneira fria, é a minha realidade. Quando eu iniciei na noite, para mim foi difícil. Eu sentia nojo, eu sentia desprezo. [...] Eu já sofri bastante isso daí, até o dia em que eu me tratei com psicólogo, eu conversei bastante a respeito.” Fábia

5.3 - A elaboração das categorias de análise

Após realização das conversas, na casa 06, iniciei a organização dos dados obtidos. Foram impressas as transcrições das entrevistas e o diário de campo. Nas transcrições, procurei registrar sinais apresentados pelas mulheres pesquisadas, como gestos, sorrisos, ações realizadas e expressões próprias da fala, como figuras de linguagem, comparações ou gírias.

Ao analisar os relatos das mulheres com quem conversei, na casa 06, percebi o emprego de algumas figuras de linguagem como metáfora, hipérbole e antítese, todas carregadas de significados implícitos. Algumas delas foram empregadas para fazer referência à sociedade, tais como: “*A sociedade discrimina isso (o trabalho sexual), assim como uma moeda, ela tem duas faces (Fábia)*”, “*Existem coisas que somente o dinheiro compra e outras coisas que todo o dinheiro do mundo não compra (Fábia)*”. Essas expressões trazem à tona a questão da dualidade presente em nossa sociedade que, por um lado, impulsionada pelo consumismo desenfreado, vem sofrendo grandes modificações em seus valores sociais; e por outro, ainda lança mão do moralismo e hipocrisia para segregar pessoas que não seguem os padrões vigentes.

Nos relatos das mulheres, também há figuras de linguagem relacionadas à vida na noite, que destacam as estratégias empregadas por elas visando a minimizar as dificuldades com as quais se deparam: “*Tem que ter um jogo de cintura lascado para trabalhar na noite (Flora)*”, “*Vê o que fala, pensar dez mil vezes no jeito que fala, para evitar confusão (Fernanda)*”.

Após organização do material, iniciei a leitura de todos os textos. Relacionei a fala das mulheres entrevistadas ao referencial teórico estudado, buscando identificar articulações entre o que era vivenciado por essas mulheres, no espaço das casas noturnas, e o que ocorria fora daquele espaço. Devido ao foco da presente pesquisa, procurei apreender, nos relatos orais, a alusão a possíveis processos educativos, como valores, atitudes e conhecimentos próprios das relações estabelecidas entre essas mulheres e sua clientela.

Após sucessivas leituras dos relatos, levantei algumas categorias de análise que me auxiliaram no processo de interpretação da realidade estudada. A seguir, analiso cada uma das categorias, quais sejam: a) *a vida na noite ensina*, b) *a mulher que presta serviços sexuais ensina: aprende quem tem sensibilidade*, c) *o tornar-se cliente fixo*, d) *habilidades pessoais* e e) *vulnerabilidades da vida na noite e estratégias para minimizá-las*.

5.3.1 - A vida na noite ensina

A primeira categoria empregada, na tentativa de interpretar a realidade em estudo, foi denominada “*a vida na noite ensina*”. Essa categoria foi elaborada após leitura dos relatos das mulheres e do esforço em tecer articulações entre o que era dito por elas e o que era apresentado no referencial teórico desta pesquisa.

A idéia de que a vida na noite ensina está presente tanto no discurso de pesquisadores, como nas falas de mulheres que prestam serviços sexuais. Souza (1998) que realizou investigação, em Fortaleza, a fim de desvelar o perfil do cliente da prostituta, afirma que “[...] *a noite e os seus mistérios ensinam aos seus adeptos a autodefesa, uma vez que não se pode contar a todo momento com os grupos de amigos ou de ‘protetores’* (p. 75).”

Em matéria cedida ao jornal Beijo da Rua⁹, Valeska que presta serviços sexuais, em boate no Rio de Janeiro, confirmou que a vida na noite ensina, ao dizer que “[...] *prostituição é uma escola onde você aprende a ser uma boa mulher, uma mulher completa* (p.7).”

⁹ SIMOES, Soraya. *Segredo do ótimo encontro é descobrir e realizar fantasias*. Jornal Beijo da Rua, julho de 2002.

A vida na noite ensina a não baixar a cabeça perante os problemas, ensina a pessoa a lutar e nunca desistir de seus objetivos. Na noite, por vezes, as mulheres que prestam serviços sexuais se deparam com situações em que se sentem perdidas, e frente a diversas experiências vivenciadas, elas aprendem a agir diante de tais situações.

“[...] a vida me ensinou porque toda vez que eu baixei a cabeça pra alguém, eu apanhei mais. Ou eu enfrento os meus problemas ou eu enfrento, porque fugir deles não vai ter condição. A vida, não só nessa (*fazendo referência a vida na noite*), mas a própria vida faz a gente aprender a lutar pelo nosso objetivo. Eu tenho um objetivo enquanto trabalho aqui.” Fábria

Fábria revela que o sofrimento vivenciado ao longo de sua vida, como violência sexual e a não aceitação por parte do pai, tem lhe ensinado a se proteger das pessoas, a não temê-las, pois aprendeu a se defender de pessoas que procuram machucá-la ou tirar proveito dela. Fernanda confirma que é preciso mostrar-se confiante e esperta, ao relacionar-se com os clientes, pois ao perceber que a mulher é inexperiente, ele tenta tirar proveito dessa situação.

“ [...] se o cliente vê que você é uma pessoa inocente, bobona, ele vai folgar em cima de você. Agora se ele vê que você é uma pessoa mais esperta, ele vai ficar esperto, ele vai pensar ‘não vou folgar porque ela é uma pessoa que entende’. Com ela (*fazendo referência à Fábria*) ninguém folga, ela quando faz programa, faz rápido. Eu não, o cliente diz “faz isso, faz aquilo” e eu fico com aquele medo é capaz dele me bater ou não querer pagar o dinheiro [...], por isso eu espero alguém me chamar “Já deu a hora! Vamos sair!” Fernanda

Aprender a conviver com as pessoas é outro ensinamento que pode ser extraído da vivência na noite. Flora diz que é preciso ter humildade e jogo de cintura para relacionar-se bem com clientes e com outras mulheres que prestam serviços sexuais, nas casas noturnas, caso contrário, pode-se entrar em conflitos com as pessoas que convivem nesses espaços:

“A gente tem que aprender a conviver com as garotas e com os clientes. Porque se você não souber lidar com as garotas, em muitas casas, se você não

souber entrar na casa, elas te batem, se não tiver humildade para entrar, elas já te seguem. E se você não souber conversar com o cliente, ele pode pegar e te dar um soco na cara também. Sabe?! Tem que ter um jogo de cintura lascado pra trabalhar na noite.” Flora

Na noite, as mulheres vão aprendendo a se relacionar com os clientes e a conhecê-los. Fran, Fátima e Flora revelaram que não sabiam nada acerca dos clientes, antes de iniciarem o exercício do trabalho sexual. Os relatos dessas mulheres revelam que, no início, é difícil relacionar-se com clientes:

“A primeira vez foi horrível também. Foi com um homem bem mais velho que eu, ele me levou para um motel e, aliás eu não consegui fazer o programa nesse dia, eu tive que devolver o dinheiro dele. Ai depois, da outra vez que eu fui, eu consegui, mas depois deu um nojo muito grande, eu tomava banho desesperada e chorava...” Fátima

“Horrível! Horrível! Horrível! Foi... Nossa.... Minha vontade era mandar o homem sair de cima de mim... Parar com tudo aquilo que ai... é uma sensação horrível. Você ir para a cama com uma pessoa que você nunca viu na vida, não tem afinidade nenhuma com a pessoa. É uma sensação muito ruim.” Fran

Com o tempo e a convivência, por meio de conversas e observações realizadas nas casas noturnas, as mulheres que trabalham na noite aprendem a coletar dados que as auxiliam a conhecer os clientes e a relacionar-se com eles.

“Ah! No começo você fica meio perdida. Você fica na tua, mais ouve que abre a boca. Porque você não sabe, você fica olhando, observando... pegando o jeito de uma, o jeito da outra. Ai você vai enturmando.” Fátima

Dessa forma, as mulheres vão “*pegando o jeito*”^{*}, ou seja, vão aprendendo a trabalhar na noite e a lidar com os clientes. A fala de Flora explica o que é *pegar o jeito*:

* Expressão utilizada por Flora, na entrevista coletiva realizada em 14/nov.

“Pegando o jeito é assim... Você vai acostumando a trabalhar, a lidar com os homens, porque cada homem tem uma maneira. Então até você pegar o jeito de cada um, um é mais nervoso, um é mais calmo, um te respeita, outro não... Entendeu?! Então você tem que aprender a lidar com eles...” Flora

5.3.2 - A mulher que presta serviços sexuais ensina: aprende quem tem sensibilidade

Tendo em vista que a vida na noite ensina e que a mulher que presta serviços sexuais está, na noite, disposta a viver novas experiências, ela aprende valores, estratégias de ação, comportamentos e conhecimentos, na medida em que se relaciona com os outros e o mundo. Segundo os relatos das mulheres com quem conversei, essa experiência adquirida é passada adiante, principalmente para os clientes, que muitas vezes, buscam nessas mulheres não apenas sexo, mas também o seu saber de experiência, construído a partir de suas vivências na prática social da prostituição.

Ao longo do exercício do trabalho sexual, a mulher da noite adquire uma maturidade, pois aprende a agir nos momentos em que se sente desorientada ou perdida. Fábria diz, referindo-se ao que acredita ser o motivo que leva os clientes a procurarem por mulheres que prestam serviços sexuais:

“[...] A maioria procura a maturidade que há ... que atravessou a profissional do sexo , pois ela chega a ter uma maturidade, um senso de percepção, de saber o que fazer na hora que se sente perdida” Fábria

Trabalhar em contato direto com pessoas e estabelecer constantes conversas com a clientela resultam em um conhecimento acumulado sobre a vida conjugal, bem como sobre os problemas, freqüentemente, associados a ela. De acordo com Fábria, essa experiência é empregada para orientar os clientes que, em muitos momentos, também se encontram desorientados.

“ [...] não perdi meu valor como mulher, não perdi caráter, nem dignidade por eu ser uma profissional do sexo. Mas, ao contrário, eu aprendi a ajudar outras

pessoas com os valores que eu tenho, para que não saiam daqui perdidas.”

Fábia

Na percepção das mulheres com quem conversei, os clientes se deparam com diversos desafios em seu cotidiano, como pressão profissional, problemas conjugais, inseguranças pessoais, dificuldades sexuais etc. Frente a tais desafios, os clientes buscam a mulher que presta serviços sexuais, não apenas visando a dar vazão a suas fantasias e desejos reprimidos, mas também com intuito de desabafar e pedir orientações. Não são raros os programas, nos quais o sexo é substituído por conversas sobre problemas conjugais, conflitos familiares, desabafos sobre dificuldades sexuais e elucidação de dúvidas (BRASIL, 2002). Como podemos observar nos relatos de Fábia e Fran:

“A gente é um pouco psicóloga. Teve um cliente que me agradeceu e disse que eu salvei o casamento dele com meus conselhos. Eu sempre dava conselhos a ele, nós já fomos juntos no shopping para eu ajudar ele a escolher um presente para mulher dele. Eu sempre falava pra ele: Por que você vem aqui? Você ama sua mulher?” Fábia

“Isso é verdade, tem cliente que vem atrás da gente, simplesmente, para conversar. Uma conversa sadia, uma conversa legal. Ele paga e vai embora. Nem precisa tirar a roupa pra ele. Já tive cliente de entrar no quarto e ir tirar a roupa e ele “Não precisa tirar a roupa”, a gente fica ali meia hora, uma hora conversando. Ele me paga e vai embora. Entendeu!?” Fran

Para Fábia, os clientes procuram, na mulher da noite, o que não encontram em sua esposa. De acordo com ela, muitas mulheres têm medo de experimentar coisas novas e nem sempre estão dispostas a descobrir o outro lado das coisas, por isso o cliente vai buscar na prostituta, uma companheira para realizar suas fantasias e conversar sobre assuntos que não são revelados à esposa como conflitos, dúvidas e situações nas quais ele se sente perdido. Ela diz:

“ [...] se a mulher não se dá esse espaço de reconquistar o marido, sempre, ele vai procurar em outra pessoa aquilo que a esposa dele não está dando, aí ele se torna um cliente fixo.” Fábria

Os relatos das mulheres entrevistadas destacam aspectos das relações de gênero que permeiam o matrimônio, como relações de poder exercidas pelo homem sobre a mulher. Fábria diz que o homem almeja ser compreendido, mas nem sempre se mostra disposto a compreender a mulher. Fábria revelou que seu esposo não aceitava o fato dela trabalhar, o que resultou no término de um casamento de cinco anos. Fernanda revela que seu ex-companheiro a humilhava, exercia abuso de poder sobre ela, rasgava suas roupas em frente a outras pessoas:

“Mas eu faço de tudo pelo cara [...] e o que ele me faz em troca? Me bate, me trai e me ofende. Eu dizia que amava ele. Hoje não, o mundo deu volta, hoje é ele que fala que me ama e me aceita assim. Mas hoje eu não quero mais, dois meses se passaram [...] não tem pra que amar uma pessoa que me batia, que rasgava minha roupa quando eu tava sossegada.” Fernanda

A rotina e o tédio são apontados como fatores que favorecem o rompimento de casamentos. Por isso Fábria destaca a importância em resistir à rotina, e diz que a mulher deve estar disposta a reconquistar o homem sempre, deve se permitir a voltar no tempo e se apaixonar novamente:

“Eu tenho certeza absoluta! É através da mulher... se a mulher está disposta a descobrir outros lados, a passar por experiências que não passou. Entendeu? Sair um pouco da rotina, se apaixonar novamente... ela deixa um caminho aberto para voltar ao tempo... [...] namorar de novo... Viver como aquela mocinha que ela foi. Entendeu?! E resistir à rotina... porque o que desgasta o casamento, normalmente, é a rotina e o tédio.” Fábria

Segundo relatos das mulheres com quem conversei, alguns clientes procuram mulheres que prestam serviços sexuais, porque sabem que elas apresentam maior

receptividade para vivenciar novas experiências e estão dispostas a realizar suas fantasias, além de ouvi-los e orientá-los.

Quando perguntei a Fábيا se ela acreditava que os clientes aprendiam a partir de sua experiência, ela respondeu que para aprender é preciso ter sensibilidade e estar disposto a aprender com o outro. Para ilustrar sua resposta ela cita, os clientes mais jovens que só vão às casas noturnas em busca de curtição que não se permitem aprender com as mulheres da noite. Ela também fala dos clientes que, por outro lado, almejam aprender com a experiência de vida acumulada pela mulher que presta serviços sexuais.

“Porque também aparecem muitos garotos que só querem mesmo aquele sexo, a pessoa está mais na curtição. Mas a maioria procura a maturidade que atravessou a profissional do sexo” Fábيا

5.3.3 - O tornar-se cliente fixo

A terceira categoria foi formulada após notar que, tanto na bibliografia sobre a temática em investigada, como nos relatos das mulheres com quem conversei, na casa 06, aparecia a preocupação em fixar uma clientela. No jornal “Beijo da Rua” (2002), em matéria que aborda as características do bom programa, Carla – uma mulher que presta serviços sexuais em Niterói – diz:

“É fundamental saber conquistar, fazer com que o cliente volte a te procurar. Pra isso tem que ser simpática, saber conversar, trocar idéia e também saber se impor nas negociações antes mesmo de ir para dentro do quarto.” Carla

As mulheres com quem conversei disseram que os clientes são homens casados, solteiros, divorciados, velhos e novos e, com menor frequência, algumas mulheres também constituem sua clientela. Segundo seus relatos, na prostituição, existe muita carência, tanto da parte delas, como das pessoas que compõem sua clientela. A fala de Flora expressa a carência referente a mulheres que prestam serviços sexuais, que embora se vejam cercadas de companhia, à noite, nas boates, por vezes, sentem-se solitárias em seu cotidiano:

“Porque as garotas, elas são carentes, querendo ou não elas são. Porque ela tem todos e, ao mesmo tempo, ela não tem nenhum. Ali ela tem quem ela quiser, e o cara paga pra ficar com ela, mas durante o dia-a-dia dela, ela não tem nenhum. Tem tanto à noite, e agora? Quer conversar com alguém e não tem ninguém.” Flora

De acordo com Fábria, o cliente e a prostituta gostam de receber atenção e gostam de relacionar-se com pessoas que não ignoram seu jeito pessoal. Ela afirma:

“Independente de quem está comigo eu brinco, eu dedico tempo. Entendeu? É onde se cria aquele elo de amizade. Por que uma pessoa que ignora você, ignora seu jeito, suas brincadeiras, seu jeito de ser [...] pode ter certeza que essa pessoa não te chega perto.” Fábria

Em reportagem cedida ao jornal Beijo da Rua, tanto clientes como mulheres trabalhadoras do sexo apontaram, como característica da boa profissional do sexo, o ato de não ignorar o cliente e sua conversa. Reafirmando, mais uma vez, que a função da prostituta não se limita à execução de práticas sexuais e que a demanda apresentada pela clientela é mais vasta do que se imagina.

Ao ser indagada sobre as características da clientela, Fran revela que o bom cliente é aquele que tem educação e respeita a mulher que presta serviços sexuais, além de ser limpo e estar disposto a gastar com ela. Quando indagada se essa última característica, por si só, daria conta de definir o bom cliente, Fran respondeu:

“Não. Ele pode estar disposto a gastar, mas pode não ser uma pessoa educada, te tratar sem educação e respeito. Tem cliente que acha que só porque está pagando, tem o direito de fazer o que quiser e bem entender.”
Fran

O cliente fixo diferencia-se das demais pessoas que compõem a clientela por evitar a fugacidade das relações e não buscar apenas sexo, mas também um vínculo afetivo. É o que aponta os relatos abaixo:

“Por que muitos dão aquele ar que só querem você por um momento e tem aquele que quer ser seu amigo pra sempre. Essa é a diferença entendeu? Um te usou por uma noite, se deixar... passou meia hora para ele descansar, ele pega outra. No meu caso, com o Ricardo* é diferente... Falei até o nome dele. É diferente! Ele saiu comigo uma vez e depois outras vezes, e falou que me adorava porque eu dedicava tempo pra ele.” Fábria

“Não é só isso que as pessoas pensam. Não é só essa coisa de transa, não! Tem outras coisas, rola amizade” Fábria

O cliente fixo resguarda a relação, ele se torna amigo, se preocupa com a mulher que presta serviços sexuais e a ajuda como pode, seja financeiramente, quando ela precisa de alguma quantia emprestada, seja emocionalmente, em momentos que ela precisa desabafar.

“Tem cliente que vira amigo. Entendeu?! Tem hora que você fala “Ah! Estou precisando de tal coisa!”. Ele vem e te ajuda. Vira uma amizade.” Flora

“Eu tenho um cliente que é um grande amigo meu, ele mora em São Paulo, ele faz entrega aqui, em São Carlos. Eu tenho um amor muito grande por ele e ele me trata de menina, ele me chama de menina. E olha... o que eu posso falar é que ele tenta me ajudar da maneira que ele pode [...]” Fábria

Com o cliente que vira amigo é possível viajar, sair para passear e conhecer novos lugares, como a maioria dessas mulheres é migrante, a apresentação da cidade e dos

* Fábria referindo-se a seu cliente-fixo. O nome empregado é fictício a fim de preservar a identidade do cliente.

serviços de correio, banco, pontos de táxi, sistemas de saúde e outros, geralmente, é feita por meio de clientes ou de outras colegas de ocupação.

Fábia diz que os clientes procuram as profissionais do sexo porque sabem que, mesmo pagando, terão uma satisfação pessoal. Para ela, nem sempre as esposas querem conversar ou estão dispostas a entender os problemas do marido, por esse motivo, os homens deixam seus lares do jeito que estão, com seus conflitos, e vão buscar o carinho das mulheres que prestam serviços sexuais:

“ [...] tem mulheres que não deixam o homem tocar e que não aceitam conversa, que não sabem conversar, apenas discutir. Entende? Então ele deixa a casa dele do jeito que está, porque sabe que, mesmo pagando, ele vai ter uma satisfação pessoal e não é só no sentido sexual” Fábia

Ainda de acordo com sua opinião, quando a vida conjugal torna-se repetitiva e o homem não sabe como contornar o tédio, ele tende a buscar novidades nas relações extraconjugais:

“Muitas vezes eles compram carinho da profissional do sexo. Eles buscam mais por isso, pois como eu mencionei chega uma fase do casamento que vira um tédio. Né?! As coisas são repetitivas, é quando eles não sabem contornar...” Fábia

Não são raros os envolvimento afetivos entre prostituta e cliente. Fiona era a funcionária que realizava serviços de limpeza, na casa 06, além disso ela prestava serviços sexuais até o início de 2006. Depois casou-se com um cliente fixo, parou de exercer o trabalho sexual e continua a fazer limpezas esporádicas na casa 06. Conversei com ela antes de seu casamento:

“Eu vou me casar com um cliente. É um cliente antigo, faz tempo que ele quer casar comigo, acho que vou aceitar. Vou parar de trabalhar à noite, vou ficar só fazendo a limpeza durante o dia.” Flora

Também acontece do cliente tornar-se namorado, é o que revela Flora ao dizer que já se apaixonou por um cliente. Segundo Flora, quando isso ocorre, muitas vezes ela deixa de cobrar o valor do programa, além de encontrar dificuldades para concentrar-se em seu trabalho:

“Ah! É ruim... Porque se ele chega, eu não consigo trabalhar mais. Eu fico prestando atenção nele, para ver se ele está olhando para outra garota, não consigo mais trabalhar.” Flora

Flora lança mão da seguinte estratégia para minimizar sua falta de concentração no trabalho, pede para o namorado aparecer na casa noturna, apenas uma vez na semana ou à tarde:

“Uma vez por semana, para não atrapalhar (*risos*). De preferência na segunda-feira ou no final do mês, pois não tem movimento e eu posso dar mais atenção para ele. E a gente se encontra à tarde também.” Flora

Os relatos das trabalhadoras do sexo de São Carlos apontam que alguns clientes buscam seus serviços com intuito de compreender as mulheres. Elas também disseram que aprendem com o cliente, a não ignorar o homem, seu jeito de ser e seus desejos. Em estudos realizados por Mane e Aggleton (1999), nos países México, Costa Rica, Senegal e Indonésia, foi possível observar que o nível de comunicação verbal acerca do contexto e da natureza do sexo era maior entre prostituta e cliente, que entre mulheres e seus maridos ou parceiros fixos. Nas suas relações, mulheres que prestam serviços sexuais e clientes buscam conhecer um ao outro, sem ignorar suas diferenças e, juntos, podem quebrar as barreiras da comunicação verbal que legitima e perpetua a sexualidade como mito e tabu.

Após análise dos relatos coletados, percebi quem, realmente, há essa busca em conhecer o outro com quem se relaciona. Flora revela que procura entrar no estilo do cliente:

“Tem que sempre entrar no estilo dele, que ai ele vai se soltar, você vai descobrindo mais, vai arrancando bebida, é ai que ele se identifica com você e acaba fazendo o programa.” Flora

A questão da identificação entre mulheres que prestam serviços sexuais e clientes também foi destacada por Fátima e Fran, quando questionadas se era possível obter prazer na relação com o cliente. Elas responderam que isso é difícil, mas pode acontecer. Seus relatos mostram a possibilidade em sentir prazer com o cliente, desde que haja identificação e conversa entre ambos:

“Ah! Quando você encontra uma pessoa que é legal com você, você se identifica. Entendeu?! Você tá fazendo o programa com o cara e ele é legal, acaba até rolando.” Fátima

“Quando ele chega em você e conversa, não é igual àqueles caras que chegam enfiando a mão na gente. Aquele que tem uma conversa sadia” Fran

Fábria também confirma essa opinião e revela que, por ser uma mulher sem compromissos afetivos, nada a impede de sentir prazer com clientes:

“Eu já falei até para os meus clientes, porque eles perguntaram “Você não goza?” “você não sente prazer?”. É, eu não tenho namorado, eu não tenho ficante, eu não tenho marido. Entendeu? Fala pra mim, o que é que me impede de tirar uma casquinha de vez em quando? (*risos*)” Fábria

5.3.4 - Habilidades pessoais

A vida na noite ensina, e as pessoas que convivem nela, como a prostituta e o cliente, dentre outras, aprendem na medida em que se relacionam entre si e com o mundo. A vida na noite tem seus mistérios, seus riscos e sua beleza. Para aprender com a noite é preciso permitir que algo lhe aconteça, ter disponibilidade, sensibilidade e gostar de viver.

Com esta categoria, atentei para as estratégias desenvolvidas pela mulher que presta serviços sexuais, em suas relações com os clientes, no contexto de sua vivência na prática social da prostituição. Procurei olhar para a maneira como essas mulheres atribuem sentido a sua prática, como fazem a leitura dos problemas que lhe são apresentados e que habilidades desenvolvem para responder a tais desafios. Também busquei verificar, se tais

habilidades são percebidas como suas, exclusivamente, ou se podem ser estendidas para a clientela.

Na CBO (2002) são descritas atividades e competências da pessoa profissional do sexo, como saber ouvir, ter paciência, conquistar o cliente, realizar fantasias eróticas, desenvolver expressão gestual e ser solidária às companheiras de atividade que ser confirmaram nos relatos das mulheres com quem conversei, na casa 06.

Para elas, a melhor maneira de abordar o cliente é uma habilidade adquirida a partir da convivência na noite, Fádía alerta para a forma como é feita essa abordagem, para ela é preciso ser simpática, caso contrário acaba espantando o cliente, em vez de conquistá-lo.

“O cliente não gosta que a gente chegue logo pedindo: - Me paga uma dose! Eu acho isso chato, meu negócio é simpatia, eu chego e converso com o cliente. Às vezes, é mais fácil ganhar um cliente numa conversa, já teve vez que eu fiquei um tempão conversando com o cliente e no final da noite ele me deu caixinha, sem nem fazer programa, só pela conversa.” Fádía

Ao relacionar-se com a clientela é fundamental saber ouvir, para que seja possível orientar dar conselhos ao cliente. É preciso desenvolver a habilidade de ouvi-lo, conhecer seus problemas, pois muitos procuram as mulheres da noite para desabafar.

“Se a gente for falar dos nossos problemas... Não tem como. Se for ver, a gente tá aqui mais para ouvir, o problema dele (*do cliente*), que para falar o nosso.” Fran

Flora disse que procura ouvir o cliente, ela fica atenta ao que ele fala durante a conversa e analisa seus relatos, a fim de conhecer seu estilo e não contrariá-lo. Ela diz referindo-se aos clientes:

“Eles vão se soltando e a gente vai analisando.” Flora

“[...]Vamos supor um rapaz que curte rock. A gente tem que falar “Nossa eu curto também”. Se ele falar: “Aquela banda é louca!”, você diz: “É louca aquela banda!” Flora

De acordo com as mulheres, extrair informações sobre o cliente ao longo da conversa é uma habilidade fundamental para quem exerce o trabalho sexual. Quando questionadas sobre como reconheciam o bom cliente, disseram:

“Ah! É conversando. Né?! Tentando se entender.” Fran

“Cinco minutos de conversa já dá pra saber se ele é ou não é um bom cliente.” Fátima

“É pelo papo dele.” Flora

Saber conversar e aconselhar são características que, segundo relatos de Fátima e Fábica, também podem ser estendidas a alguns clientes, especialmente, aos fixos, que muitas vezes tornam-se amigos das mulheres, possibilitando que elas também se sintam à vontade para desabafar e pedir conselhos:

“Às vezes, ele (*o cliente*) tem um problema e vem aqui desabafar. A gente tem um problema e liga para ele, ele vem aqui conversar.” Fátima

“Eu tento... como estou conversando com você, [...] estou buscando dentro de mim... falar sobre coisas que eu sei que guardo para mim e porque, muitas vezes, nem sempre eu tenho oportunidade de falar, a não ser com clientes e com aqueles que me dão oportunidade.” **Fábica**

Ser paciente é outra habilidade que pode ser adquirida a partir da experiência do exercício do trabalho sexual. A mulher que presta serviços sexuais não deve ter pressa, deve ter paciência para ouvir e participar da conversa do cliente. No atendimento ao cliente, a mulher pode aprender a ser compreensiva, a dedicar seu tempo e sua atenção para conquistar o cliente. Na tentativa de conquistar o outro, vale tudo, prostituta e cliente lançam mão de recursos para seduzir. As mulheres enumeraram algumas estratégias utilizadas pelos clientes para conquistá-las, como enviar presentes, pagar um valor maior que o combinado pelo programa, convidá-la para passear ou almoçar, olhar e piscar, pagar o que ela quiser no salão, etc.

“Uns mandam rosa, bombons, outros dão dinheiro a mais do que o combinado...” Flora

“(os *clientes*) levam você para almoçar junto, para comprar roupa, levam você para passear” Fran

Assim como os clientes, cada mulher que presta serviços sexuais tem suas estratégias para seduzir e conquistar, como fazer um carinho, conversar, usar uma roupa atrativa, etc. Fátima diz que o cliente gosta do que a mulher faz para ele, no sentido de despertar sua atenção. Segue os relatos de Fran e Fátima sobre o que fazer para seduzir o cliente:

“Cada uma tem uma estratégia. Às vezes, eu chego num homem e minha conversa agrada a ele. Às vezes, ela (*referindo-se a Flora*) chega, vamos supor, está com uma saia mais curta ou senta no colo dele e isso agrada ele mais ainda, ai não vai ser a minha conversa que vai agradar ele.” Fran

“Ah! Não tem segredo... É sentar no colo, fazer um carinho, conversar...”
Fátima

O olhar é utilizado como recurso para seduzir o outro. Quando uma pessoa dirige seu olhar fixamente para outra, no salão, sua ação pode ser interpretada como uma iniciativa de conquista. As mulheres disseram que por meio do olhar e da conversa, também é possível reconhecer se o cliente está afim ou não. Falaram sobre como percebem quando o cliente está interessado:

“Pelo jeito dele. Você pede uma bebida e o cliente “Não agora, não!” e sai.”
Fran

“O olhar também.” Fátima

“Ele começa a olhar para o lado e não presta atenção ao que você está falando” Fran

“Resumindo, ele te ignora.” Fátima

“A gente tem que ficar de olho no cliente que a gente está e no outro que está sentado também. Entendeu?” Flora

Na tentativa de conquistar o cliente, a mulher da noite desenvolve algumas habilidades como a expressão gestual, o sorriso e a dança. Fábria e Fádria gostam de dançar para os clientes. Fádria afirmou que prefere fazer show e dançar para os clientes a realizar programas. Ela disse que sempre gostou de dançar e se especializou na modalidade de show com barra de ferro, no qual a mulher utiliza a barra localizada no palco da boate e realiza diversas coreografias, que exigem bom preparo físico para sustentar-se na barra, usando as pernas e os pés. De acordo com Fádria os clientes gostam muito de dança e shows.

Nas relações com a clientela, a mulher que presta serviços sexuais aprende a conhecer e a satisfazer suas fantasias sexuais. A vida na noite propicia à prostituta uma diversidade de vivências que geram um conhecimento amplo sobre fantasias. Esse conhecimento é resultado das conversas realizadas com clientes e outras mulheres profissionais do sexo, além da freqüente mobilidade que lhe permite entrar em contato com outros lugares, onde estão presentes novos costumes e práticas sexuais.

A simpatia é outra habilidade da mulher que presta serviços sexuais, ter sempre o sorriso estampado no rosto, independentemente, das dificuldades enfrentadas e da pessoa com quem se está.

“[...] o meu sorriso esconde muitas coisas, a minha habilidade, a minha maneira de dançar, o meu jeito de ser compreensiva. Eu acredito que eles (*os clientes*) entendem que eu sou uma pessoa que não me dei por vencida, ainda. Entende?! E que, em vez de estar me lamentando, de murmurar e chorar, eu estou sorrindo.” Fábria

Saber representar papéis e encenar também foram habilidades citadas pelas mulheres. Flora comenta que os papéis são representados sem o conhecimento dos clientes, e que variam de acordo com seu estilo e expectativas. Na conversa com o cliente, as mulheres extraem dados e traçam um perfil do cliente.

“A gente representa sem ele saber. Como a gente disse, em cinco minutos de conversa a gente conhece o cliente... pelas conversas, pelo desabafo, a gente já sabe o tipo de pessoa que ele quer. Entendeu?!”Flora

“ Com alguns clientes você tem que ser uma pessoa que você não é, tem que ser uma atriz. Tem cliente que chega dando uma de tal, e você tem que superar o nível dele para ele gostar de você e te aceitar. Se você for do seu jeito, talvez ele não goste... Então, a gente tem que encenar em algumas partes sim.” Flora

A maturidade também foi apontada como outra habilidade referente à mulher da noite, que vai se desenvolvendo na medida em que a mulher atribui sentidos aos desafios enfrentados em sua trajetória de vida e cria estratégias para responder seus problemas. Flora diz que para trabalhar na noite é preciso desenvolver um jogo de cintura e manter sempre a humildade nas relações com as pessoas, principalmente quando se é nova no lugar. Fátima destaca a necessidade de saber conversar com os dois lados, ou seja, com a clientela e as outras mulheres que trabalham na casa. Segue algumas observações sobre como proceder para “entrar na casa”^{*}:

“Tem que saber chegar, conversar com as meninas...Entendeu?!” Fátima

“Conversar com os dois lados. Né!?” Fátima

“Tratar elas (*mulheres que prestam serviços sexuais*) bem, no começo... Porque se você chegar “Ai não gosto disso. Ai não gosto daquilo!” Elas vão pensar: “Ela mal chegou e já quer arrumar com a gente!”. Ai elas se pegam, juntam todas...” Flora

A mulher da noite é uma pessoa que nunca desiste de lutar, ela nunca se dá por vencida, pois a vida lhe ensinou a encarar seus problemas e não baixar a cabeça. A capacidade de seguir lutando é, portanto, outra habilidade pessoal desenvolvida pelas mulheres que prestam serviços sexuais.

* Expressão empregada pelas mulheres para referir-se à chegada a uma nova casa noturna.

5.3.5 - Vulnerabilidades da vida na noite e estratégias para minimizá-las

O termo vulnerabilidade representa um avanço qualitativo, e vem sendo empregado nas abordagens voltadas a conter o risco de infecção pelo HIV, pois permite uma avaliação mais efetiva do contexto sócio-cultural apresentado pelo grupo social em estudo, além de possibilitar a criação de estratégias tanto para o coletivo como para um indivíduo em particular (BRASIL, 2002). Esse conceito também vem sendo utilizado nas ações educativas realizadas por pessoas do movimento social de prostitutas voltadas às mulheres que prestam serviços sexuais.

Essa categoria foi empregada, nesta pesquisa, com intuito de perceber quais os riscos presentes no contexto da vida na noite e as estratégias desenvolvidas por essas mulheres, visando a minimizar tais vulnerabilidades.

De acordo com Fernanda, existem muitos riscos, na vida na noite, como a possibilidade de consumir drogas, sofrer violência sexual, contrair alguma infecção sexualmente transmissível, arrumar briga por sair com cliente de outra mulher e outros.

“Porque assim... por a gente precisar do dinheiro, a pessoa vem e “te ofereço mais dinheiro”, só que chega na hora você não conhece a pessoa, você nunca viu. Chega na hora você começa a lembrar do seu passado, a pessoa te oferece uma droga e você acaba usando e, na casa, você bebe pra dar lucro, corre o risco de ser estuprada, isso tudo, nessa vida. O que você mais arrisca, nessa vida, é a droga e ser estuprada. E é horrível isso.” Fernanda

Embora perceba que, na noite, sua exposição a algumas vulnerabilidades é potencializada, Fernanda afirma que não se deve arriscar tudo. É preciso ter cautela, pensar no que fala e em como se fala, ter noção do que faz e de onde vai.

“Na minha opinião, é não falar demais... Vê o que você fala, pensar dez mil vezes no jeito que você fala, para evitar uma confusão. Ter noção onde você está indo fazer o programa, ver se tem segurança lá. Ter noção do que você está fazendo.” Fernanda

O abuso de drogas, em especial da bebida alcoólica, é um risco presente no cotidiano dessas mulheres, pois nas boates, é comum sentar-se para conversar e beber com os clientes. Por se encontrarem em ambiente propício ao consumo de bebidas alcoólicas, as mulheres que prestam serviços sexuais desenvolvem algumas estratégias a fim de minimizar tal vulnerabilidade. Fábria revela que procura pedir algumas doses sem teor alcoólico, como champanhe sem álcool, por exemplo. No entanto, há algumas mulheres que, como Fernanda, precisam tomar uma dose forte, no início da noite, a fim de criar coragem para realizar o atendimento aos clientes. A reprovação moral voltada à prostituição influencia Fernanda no exercício do trabalho sexual, ela pensa no que seu filho irá dizer quando crescer e descobrir que sua mãe é prostituta, por isso, às vezes precisa beber ou usar outro tipo de droga, como cocaína, para realizar o programa.

Podemos perceber, que nem sempre são atividades específicas do trabalho sexual que dificultam a vida dessas mulheres. O julgamento social, a reprovação moral e valores construídos por pessoas que, muitas vezes, desconhecem a prática da prostituição acabam por gerar conflitos na vida de pessoas que prestam serviços sexuais. Fábria diz que sofre, não pelo fato de estar na noite, mas porque não é aceita por sua família; seu pai a expulsou de casa quando soube que ela era prostituta.

Os clientes não percebem a mulher da noite apenas como companheira para conversar e beber, também existem clientes que as procuram para, juntos, fazer uso de algumas drogas ilícitas, como maconha e cocaína. Há mulheres que aceitam fazer uso de tais substâncias, durante os programas, e outras que se negam. Fernanda revelou que já consumiu cocaína com clientes, para obter coragem e realizar o programa:

“[...] você não pode lembrar por que está fazendo isso, você tem que encarar. Ai eu comecei a pensar muito nos meus problemas e falei “você quer saber! eu vou cheirar senão não vai descer fazer programa com esse cara”. Ai eu cheirei e tudo, mas não fiquei louca, eu sabia o que estava fazendo, eu estava ciente do que eu estava fazendo [...]” Fernanda

Outra vulnerabilidade apontada pelas mulheres entrevistadas é a questão da violência, elas mencionaram que a violência não está presente apenas na possibilidade de sofrer agressão física e sexual por parte dos clientes, o preconceito também é visto como

manifestação de violência. Alguns clientes são considerados indesejáveis, pois chegam na boate expressando seu preconceito, querem passar a mão nas mulheres, ignorando que elas, como qualquer outro sujeito, têm seus gostos e vontades e que devem ser consultadas antes de qualquer atitude por parte da clientela.

“Esses dias, chegou um homem se esfregando em mim, querendo colocar a mão no meu peito, passando a mão em mim. Eu falei pra ele “não gosto disso” e ele “você tá nessa vida pra isso” e eu disse “mas eu não me acostumei com isso”. [...]eles chamam de puta, como se ser puta fosse uma pessoa baixa.” Fernanda

O risco de contrair alguma infecção sexualmente transmissível também foi apontado como vulnerabilidade da vida na noite. A fim de minimizá-la, as mulheres afirmaram que não abrem mão do preservativo e que procuram aprender com a experiência das outras mulheres, também disseram que fazem exames preventivos com frequência.

“Uso o preservativo tanto feminino como o masculino. [...] Vou ao ginecologista, sento com ele e explico que sou uma profissional do sexo.” Fábria

“A gente aprende ... tipo assim, com a experiência de uma pessoa ter pegado aquilo ou a experiência de uma pessoa ter passado por aquilo ou tem alguém que passou.” Fernanda

Capítulo 6 – A PESQUISA COMO ATO INCONCLUSO

*“Toda compreensão súbita é finalmente
a revelação de uma aguda incompreensão.
Todo momento de achar
é um perder-se a si próprio.”
(LISPECTOR, p.16)*

O ato de pesquisar, como ato humano, é inconcluso e transitivo. Carece sempre de uma completude, um acrescentar, precisa de indagações e contribuições advindas de olhares distintos e pensares diversos. Ao produzir um texto, o ser humano busca atribuir sentido ao seu entorno, procura significá-lo, registrar a sua leitura desse entorno e passá-la adiante.

Ao longo desta experiência de pesquisa, deparei-me com diversos tipos de textos e procurei interpretá-los. Li textos escritos por pesquisadores e pessoas que participam do movimento social de prostitutas, na fase de construção do referencial teórico. Deparei-me diante de textos visuais, como gestos, sorrisos e simpatia apresentados por pessoas que se dispuseram a conversar comigo durante as situações de entrevista. A própria redação desta dissertação constitui-se em mais um texto, no qual procuro registrar uma interpretação possível da realidade investigada neste trabalho de pesquisa.

Apresento alguns apontamentos que permitiram responder à questão orientadora desta investigação, referente ao levantamento de processos educativos que se dão nas relações estabelecidas entre mulheres que prestam serviços sexuais e sua clientela, sob a ótica dessas mulheres. Primeiramente, teço algumas observações sobre a metodologia de pesquisa adotada, que teve como fio condutor a dialogicidade. A seguir, comento minhas intenções com a realização deste trabalho, qual seja, a de contribuir para o desvelamento da face educativa que também compõe a prática da prostituição e aponto alguns encaminhamentos para a construção do conhecimento sobre processos educativos que se dão em práticas sociais.

6.1 - Observações sobre o caminho trilhado

A etapa da contextualização e experiência em campo serviram-me como fonte de conhecimento, auxiliando-me no processo de levantamento de *temas-geradores* e na formulação do roteiro de entrevistas. Ao longo do desenvolvimento dessas etapas, busquei apreender unidades significativas referentes à prática da prostituição, por meio do estudo da literatura sobre a temática, estudei documentos sobre a realidade local e materiais que apresentam observações acerca da prostituição exercida em outras localidades. Ao término desse estudo destaquei quatro temas-geradores: 1) *na batalha*, 2) *vulnerabilidades da vida na noite*, 3) *negociação e atendimento ao cliente* e 4) *habilidades pessoais*. De acordo com Freire, a reflexão sobre os *temas-geradores* pode levar as pessoas a uma percepção cada vez mais nítida das *situações-limite* que as desafiam em seu cotidiano, bem como pode favorecer o desenvolvimento de respostas elaboradas no sentido de minimizar os problemas percebidos. É nesse sentido, que o autor diz que os *temas-geradores* se desdobram em outros temas, pois gera novas maneiras de perceber a realidade, que por sua vez, demandará novas tarefas a serem executadas e exigirão novas respostas, novos *atos-limite*.

Nas conversas realizadas com as mulheres, elas falaram sobre algumas situações que vivenciaram em seu cotidiano e que exigiram respostas, como o desemprego, a falta de recursos financeiros, a exposição a fatores de risco e violência, a discriminação e a não aceitação social, o exercício da sexualidade, a desilusão com os homens, a desigualdade de gênero, etc. Os relatos cedidos por elas não se limitam a apresentar essas situações, neles, também são apontadas diversas possibilidades de respostas e estratégias que são empregadas no sentido de encaminhar, da melhor forma possível, os desafios percebidos. Algumas possibilidades de respostas frente a tais desafios foram percebidas em seus relatos, como a decisão em exercer o trabalho sexual para minimizar as dificuldades resultantes do desemprego, a falta de recursos financeiros; a opção por prestar serviços sexuais em estabelecimentos privados, como casas noturnas, com intuito de diminuir os fatores de violência; ocultar que presta serviços sexuais para não sofrer discriminações e preconceitos; dentre outras.

O diálogo sobre os temas possibilitou que exercitássemos nossa capacidade de *pronunciar o mundo*, na medida em que, cada participante pensava não somente no que ia

falar, mas também no que estava ouvindo e vendo. As falas foram se complementando, respostas, perguntas, risos, dúvidas, silêncios, entendimentos, juntos se entrelaçando e tecendo uma nova compreensão acerca da realidade que vivenciamos e reinventamos, constantemente, ao pensar e agir sobre ela.

A metodologia adotada contribuiu para o desenvolvimento de uma compreensão sobre como as pessoas aprendem a partir de suas relações, como interagem umas com as outras, como explicitam suas intenções, como lêem o dito e o não dito? A realização das entrevistas me auxiliou a pensar nessas questões, pois assim como na relação estabelecida entre prostituta e cliente, eu também precisei construir um processo de interação com as mulheres entrevistadas e com as demais pessoas que convivem nas casas noturnas. Este processo teve início com a apresentação de nossas intenções em realizar esta pesquisa. Na tentativa de explicitá-las, realizávamos a leitura do que era dito, verbalmente, e do que não era dito, mas revelado por meio de gestos, sorrisos, silêncios e da disponibilidade em conversar. Essa leitura foi se tecendo ao longo dos encontros e, por meio dela, construímos a interpretação dos dados debatido em nossas conversas e que busquei sintetizar nesta dissertação.

A realização de entrevistas coletivas foi uma opção metodológica coerente com esse trabalho, as mulheres sentiram-se à vontade para falar de suas vidas e não se inibiram com a presença de outras participantes. Inicialmente, eu planejava entrevistas individuais, pois imaginava que algumas mulheres não se sentiriam à vontade para expor suas opiniões frente às demais colegas de trabalho. Não foi isso que aconteceu, ao contrário, uma participante complementava a fala da outra, seja para concordar ou discordar do que era dito. Além disso, as entrevistas coletivas também se mostraram como um recurso metodológico que permitiu maior interatividade entre mim e as mulheres participantes da pesquisa, possibilitando a construção de um “pensar junto” na direção da realidade analisada, além da troca de experiências. Essa metodologia se faz pertinente para esse trabalho, na medida em que se pretende desvelar a faceta educativa que permeia essa prática social, e através das entrevistas coletivas, foi possível criar um espaço onde as participantes puderam explicitar e socializar seus saberes de experiência, além de conhecer o ponto de vista, histórias e vivências das outras colegas de trabalho.

6.2 – Possíveis contribuições e encaminhamentos

Almejo que os resultados deste trabalho sejam utilizados como um fio a mais na elaboração dessa trama – o ato de pesquisar - tecido criado e recriado permanentemente, por meio de pensares diversos. Com esta investigação almejo contribuir para a construção de um novo olhar acerca da prática da prostituição, qual seja o de percebê-la como um fenômeno composto por diversas facetas, dentre elas, a face educativa. Emprego o termo “novo olhar” para reafirmar a necessidade de desenvolver um olhar sobre essa prática, fundamentado em saberes de experiência e em conhecimentos construídos, dialogicamente, com pessoas que atuam nela. Rompendo, dessa forma, com a visão fundada em concepções prévias que, muitas vezes, são carregadas de estereótipos e potencializam a violência e a discriminação vivenciada por pessoas que prestam serviços sexuais.

Com base nos relatos cedidos pelas mulheres com quem conversei, é possível constatar que a disseminação de estereótipos e idéias pré-concebidas sobre a vida na noite, bem como acerca das prostitutas, interferem diretamente na qualidade de vida dessas mulheres, pois além de potencializar a violência e a discriminação vivenciada por elas, também faz com que, na maioria das vezes, elas tenham de residir distante de seus filhos e familiares a fim de evitar que eles também sejam alvo do preconceito associado à figura da prostituta.

Para construir um novo olhar sobre a prostituição, fundamentado em saberes de experiência, é preciso dar continuidade a investigações que visam a identificar as maneiras como os diferentes sujeitos, que convivem na noite, percebem essa prática. As investigações sobre prostituição têm-se focado na figura da prostituta, neste estudo, procurei focalizar os processos educativos que se dão nas relações entre prostituta e cliente, tendo como referência a percepção dessas mulheres sobre tais processos. Com esse recorte, busquei apreender e desvelar dimensões educativas que caracterizam a prostituição. Assim como em diversas práticas sociais, no convívio na noite, prostitutas, clientes e mediadores, como gerente, segurança, taxistas e outras pessoas, desenvolvem processos educativos em suas relações traçadas no sentido de superar os desafios que lhes são apresentados cotidianamente. O desenvolvimento de pesquisas voltadas para o estudo de diferentes processos relacionais estabelecidos nas casas noturnas, favoreceria o desvelamento da face

educativa da prática da prostituição, auxiliando-nos a compreender como essas pessoas se educam por meio de suas relações, que sentidos atribuem aos processos educativos originados nessa prática, com que intenção eles se dão?

O presente trabalho revelou dimensões educativas acerca de como as pessoas aprendem, ao tomarem parte de uma prática social; como vão se fazendo, ao realizarem o seu fazer; como desenvolvem suas formas de pensar e atuar frente a realidade percebida. Segundo Freire (1993), “*Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte*(p.79).”

As mulheres disseram que nada sabiam sobre a vida na noite e sobre os clientes, antes de exercerem o trabalho sexual. A partir da convivência na noite e da observação foram “*pegando o jeito*” e aprendendo a trabalhar. É por meio do olhar que se dão os primeiros ensinamentos sobre a vida na noite, é olhando as outras mulheres na realização dos seus fazeres e observando o modo de agir dos clientes que as mulheres vão adquirindo informações e conhecimentos para elaborarem o seu próprio fazer, suas próprias estratégias para abordar e atrair a clientela.

A conversa também pode ser interpretada como outro componente educativo presente nas relações entre as pessoas, que convivem na noite. Segundo relatos das mulheres, é pelas conversas que elas aprendem a conhecer e a relacionar-se com a clientela, e desenvolvem habilidades como saber ouvir, falar e extrair informações. A conversa torna-se uma prática fundamental, no exercício, do trabalho sexual, pois é por meio dela que as pessoas extraem e repassam informações, valores e conhecimentos sobre os clientes, a vida na noite, bem como sobre seu próprio fazer.

Aprender a falar e aconselhar os clientes são outras dimensões educativas presentes nessa prática. As mulheres revelaram que para aconselhar o cliente, é preciso saber ouvi-lo, estar atenta aos seus problemas, seu estilo e gostos pessoais.

Na tentativa de responder ao questionamento que orientou esta pesquisa, posso dizer que a análise dos relatos concedidos pelas mulheres permite observar que ao conviverem na noite, tanto clientes como mulheres que prestam serviços sexuais desenvolvem habilidades e *saberes de experiência* resultantes de processos educativos vivenciados nessa prática, tais como saber ouvir, ter paciência, desenvolver a simpatia e a expressão gestual, continuar lutando, aprender com a experiência dos outros, dedicar atenção, saber conversar e

aconselhar as pessoas. Esses conhecimentos não são utilizados apenas na vida na noite, mas em outras práticas que compõem a vida dessas pessoas.

Na medida em que se relacionam, prostituta e cliente procuram ler as experiências vivenciadas no seio desta prática, atribuem significados a suas vivências e assim produzem cultura. A cultura é entendida, segundo observações de Freire (1975), como um acrescentamento que o ser humano faz ao mundo *em que* está e *com quem* está, é sua aquisição sistemática da experiência humana. Essa aquisição se dá gradativamente, a partir da incorporação de saberes, valores, atitudes e conhecimentos desenvolvidos pelos seres humanos por meio de suas relações estabelecidas *no* mundo e *com* o mundo.

Os processos educativos desenvolvidos nas relações entre mulheres que prestam serviços sexuais e sua clientela geram *saberes de experiência* que não são usados apenas na noite, mas perpassam outras esferas da vida dessas mulheres, bem como de seus clientes. O sexo, nem sempre, é o alvo das relações estabelecidas entre as mulheres da noite e sua clientela. Por vezes, para além da esfera sexual, cria-se o vínculo afetivo entre essas pessoas, que desejam evitar a fugacidade das relações e procuram além de mostrar-se, conhecer um ao outro. Buscam compreender os sentidos envolvidos nas experiências que vivenciam cotidianamente e, assim, aprendem a ler as intenções do outro, as diferentes linguagens empregadas para se expressar, como sorriso, gestos, dança etc. Aprendem a verbalizar seus desejos e fantasias, a desmitificar assuntos que são considerados tabus e, dessa forma, auxiliam na desconstrução de mitos relativos à sexualidade. Alguns mitos dificultam a vivência da sexualidade, como os papéis socialmente construídos sobre o masculino e feminino, que influenciam tanto o homem como a mulher em suas formas de relacionarem-se. O homem, ainda, sente a necessidade de ser durão e acredita que não deve revelar suas inseguranças, sob pena de comprometer sua masculinidade. Já a mulher, embora tenha conquistado o direito de vivenciar sua sexualidade antes do casamento, ainda sente dificuldade em experimentar novas práticas sexuais e realizar suas fantasias, pois tem receio do julgamento social e de ser associada à figura da puta.

A prostituta e o cliente, ao se relacionarem podem romper os limites dessa construção social, pois na noite, esses papéis podem ser desmitificados. Ofuscados pela noite, é possível romper com estereótipos construídos socialmente e as pessoas podem conversar sobre suas inseguranças, medos, fantasias e desejos sem temer o julgamento

moral. Para que isso se torne possível é preciso estar disposto a aprender com o outro, ter sensibilidade para ler não *o que acontece*, mas *o que nos acontece* quando nos relacionando com o outro, enfim, é preciso estar aberto ao diálogo.

Conhecer e desvelar saberes de experiência produzidos por pessoas, em suas diferentes práticas sociais, são tarefas inconclusas que devem ser realizadas, permanentemente, por pesquisadores, educadores e estudiosos da área de Educação. Esses saberes construídos, fora da escola, não podem e não devem permanecer fora dela. Precisamos conhecer esses saberes de experiência e aprender a relacioná-los aos saberes escolares, de forma a criar uma prática educativa dialógica, capaz de gerar um processo contínuo de aquisição de cultura que fortaleça os seres humanos em sua busca por *ser mais..*

Referências:

ADLER, Laure. *Os bordéis franceses – 1830/1930*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

AGUSTÍN, Laura. Trabajar en la industria del sexo. In. *Ofrim/Suplementos: Mercado laboral e inmigración*, Madrid, España, Núm. 6, junio 2000.

_____, Trabajo sexual y violencia contra las mujeres: ¿Visiones utópicas o batalla de los sexos? In. *Development*, 2001.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituta do baixo meretrício*. Fortaleza : Edições UFC, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis?AIDS. *Manual do multiplicador – Profissional do sexo*. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

_____. *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids*. Séries Manuais, n ° 47. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

_____. *Avaliação da efetividade das ações de prevenção dirigidas às profissionais do sexo, em três regiões brasileiras*. Série Estudos Pesquisas e Avaliação, n ° 7. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.

BRUSSA, Licia. Trabajadores sexuales inmigrantes en Europa: prevención de ITS/VIH, salud y derechos. In. *Research for sex work*, n.5, Junho, 2002.

CÁCERES, Carlos F. Trabajo Sexual/Prostitución: ¿Entre la libertad y la justicia? In. *Boletín N° 11 Ciudadanía Sexual*, 2004. Disponível em: <<http://www.ciudadaniasexual.org>>. Acesso em: 27 jan. 2005.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES, CBO/2002. BRASIL, Ministério de Estado do Trabalho e Emprego. Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002. Disponível em: :<<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp>>. Acesso em: 14 mar. 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. ° 115, março, 2002.

ESPAÑA, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Secretaría General de Asuntos Sociales. Instituto de Migraciones y Servicios Sociales. Coletivo Ioé. *Mujer, inmigración y trabajo*. Madrid : Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2001.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: SOF, 1997.

FLECHA, Ramon. *Compartiendo palabras*. Barcelona: Paidós, 1997.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é só um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/ 1999. N. 10.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. *Educação com prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In. BRANDÃO, C. R. (org). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Política e educação*. São Paulo : Cortez Editora, 1993.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de pesquisa*. N.116, julho/2002.

FREITAS, Renan S. de. *Bordel, bórdeis: negociando identidades*. Petrópolis : Vozes, 1985.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

GABEIRA, Fernando. BRASIL, *Projeto de Lei nº 98*, de 2003. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 14 mar. 2004.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, 2002.

LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LIM, Lin Lean Lim. *The Sex Sector*, I LO, Suíça, 1998.

LIPSZYC, Cecilia. *Prostitución o esclavitud sexual?*. Lima, CLADEM, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro : Rocco, 1998.

MANE, Purnima. AGGLETON. Gênero e poder: comunicação, negociação e preservativo feminino. In. BARBOSA, Regina Maria. PARKER, Richard. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro : IMS/UERJ, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo : Hucitec – Abrasco, 1993.

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

O GLOBO. *Entrevista da Semana*: Gabriela Leite. Rio de Janeiro: 20 de setembro de 1987.

OTCHET, Amy. *Debe legalizarse la prostitución?* Documento II FORO Electrónico Latinoamericano ¿Trabajo Sexual, prostitución, industria del sexo? Tensiones, estigma, derechos y políticas públicas, jan/fev. 2005. Disponível em:
<<http://www.ciudadaniasexual.org/foro/htm>> . Acesso em: 2 fev. 2005.

PAES, Paulo Cesar Duarte. *Ensino e aprendizagem na prática da redução de danos*. Tese de doutorado junto à Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2006.

PAIS, José. Jovens acompanhantes: “puta da vida que me fez puta”. In. *Ganchos, tachos e biscoites: jovens, trabalho e futuro*. Porto : Ambar, 2001.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.

REYNAGA, Elena. et al. Trabajo sexual y prostitución: visibilizando reflexiones, esfuerzos y divergencias. In. *Boletín N^o 11 Ciudadanía Sexual*, 2004. Disponível em:
<<http://www.ciudadaniasexual.org>>. Acesso em: 2 fev. 2005.

RIOS, Roger Raupp. Prostitutas, Michês e Travestis: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas conseqüências práticas. In. FÁBREGAS – MARTINEZ, Ana Isabel; BENEDETTI, Marcos Renato (orgs.). *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica: GAPARS, 2000

ROSTAGNOL, Susana. Regulamentação: controle social ou dignidade do/no trabalho sexual? In. FÁBREGAS – MARTINEZ, Ana Isabel; BENEDETTI, Marcos Renato (orgs.). *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica: GAPARS, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. In. *Cadernos CEDES*, v.20, n.50, Campinas, abr. 2000.

SIMÕES, Soraya S; NOBRE, Carlos. “Programão, programinho”. In. Beijo da rua. Publicação Davida, Julho de 2002.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O grupo de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”. In. I Seminário de Estudos do Grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos/UFSCar, São Carlos, 4 de julho de 2004 (a).

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. et al. *Práticas sociais, o que são*. Artigo produzido para a disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos, São Carlos, 2004 (b).

SOUZA, Francisca Ilnar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza : Secretaria da Cultura e Desporto. São Paulo : Annablume, 1998.

TATSCH, Constança. *Estudo decifra o perfil dos clientes de prostitutas*. In. FOLHA DE SÃO PAULO. Comportamento. São Paulo, fevereiro de 2005

TRIGO, M. Helena. BRIOSCHI, Lucila. Interação e comunicação no processo de pesquisa. In. Lang. Alice B. Gordo (org) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo : CERU, 1992.

VALLA, Victor V. A crise da interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. *Educação e realidade*. n. 21(2), 1996.

VELHO, Gilberto(org). *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social* .Rio de Janeiro : Zahar, 1985.

Referências produzidas pelo Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual

FERREIRA, Flávia do Carmo. *A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo*. Relatório final bolsa PIBIC/CNPQ – UFSCar, 2002.

_____. *O espaço da casa – a prostituição em ambientes fechados – e a formação de uma identidade coletiva*. Relatório final de bolsa PIBIC/ CNPQ – UFSCar, 2003

_____. e SOUSA, Fabiana Rodrigues de. *Trabalho, Lazer e Prostituição em São Carlos*. Artigo apresentado à disciplina Tópicos Especiais em Metodologia de Ensino 10: Lazer, Trabalho e Educação, ministrada pelo prof^o Dr. Luiz Gonçalves Junior. PPGE / UFSCar, 2004.

OLIVEIRA, Maria Waldenez. A busca do diálogo nos trabalhos educativos entre comunidades. In. OLIVEIRA, Maria Waldenez. *Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos*. Relatório de pesquisa de pós-doutorado desenvolvido junto à Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA, Luciana Furlanetto. *Relatório de Bolsa Extensão: projeto Prevenção e Saúde*. São Carlos, UFSCar, 1999.

_____. *Relatório de Bolsa Extensão: projeto Prevenção e Saúde*. São Carlos, UFSCar, 2002.

PRZEWOZINSKI, Michele. et al. *Relatório de Bolsa Extensão: projeto Prevenção e Saúde*. São Carlos, UFSCar, 2000

SILVA, Carina Pinto da. *A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo*. Relatório final bolsa PIBIC/CNPQ – UFSCar, 2002.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. *Relatório de Bolsa Extensão*, projeto Prevenção e Saúde. São Carlos, UFSCar, 2003 (a).

_____ *Relatório de Bolsa Treinamento*: projeto Prevenção e Saúde. São Carlos, UFSCar, 2003 (b).

_____ *A diversidade de relacionamentos que podem se desenvolver nas casas noturnas*. Artigo apresentado à disciplina Tópicos Especiais em Metodologia de Ensino 5: Pesquisa na área de Educação, ministrada pela profa. Dra. Itacy Salgado Basso, PPGE/UFSCar, 2005.

APÊNDICES



Apêndice A: Folder de apresentação da pesquisa

Pesquisa: Processos educativos que se dão nas relações entre mulheres que prestam serviços sexuais e sua clientela?

(Fabiana Rodrigues de Sousa)
Maria Waldenez Oliveira (o)



In. Research for sex work

Temas geradores:

- 1- na batalha
- 2- vulnerabilidades da vida na noite
- 3- negociação com o cliente
- 4- habilidades pessoais

Quem é a mulher da noite?

Quem são os clientes?

Como essas pessoas se relacionam?

O que aprendem e ensinam umas com as outras?



In. Beijo da Rua



1948 - Amantes

Lápis sobre papel, Henri Matisse,
Francia

Fonte: www.ciudadaniasexual.org.

Programa de pós-graduação em Educação – PPGE

Grupo de pesquisa: Práticas sociais e processos educativos



Apêndice B: Questões problematizadoras

Tema 1: Na Batalha

- 1- O que você sabia sobre a vida na noite? Como obteve tais informações? Elas foram confirmadas ou refutadas?
- 2- Como aprendeu a batalhar o programa? Quem lhe ensinou?
- 3- O que é preciso saber/fazer para batalhar um programa?
- 4- Como aprendeu a abordar o cliente? O que não deve ser feito nessa abordagem inicial? Quem lhe ensinou isso?
- 5- Como reconhecer o potencial do cliente? Como saber se ele é um bom cliente ou não?
- 6- Como se produzir visualmente para a batalha? Quais as roupas que mais agradam/desagradam o cliente? Por que? Como aprendeu isso?

Tema 2: Vulnerabilidades da vida na noite

Subtemas: *uso e negociação da camisinha, relacionamentos com clientes e parceiros, conhecimentos sobre saúde, violência.*

- 1- É preciso desconfiar dos clientes não fixos? Por quê?
- 2- Qual a opinião do(a) proprietário(a) da casa com relação ao uso da camisinha?
- 3- Como é o processo de negociação da camisinha com os clientes? Quem lhe ensina a fazer isso?
- 4- Como é o processo de negociação da camisinha com o seu parceiro? Como aprendeu a fazer isso?
- 5- Vocês evitam beijar clientes? Por que?
- 6- Existe o risco de se apaixonar pelo cliente? Isso já aconteceu com você?
- 7- Existem práticas que você só faz com seu parceiro ou só com o cliente? Por que? Como aprendeu a agir dessa maneira?
- 8- Você sabe reconhecer algumas IST? Como aprendeu a fazer isso? Como você faz para obter conhecimentos sobre saúde?
- 9- Você já sofreu alguma violência por parte do cliente? Como agir numa situação como essa? Com quem contar? Como saber se é para agir dessa forma, quando se é nova na casa?
- 10- Por que o cliente age com violência? O que é possível fazer para diminuir essa violência?
- 11- Existe algum fator, na vida na noite, que influencia o uso de bebida alcoólica e/ou outras drogas? Como evitar que essa influência gere o abuso no consumo de tais substâncias?

Tema 3: Negociação e atendimento a clientela

Subtemas: *negociação do programa, fantasia sexual, representação de papéis, cliente fixo.*

- 1- O que você sabia sobre os clientes? Como obteve tais informações? Essas informações foram confirmadas ou refutadas? Por que?
- 2- Como foi a primeira conversa com um cliente? Quem lhe ensinou o que você deveria dizer? Como aprendeu a se comunicar com o cliente, ou seja, quando foi que você passou a negociar com o cliente?
- 3- Como o cliente aprende a abordar uma garota de programa?
- 4- Quem lhe ensinou a negociar o preço e o tempo do programa?
- 5- Como é a negociação em relação aos tipos de serviços sexuais? Isso muda de acordo com o estabelecimento ou com a região? Como é quando vocês vão trabalhar em outra casa noturna? Como ficam sabendo sobre esse tipo de negociação?
- 6- É preciso fazer *strep-tease* ou show erótico de dança para a clientela? Como aprender isso? Quem ensina?
- 7- O cliente sempre quer falar ou às vezes fica em silêncio? É preciso respeitar o silêncio do cliente? Quem lhe ensinou a fazer isso?
- 8- Como identificar a fantasia do cliente? Quem lhe ensina a fazer isso? Você sempre realiza a fantasia do cliente ou não? Por que?
- 9- É preciso aprender a representar papéis? Por que? Como você aprendeu a representar papéis?
- 10- Como aprendeu a dar conselhos ao cliente que apresenta carência afetiva? Como identificar se o cliente apresenta ou não tal carência?
- 11- Explique o que é um cliente fixo? Quando o cliente torna-se fixo? O cliente fixo é mais confiável? Por que? Como se constrói o processo de confiança em relação ao cliente fixo?

Tema 4: Habilidades pessoais

- 1- Como aprendeu a abordar o cliente e convencê-lo a realizar o programa? Como se aprende a desenvolver a capacidade de argumentação (convencimento)?
- 2- O que você faz para conquistar o cliente? Quem lhe ensinou a agir dessa maneira?
- 3- Os clientes tentam conquistar vocês? Como?
- 4- Como aprendeu a ouvir o cliente? Quem lhe ensinou isso?
- 5- Como o cliente aprende a te ouvir?
- 6- Por que existe a solidariedade entre as mulheres que prestam serviços sexuais? Como vocês aprenderam a agir de forma solidária?
- 7- Como você aprendeu a usar o corpo para se expressar, por exemplo, para mostrar se está ou não interessada no cliente? Quem lhe ensina a fazer isso?
- 8- O que o cliente aprende com vocês?
- 9- Como você faz para demonstrar sensualidade? Como aprendeu a fazer isso?
- 10- Como usar o olhar e a voz para seduzir o cliente no salão? Quem ensina a fazer isso?
- 11- Como saber o momento certo para oferecer especialidades para o cliente?
- 12- Qual o momento certo para dançar para ou com o cliente? Como se aprende isso?
- 13- Como você aprendeu a satisfazer o ego do cliente? É preciso elogiar o cliente? Por que?



Apêndice C: Roteiro entrevista

- 1 – Como é a vida na noite?
- 2- O que você sabia sobre os clientes antes de entrar para a noite? Como obteve tais informações? Elas foram confirmadas?
- 3- Como foi a primeira conversa com um cliente? Como você se aproximou do cliente?
- 4- Como reconhecer o potencial do cliente (se ele é carinhoso, bom pagador, etc)?
- 5- Como o cliente aborda as mulheres no salão? Como eles aprendem a fazer essa abordagem? Quem o ensina?
- 6- O que se faz num programa? O que é vendido ao cliente? O que ele busca?
- 7- O que você faz para seduzir o cliente? Como demonstra sua sensualidade?
- 8- É preciso saber representar papéis e inventar histórias? Por que?
- 9- E o cliente? O que ele faz para conquistá-la?
- 10- Você dá ou recebe conselhos na relação com os clientes?
- 11- Você exerce algum tipo de poder sobre o cliente? E ele sobre você?
- 12- Quem são os clientes?
- 13- Quem são as mulheres que prestam serviços sexuais?
- 14- Comente os riscos presentes na vida na noite. O que você faz para minimizar esses riscos? Como aprendeu a agir assim?
- 15- O que eles aprendem e ensinam um para o outro?

Apêndice D: Transcrição das entrevistas



**Transcrição: Entrevista coletiva
com Fábria e Fernanda
5/out/06 – Casa 06**

OBS: Na parte inicial da entrevista houve a apresentação das pessoas participantes que não foi gravada devido a problemas no momento de programar a função de gravar.

Eu: — Você estava falando um pouco sobre seu cliente fixo.

Fábria: — Sobre o meu cliente... O meu cliente foi assim... Eu tinha saído de Americana, de uma boate. Aconteceu assim... Eu cheguei nele e ele falou : “Você está com pressa?”. Eu disse: “Não! Mas por que você está falando assim?” e ele: “Não porque se você está com pressa pode descer (*do caminhão*)”. E eu falei: “Eu não tenho pressa eu não sei fazer nada correndo”. “Ah é?!” e eu disse: “Verdade. Deixa eu ficar com você então, pra eu mostrar pra você que eu não tenho pressa.” Falei assim pra ele.

Eu: — Você falou?

Fábria: — É. Onde se ver que a lábria tem muito a ver com a maneira como o homem trata a gente. Entendeu?!

Eu: — Tem que saber ter esse jeitinho?

Fábria: — Isso o jeitinho mágico (*risos*). Daí ... fizemos amor lá dentro do caminhão. Vou falar amor pra não falar... é um programa bem dizer.

Eu: — Pode falar do jeito que você quiser.

Fábria: — Não eu tenho medo de ser vulgar na maneira que eu falo.

Eu: — Por que? Por uma coisa da fala, assim, você tem medo de ser vulgar?

Fábria: — Na minha maneira de ser, eu já tento espantar essa maneira de ser vulgar. Porque eu sou profissional do sexo e isso não quer dizer que eu sou a mais baixa das mulheres.

Eu: — Exatamente. Não é só por que tem esse trabalho que tem de ser associada a idéia de vulgaridade.

Fábria: — Isso. Eu tiro de mim qualquer maneira de falar ... assim por exemplo, eu tento falar o português mais claro, eu abomino gírias, eu não falo na gíria, o português meu tem que ser sempre correto. Que isso daí chama muita atenção.

Eu: — Eu acho que isso aí também faz parte desse jeitinho que você tava falando. Né?

Fábria: — É. A educação da gente fala pela gente. È isso que cativa as pessoas. Agora falando do meu cliente, voltando a ele novamente: Então nós fizemos o programa e ele disse: “Olha eu comprei esse brinquinho, eu não sei nem pra quem que ia dar, mas vou dar pra você porque você merece”. Eu falei: “mas pra quê, não precisa me dá nada não”. Ele me pagou o valor do meu programa e mais um brinco folheado a ouro. E falou assim: “Oh... Agora eu não vou sair mais daqui, quero te ver todo dia, só não vai dá pra te ver quando eu viajar pra longe”. Quando, por exemplo, ele viaja pra Minas. Eu já fui junto com ele.

Eu: — Você já viajou com ele?

Fábria: — *(acenou que sim com a cabeça)*. Eu gosto de viajar.

Fernanda: — Ele é um amor de pessoa. Você olha pra ele assim e pensa “Puxa! Será que vocês nasceram um pro outro? Será que vocês são um casal mesmo?” Ela toma um remédio. E ele teve a capacidade de ir lá em Sumaré buscar o remédio que ela tinha esquecido e trazer pra ela e ver como ela tava. É como se eles se conhecessem há muito mais tempo.

Eu: — É uma relação forte? Uma amizade mesmo?

Fernanda: — Ele aconselha, mete bronca, tanto nela como já chegou a dá bronca em mim. Do jeito de eu falar. Ele dá muito carinho pra ela, muita atenção. Eu tiro assim... eu acho que se ele não fosse casado, se não tivesse a mulher dele, eu tiro que ele até casava com ela. É uma relação muito forte dos dois.

Eu: — E vocês se conhecem há quanto tempo?

Fábria: — Há mais de quatro meses. Ele sempre está lembrando de mim. Agora, meu celular está quebrado, mas normalmente eu ligo quase todo dia pra ele e se eu não ligar ele liga. É uma coisa muito forte ... Eu gosto de estar com ele, como eu gosto... gostava de estar com outros clientes meus. Esse é muito mais sossegado do que os outros. Né?!

Eu: — Mas por que você gosta? Por que você acha que tem essa diferença? Por que esse cliente se torna diferente desse jeito?

Fábria: — Por que muitos dão aquele ar que só querem você por um momento e tem aquele que quer ser seu amigo pra sempre. Essa é a diferença entendeu? Um te usou por uma noite, se deixar... passou meia hora para ele descansar, ele pega outra. No meu caso, com o Ricardo⁹ é diferente... Falei até o nome dele. È diferente! Ele saiu comigo uma vez e depois outras vezes, e falou que me adorava porque eu dedicava tempo pra ele. Caminhoneiro. Sempre viajando. Noite sem dormir. Sempre na companhia de homens, porque é o trabalho dele. Né?! A maioria do tempo sozinho, mora em São Paulo, só vê a família no final da semana. O que acontece? A companhia de uma mulher é o que ele mais pede. Alguém que lhe dê atenção.

Eu: — Então seria mais por essa atenção que é dada mesmo?

Fábria: — Atenção, porque eu sou carinhosa...

Fernanda: — Brincalhona!

Fábria: — Independente de quem está comigo, eu brinco, eu dedico tempo. Entendeu? Aonde se cria aquele elo de amizade. Por que uma pessoa que ignora você, ignora seu jeito, suas brincadeiras, seu jeito de ser ou até aquilo que você está falando... eu estou precisando do seu jeitinho de falar, eu estou precisando conversar com alguém, uma pessoa que ignora... pode ter certeza que essa pessoa não te chega perto.

Eu: — Por que ela mesmo acaba criando uma barreira, algo assim?

Fábria: — Isso. Tem muitas mulheres que não sabem lhe dar com isso, porque no meio da prostituição existe muita carência, tanto da profissional como dos clientes.

Fernanda: — Eu sou uma?

Eu: — Por que ?

Fernanda: — Assim... Eu não tenho paciência. Esses dias, chegou um homem se esfregando em mim, querendo colocar a mão no meu peito, passando a mão em mim. Eu

⁹ O nome foi trocado a fim de preservar a identidade do cliente

falei pra ele “não gosto disso” e ele “você está nessa vida pra isso” e eu disse “mas eu não me acostumei com isso”. Tipo... eles te chamam, dependendo de alguns, eles te chamam como se fosse uma puta, uma pessoa baixa. Eu não nasci pra isso, eu não me conformo em ficar nessa vida. No meu primeiro programa... eu me envenenei no pó e fazia quatro ou cinco anos que eu não cheirava... porque o cara que foi fazer programa falou assim “Oh! Você quer fazer o programa?” e eu disse “Quero. Estou precisando de dinheiro” e ele “Então, entra aí (*no carro*)”. Eu fui lá fazer o programa com ele. Ele disse “Eu tenho um pozinho aqui, você cheira? Tenho uma maconha, você fuma?” e eu disse “Não. Eu não curto drogas” .

Eu: — O próprio cliente ofereceu?

Fernanda: — O próprio cliente.

Fábia: — Muitos deles pedem...

Eu: — Tem cliente que acaba oferecendo?

Fábia: — Eles compram, as vezes, 5, 10, 15 gramas e ...

Fernanda: — Eles não têm com quem cheirar, com quem utilizar a droga.

Eu: — Eles querem curtir uma junto com alguém?

Fábia: — Isso. A maioria não gosta de usar droga sozinho.

Eu: — Então isso também, de certa forma, é um risco da vida na noite?

Fábia: — Eu bebo de vez em quando, quando dá a louca em mim, mas normalmente eu bebo bebida sem álcool.

Eu: — Mas na noite, muitas vezes, tem aquela questão da dose, não tem?

Fábia: — A dose mesmo... eu pego a minha sem álcool.

Eu: — Ah... Você pede a sua dose sem álcool?

Fernanda: — Eu mesmo, eu adoro uma cervejinha, mas conhaque essas outras bebidas assim eu não gosto, mas então aqui você tem que dar um lucro na casa, pra gente receber a gente tem que beber quinze doses. Se a gente não beber quinze doses você não recebe. Então durante uma semana você tem que beber quinze doses, se em uma semana você não bebeu você não recebe e se passar de uma semana e você não bebeu as quinze doses e você não pegou o dinheiro, você não pega mais.

Eu: — Então tem que beber as doses?

Fábia: — A gente tem que fazer o máximo para conseguir receber essas doses e é o cliente que vai pagar.

Eu: — Vocês podem colocar outra coisa não alcoólica, nessas doses, ou tem que ser bebida alcoólica?

Fábia: — Eu tomo champanhe sem álcool.

Fernanda: — Cada garota tem uma cortesia da casa, cada primeira dose é de graça. A minha primeira dose tem que ser forte, tem que ser uma coisa com álcool mesmo, para eu encarar, senão eu não encaro. Nesse dia mesmo... o moço falou, falou. Acabei saindo com ele para fazer o programa e ele falou “Ai vamos cheirar” e eu disse “Não. não. Tô de boa!” e ele insistia “Cheira aí!”. Eu comecei a pensar e analisar... você não pode lembrar o porquê você está fazendo isso aí, você tem que encarar, aí eu comecei a pensar muito nos meus problemas e falei “Você quer saber: eu vou cheirar senão não vai descer fazer programa com esse cara”. Ai eu cheirei e tudo, mas não fiquei louca, eu sabia o que estava fazendo, eu estava ciente do que eu estava fazendo, só que eu não vou falar que eu me arrependo, porque eu não me arrependo de ter cheirado, nesse dia.

Eu: — Foi uma coisa que você fez para tomar coragem, não para ficar inconsciente, mas para ter coragem de tomar aquela iniciativa?

Fernanda: — É porque sã eu não consigo encarar....

Fábia: — Porque ela é totalmente diferente. Eu, ela e a Lu, que é uma menina que morava perto da gente. Elas são totalmente diferentes de mim, elas se acovardam, elas têm medo. Por exemplo, lá em Campinas, perto do Aparecidinha, tem um posto lá que é muito conhecido, eu trabalhei na Panther, um barzinho. Ela, a Lu e outras meninas que eu conheci, não têm o mesmo peito que eu, não sei se foi o meu sofrimento porque eu fui casada duas vezes, não deu certo. A primeira vez o meu marido foi preso. Eu tive dois filhos que estão nas costas dos meus pais, eu estou aqui labutando pra conseguir alugar uma casa, pra mobiliar, pra poder trazer meu filho, vou ter que entrar com recurso na Justiça para ter meu filho perto de mim. Entende? Eu já sofri violência. O primeiro namorado da minha vida, da época em que eu era virgem, ele me fez mulher depois que ele fez eu perder a virgindade com ele, depois ... eu não sabia que ele usava droga ... Ele começou a trazer os amigos dele, me apresentar a eles, e numa noite ele me vendeu para quatro amigos dele, ao mesmo tempo. E para não aparecer vestígios de sêmen, no canal da vagina, eles fizeram

sexo anal, foi onde eu desmaiei, fui parar dentro do hospital sem uma peça de roupa, eu era menor, eu tinha dezesseis anos. Entende? Eu já sofri muito. Eu tenho certa revolta dentro de mim.

Fernanda: — Mas você não deixa isso transparecer.

Fábia: — Não. Normalmente as pessoas que me conhecem acham que eu sou incapaz de qualquer coisa. Porque acham que eu sou muito boa, muito legal, muito isso e muito aquilo e não conhecem a pessoa que sofreu, a revolta dentro de mim.

Eu: — Você ia falar que você acha que encara essa vida na noite de uma forma diferente dela. Por que você acha isso? (*dirigindo-me a Fábria*)

Fábia: — Olha. Ela passou... não é uma maneira fria, é a minha realidade. Quando eu iniciei na noite, para mim foi difícil. Eu sentia nojo, eu tinha desprezo. Entendeu? Muitas vezes eu estava fazendo o programa e seu fechasse o olho eu me imaginava sendo estuprada novamente. Eu já sofri bastante isso daí, até o dia que eu me tratei com psicólogo, eu conversei bastante a respeito.... Desculpa se eu chorar. (*Nesse ponto da entrevista, a Fábria se emociona e começa a derramar algumas lágrimas*).

Eu: — Desculpa por eu te fazer pensar nessas coisas novamente.

Fábia: — Hoje, não que eu sou de pedra... mas eu sou uma pessoa capaz de ajudar qualquer pessoa. Eu só não dou um emprego pra ela (*referindo-se a Fernanda*) porque eu não tenho condição, se eu tivesse, eu jamais, nunca na vida eu traria ela pra cá, pra correr o risco de pegar doença, da gente ir pro quarto e o cara está muito louco e, às vezes, querer ir bater porque tem muitos que têm fantasias muito loucas.

Eu: — E vocês têm que conviver com essas coisas?

Fernanda: — Arriscar tudo! Na vida do ser humano, vive-se arriscando, só que nessa vida, você arrisca dobrado. É uma coisa assim, você procura o risco.

Eu: — Mas por que você acha que tem tanto risco, nessa vida?

Fernanda: — Porque assim... por a gente precisar do dinheiro, a pessoa vem e diz “te ofereço mais dinheiro”, só que chega na hora você não conhece a pessoa, você nunca viu. Chega na hora você começa a lembrar do seu passado, a pessoa te oferece uma droga e você acaba usando e, na casa, você bebe pra dar lucro, corre o risco de ser estuprada, isso tudo, nessa vida. O que você mais arrisca, nessa vida, é a droga e ser estuprada. E é horrível isso.

Fábia: — Eu sei lhe dar com isso de uma certa maneira que ela não aprendeu ainda, e a Lu não sabe. Como naquela noite que fomos lá em Campinas, elas ficaram com medo de travesti e de uma nóia que estava lá. Eu não estava com medo. Eu não, elas estavam.

Fernanda: — É igual eu falei, nessa vida, você arrisca tudo, mas você vai ficar num ponto que não é seu? Porque você nunca foi lá, sendo que tinha umas cinco ou seis travestis e uma nóia... botar sete mulheres contra três mulheres, e travesti só vai lutar com estilete, e com faca, e como se diz... eles são homens, vão dar um sufoco, pois são tudo alto, grande ... Então é o seguinte, você não pode arriscar também tudo, tudo. Você está consciente que está num lugar que não é seu. A mesma coisa aqui, você arrisca tudo, ai depois chega um cliente que ... como a gente não conhece ninguém aqui, a gente está fazendo amizade agora... , se chegar um cliente que é de outra pessoa, que está tendo um caso com outra pessoa e se você não souber, corre o risco de você sair com ele e a outra ficar sabendo e tacar uma faca em você. [...] Até dormindo você corre risco. Por mais que tenha segurança, mas se alguém quiser pular o muro e correr aqui, ele vem.

Eu: — E porque você acha que tem tanto tipo de violência? A questão das drogas, a violência sexual, as brigas... Por que vocês acham que tem tanto tipo de violência nesse ambiente das casas noturnas?

Fernanda: — Ambição de dinheiro...

Fábia: — E distúrbio mental também...

Eu: — Distúrbio mental em que sentido? Tipo o quê?

Fábia: — Psicológico.

Fernanda: — A pessoa que é maníaca por sexo, ou a pessoa que é revoltada, que foi estuprada, até homem mesmo, e quer descontar uma raiva em alguém.

Eu: — Várias coisas que acontecem fora das casas acabam influenciando o que acontece aqui dentro?

Fábia: — Isso. Aqui, graças a Deus, eu não passei por esse tipo de coisa, mas pela minha jornada eu já passei por muitas... Hoje eu já sei me dar com alguém que pode vir me barbarizar, antes não... Antes eu era inocente, eu não tinha noção, eu também fui usuária de drogas. Eu parei, graças a Deus, porque eu tenho duas crianças e eu não quero que eles tenham essa influência vinda de mim. E lógico, o maior exemplo são os pais... e pai eles já

não têm, a não ser o meu. E mãe, até agora eles têm a minha mãe ... e eu que estou sempre longe, distante.

Eu: — E como vocês aprendem a se defender desses riscos que tem na noite, todos esses: drogas, cliente violento, ou mesmo uma menina que tenha na casa que também é violenta ou aquela pessoa que muitas vezes não bate, mas fala uma palavra pra te magoar. Quem ensina? Como vocês aprendem a se defender dessas coisas?

Fernanda: — Na minha opinião, é não falar demais... Vê o que você fala, pensar dez mil vezes no jeito que você fala, para evitar uma confusão. Ter noção aonde você está indo fazer o programa, ver se tem segurança lá. Ter noção do que você está fazendo. E droga é assim ... é pensar nos filhos, primeiramente, dependendo da situação, porque se eu pensar no meu filho. Puxa! Quando ele crescer ele vai me chamar de puta?! Então eu fico com aquilo na cabeça e acabo usando para esquecer e encarar aquilo. Pra eu ter mais coragem. Tem que evitar muita coisa. O principal é ver o que você fala. Porque se o cliente vê, é igual ela fala mesmo, se o cliente vê que você é uma pessoa inocente, bobona, ele vai folgar em cima de você. Agora se ele vê que você é uma pessoa mais esperta, ele vai ficar esperto, ele vai pensar “não vou folgar porque ela é uma pessoa que entende”. É igual a Fábria, com ela ninguém folga, quando faz programa, ela faz o programa dela rápido. Eu já não, o cliente diz “faz isso, faz aquilo” e eu fico com aquele medo é capaz dele me bater ou não querer pagar o dinheiro, e eu já estou ali ou ele querer pegar o dinheiro de volta, e eu fico com aquele medo, por isso eu espero alguém me chamar “já deu a hora! Vamos sair!”. Tem que ser muito esperta!

Eu: — E como você aprendeu a agir assim ... Você falou que não pode se acovardar. Por que não? (*pergunta dirigida à Fábria*)

Fábria: — Vamos dizer assim... a vida me ensinou porque toda vez que eu abaixei a cabeça pra alguém, eu apanhei mais. Ou eu enfrento os meus problemas ou eu enfrento, porque fugir deles não vai ter condição. A vida gente, não só nessa (*fazendo referência a vida na noite*), mas a própria vida da gente faz a gente aprender a lutar pelo objetivo da gente. Eu tenho um objetivo enquanto trabalho aqui.

Eu: — Qual é o seu?

Fábria: — O meu sonho é poder ter minha casa, cuidar dos meus filhos, um dia ainda me casar. Eu sei que amanhã ou depois, eu vou poder apagar isso ai da minha memória.

Eu: — O que? As coisas que você viveu?

Fábria: — O que eu sofri. Porque pra todos os efeitos eu ainda soffro. Embora eu ignore o meu sofrimento e faça de conta que estou feliz.

Eu: — Mas por que você diz que soffre? É por você estar na noite ou por outras coisas?

Fábria: — Por outras coisas, por eu não poder estar lá, por eu não ser aceita na minha família. Entendeu? Desde quando eu fui estuprada, depois eu me casei, meu marido me traiu, ele foi fazer um assalto com uma mulher, eu estava fora de casa, quando eu voltei fazia cinco dias que ele estava preso. Daí eu tentei, através da prostituição, ajudar minha mãe, eu amamenteei cinco meses o meu filho, depois eu comprava leite, aquele leite NAM com o dinheiro que eu ganhava na boate. Entende? Depois eu tive outra união com outro homem. Esse homem, eu fiquei um ano casada com ele, mas eu estava grávida, fui vítima de violência grávida de seis meses do meu segundo filho, e daí... eu lutei por mim e pelo meu filho. Se eu aceitava apanhar uma vez e desculpar... ele pediu perdão, ele ajoelhou, ele chorou, eu disse que não pois se eu aceitasse apanhar uma vez, eu ia apanhar todas e meu filho ia crescer revoltado, vendo a mãe apanhar e não tinha só ele, tinha mais três que era do meu ex-marido.

Eu: — Mas seus dois filhos moram com seus pais?

Fábria: — Sim, pois não existe outra pessoa que eu confio. Talvez até eu acho que não tenho tanta competência como meu pai e minha mãe. Que foram pais meus e das minhas irmãs e estão sendo dos meus filhos.

Eu: — Mas também por tudo o que você passou, sua história de vida. Senão você estaria agora com eles. Né?!

Fábria: — Mas eu não sou aceita em casa... mesmo porque uma pessoa foi e disse para o meu pai que eu era prostituta. Daí ele me expulsou de casa.

Eu: — Vocês acham que a violência, essas coisas todas que vocês estão falando que são negativas na vida na noite têm alguma relação com o preconceito?

Fábria: — Tem. O preconceito existe em tudo.

Eu: — Sim, mas eu falo dessas coisas negativas, tipos de violência que acontecem na noite, isso não está de certa forma relacionado com o preconceito que as pessoas têm em relação a vocês, por exemplo?

Fábria: — Não só a nós mesmo. Né?!

Eu: — Não só em relação a vocês? Em relação a outras coisas também?

Fábia: — Não, porque tem mulheres que sai de casa virgem, casa, tem essa lei. E vivem como uma moça certinha, dentro do lar. Né?! O marido sai e vai aonde? Na boate. Atrás de que ele vai, se ele tem tudo o que é certinho dentro da casa dele?

Eu: — Atrás de que ele vem?

Fernanda: — Eu tiro pelo meu caso, porque o pai do meu filho, ele não trabalhava e eu saía com um canção de algodão doce gritando “Olha o algodão doce!”, eu fazia isso ai há dois meses atrás, pra sustentar o meu filho e até o pai do meu filho.

Fábia: — E eu que comprava o algodão dela.

Fernanda: — Ela comprava. E o que ele fazia? Às vezes ele trabalhava de servente e o dinheiro que era pra comprar um creme, alguma coisa pra mim ou que precisava comprar... porque quando eu pegava meu dinheiro, eu pensava nele e no meu filho... não... Ele já pensava nele, não pensava em mim e no meu filho. Às vezes quando ele pensava, dava cinco reais para comprar um pacotinho pequeno de fraldas e ficava com os outros vinte e cinco reais, em vez de juntar esse dinheiro, ele ia para o Vira-copos, em Campinas, nas boates, na zona. Isso eu fiquei sabendo pela boca dos amigos dele, isso foi me revoltando. Puxa! Mas eu faço de tudo pelo cara, brigo com os outros por causa dele, troquei a minha mãe e meu pai por causa dele e o que ele me faz em troca? Me bate, me trai e me ofende. Eu dizia que amava ele “te amo, isso e aquilo”. Hoje não, o mundo deu volta, hoje é ele que fala que me ama e me aceita assim. Mas mesmo assim, hoje eu não quero mais ele, dois meses se passaram, quando eu voltava para Sumaré, ele dizia que me amava e eu falava “eu não te amo mais, não tem pra que amar uma pessoa que me batia, que rasgava minha roupa quando eu estava sossegada”.

Fábia: — Abusava dela na frente de qualquer pessoa.

Fernanda: — E olha que eu era certinha! O meu único vício era o cigarro.

Fábia: — Você sabe o que é rasgar a roupa de uma pessoa, na frente do público, bem dizer? È abuso de poder e era o que ele fazia.

Eu: — Só porque ele era seu marido ele agia dessa forma?

Fábia: — Eu tentava ajudar ela. Quando eu falava sobre serviço, ele não dava o recado pra ela. Arrumou até um empecilho, é uma pessoa, é um senhor que tem 67 anos e a vida dele é abusar de mulheres que não têm condições de se manter ou que não têm pra onde correr.

Tanto que ele abusou de mim por um tempo, entrou na casa dela e abusou dela (*referindo-se à Fernanda*). Era virar as costas e ele falava pra ela coisas horríveis a meu respeito, e quando ela não estava falava dela.

Eu: — Ele fazia intriga de uma pra outra?

Fábia e Fernanda: — Isso!

Eu: — Quem é essa pessoa?

Fábia: — Essa pessoa é um ex-delegado civil. E hoje ele está abusando de outras mulheres.

Fernanda: — Uma menina que parece menor.

Fábia: — Eu não me acho assim ... numa condição de fazer justiça. Mas eu odeio quem abusa de menor, porque eu já fui abusada. Eu não sei o que eu devo fazer em relação a isso. Agora, quanto ao meu trabalho na noite, um dia eu vou sair dele. Deus queira que seja intacta, sem ter pegado nenhuma doença, nenhum problema.

Eu: — Mas também, tem bastante coisas que vocês fazem pra se prevenir desses riscos?

Fábia: — Uso o preservativo, tanto feminino quanto o masculino. Entendeu?!

Eu: — É você também falou que vai sempre ao médico, procura fazer todos os exames, isso também é um tipo de prevenção. Como vocês aprendem isso? Quem fala sobre essas coisas pra vocês? Colegas?...

Fernanda: — É tipo assim, a experiência de uma pessoa ter pegado aquilo ou a experiência de uma pessoa ter passado por aquilo ou tem alguém que já passou.

Eu: — Então vai contando, circulando as informações?

Fábia: — Ir ao ginecologista, sentar com ele e explicar... “eu sou uma profissional do sexo”, coisa que eu não tenho vergonha de contar para ninguém.

Eu: — Você assume isso?

Fábia: — Eu assumo porque eu não vou esconder. A pessoa que achar ruim o fato de eu ser uma profissional do sexo, que arrume coisa melhor pra mim. Eu já fui até servente de pedreiro, hoje, ninguém me dá serviço como servente de pedreiro. Por quê? Porque eu sou mulher. Quando eu tinha 16, 17 anos, eu trabalhava como servente. Entendeu?! E hoje ninguém dá.

Eu: — Nesse jornal que eu passei pra vocês do pessoal do Rio (*referindo-me ao jornal Beijo da Rua*), um grupo de mulheres que trabalha ou já trabalhou na noite vai falar que a atividade da profissional do sexo é reconhecida como uma ocupação, está certo que ainda

existe muito preconceito, mas esse é o primeiro passo para que essa atividade seja reconhecida como trabalho.

Fábia: — Não existe mais aquela tradição que a mulher tinha que casar virgem. Hoje a mulher pode virar uma biscate, passar de mão em mão antes de chegar ao casamento, ou então ajuntar, porque casamento mesmo está acontecendo pouco. Está acontecendo mais amasiamento, morar junto. Né!? Hoje a sociedade aceita a mulher como uma promíscua, que se dá de mão em mão, até encontrar um homem pra morar junto, mas não aceita uma profissional do sexo, que faz isso para auto-sustento.

Eu: — Vocês acham que a sociedade está sendo falsa então? Pois ao mesmo tempo em que ela aceita que algumas mulheres façam isso, ela nega que isso seja feito como um trabalho?

Fábia: — Ela discrimina isso... Assim como uma moeda, ela tem duas faces.

Fernanda: — A minha mãe prefere uma garota de programa do que uma biscate. Ela praticamente me empurrou nesse embalo, porque há duas semanas atrás, eu estava morando em Presidente Prudente, aí ela me jogou para cima de um taxista. Eu disse a ela que não gostava de ser garota de programa, eu disse “eu não vou ser isso mãe!”. E ela me disse “você tem um filho, está morando na minha casa, está desempregada, você tem que se virar, de um jeito ou de outro”. Até que eu comecei a me envolver com esse taxista. Só que eu me irritava porque ele pagava pouco. Ele era bonzinho, só que era tipo assim muito folgado, queria pagar pouco e ainda queria pintar e bordar e fazer o que quiser comigo. Foi quando eu voltei para cá e acabei ficando. Eu não tenho nem vontade de voltar a morar com minha mãe, prefiro pagar para ela olhar meu filho, porque ela cuida bem, do que eu morar com ela. E olha que ela tem orgulho... Sabe aquela pessoa ambiciosa, que só pensa no dinheiro e depois na saúde ...

Fábia: — Ou na moral do filho.

Fernanda: — Ela me empurrava para o taxista, mas falava para eu não contar para as irmãs dela. Ela queria ser assim uma pessoa alta, ela passando necessidade dentro de casa e mesmo assim comprou um celular, passando necessidade dentro de casa. Então vamos dizer que é uma pessoa fina. Então está todo mundo lá, pensando que eu estou casada, que meu marido trabalha em uma empresa em São Paulo, que eu tenho uma casa. Mas só quem sabe a real é minha prima, que sabe que não é isso. E no dia que eu falei que o pai do meu filho não trabalha em São Paulo, que ele não trabalha... Ela me mandou embora e disse que eu

estava desmoralizando ela perante suas irmãs. Eu acho assim, que se ela quisesse mesmo se erguer na vida, ser alguém na vida ou dar um exemplo pra mim, ela devia dar um exemplo bom. Ela podia ser trabalhadora. Ou numa cidade pequena, ela poderia ter me jogado pra cortar cana ou falado “não filha, arruma algum bico pra você fazer, alguma coisa, porque eu não tenho como sustentar você e seu filho, posso dar arroz e feijão, mas manter vocês dois dentro de casa fica difícil”, mas não, ela preferiu me jogar para cima do taxista. Eu tenho revolta dela sim, tenho, porque é minha mãe e ela me fez encarar essa realidade, ela que me jogou pra esse buraco.

Eu: — Você acha que ela te jogou num buraco ou talvez ela pense de outra forma mesmo? Ela pensa que isso é um trabalho? Pois tem pessoas que pensam assim...

Fernanda: — Ela tem ciúmes de mim com meu padrasto. Porque ela sabe que eu tenho o coração fraco, o meu irmão e minha outra irmã têm o coração mais duro, o meu gosto é o gosto dela, então ela sabe que se eu comprar pra mim, eu vou comprar pra ela. Não que eu seja ambiciosa, mas ela sabe que eu quero ter alguma coisa na vida. Então ela quer ter os filhos pra ter para onde correr, na hora que ela mais quer, na hora em que ela precisa.

Eu: — Então você acha que ela fez isso pensando nela e não em você?

Fernanda: — Isso. Porque se ela pensasse em mim, por ela ser crente, ela ia dar um bom exemplo, ela ia falar “não filha, volte para igreja”.

Fábia: — Ela usa a religião como uma fachada.

Fernanda: — Mas como ela pode me pedir isso se ela mesmo me empurrou pro buraco. O meu padrasto era um amor de pessoa comigo, ele falava “não filha, você tem que ficar aqui, eu espero você arrumar um emprego”. Até dia dois, que foi segunda-feira, era pra eu fazer uma ficha lá, uma inscrição para trabalhar na prefeitura, mas não fiz. Por que? Porque se eu for para lá não vai ter canto onde eu ficar. [...]

Fábia: — Na verdade sua mãe usa uma fachada, vive de aparências e faz outras coisas.

OBS: Observei que Fábio estava terminando os preparativos do jantar, avisei que concluiríamos a entrevista e que eu voltaria na próxima semana para fazer as entrevistas individuais sobre os temas 3 e 4. Combinamos que entrevistaria, primeiramente, a Fábria e depois a Fernanda. Despedi-me delas e de Fábio e fui embora.



**Transcrição: Entrevista individual
com Fábria
9/out/06 – Casa 06**

OBS: O início da conversa não foi gravado, pois Fábria estava relatando uma experiência de violência sexual sofrida por parte de um cliente. No meio dessa conversa, ela perguntou sobre a entrevista que havíamos combinado de realizar hoje, questionei se ela realmente estava preparada para ser entrevistada ou se preferia agendar outro encontro, mas ela disse que poderia ser entrevistada hoje mesmo. Liguei o gravador para fazer alguns testes e depois comecei a gravar nossa conversa, do ponto em que estávamos.

Fábria: Então muita coisa acontece também porque o homem não dá tempo para esposa. Né? Ele quer ser compreendido, mas não sabe compreender.

Eu : Por que o cliente torna-se fixo? Quando ele deixa de ser o cliente normal e passa a ser fixo?

Fábria: Quando ele resguarda aquela relação e passa a aceitar a mulher dele do jeito que ela é porque ele já sabe que o que ele deseja é a mulher que ele não tem, seja em sentido afetivo, porque tem mulheres que não deixam o homem tocar e que não aceitam conversa, que não sabem conversar, apenas discutir. Entende? Então ele deixa a casa dele do jeito que está, porque ele sabe que, mesmo pagando, ele vai ter uma satisfação pessoal e não é só no sentido sexual, mas afetivo. Muitas vezes eles compram carinho da profissional do sexo. Eles buscam mais por isso (o carinho), pois como eu mencionei chega uma fase do casamento que vira um tédio. Né?! As coisas são repetitivas ... quando eles não sabem contornar... Porque é a mulher que faz o homem. Né?! Você já ouviu falar?

Eu: Já!

Fábia: A mulher que faz o homem!

Eu: Então você acredita nesse ditado?

Fábia: Eu tenho certeza absoluta! É através da mulher... se a mulher está disposta a descobrir outros lados, a passar por experiências que não passou. Entendeu? Sair um pouco da rotina, se apaixonar novamente... ela deixa um caminho aberto para voltar ao tempo... Vamos dizer como era antes namorar de novo... Viver como aquela mocinha que ela foi. Entendeu?! E resistir à rotina... porque o que desgasta o casamento, normalmente, é a rotina, o tédio. Se a mulher não se dá esse espaço de reconquistar o marido sempre, ele vai procurar em outra pessoa aquilo que a esposa dele não está dando, ai ele se torna um cliente fixo. Por quê? Porque se ele encontrou tudo o que ele estava buscando, numa profissional do sexo, não importa para ele pagar. E, às vezes, como é no meu caso, eu tenho cliente que se tornou um grande amigo meu. Ele me ajuda, quando pode. Nem sempre nós mantemos relações (sexuais). Às vezes, se eu precisar de uma quantia em dinheiro, ele tenta me arrumar. Então ... é como se ele tivesse duas esposas: a doméstica e a afetiva.

Eu: A do lar e a fora do lar, com quem ele se envolve afetivamente, alguém para quem ele possa contar coisas que não pode contar para mulher?

Fábia: Isso.

Eu: Você falou que os gestos das pessoas falam muito sobre elas, pois olhando os gestos do cliente dá para saber mais ou menos como ele é. E vocês? Como usam o seu corpo para mostrar o que você está sentindo?

Fábia: Você diz assim em sentido de gesticular?

Eu: Sim... gesticular, dançar, o gingado, tudo. Como você usa o seu corpo para passar alguma mensagem para as pessoas?

Fábia: Bom eu não sei responder exatamente... eu vou tentar... mas não sei se eu consigo responder.... Porque tem coisas que a gente faz que a gente nem compreende como. Entende? Meu corpo... Eu tento... como eu estou conversando com você, eu estou gesticulando, estou buscando dentro de mim falar sobre coisas que eu sei que guardo para mim e porque, muitas vezes, nem sempre eu tenho oportunidade de falar, a não ser com clientes e com aqueles que me dão oportunidade. Mas é ... usar meu corpo... Muitas vezes eu uso através da dança, às vezes em gesticular mesmo com as mãos. Tento sorrir, às vezes quando estou meio triste dou um sorriso assim meio de lado sabe, sorrisinho meio tímido.

[...]

Eu: Em sua opinião, o que os clientes aprendem com você?

Fábria: A nunca desistir de lutar... porque através do meu sorriso, o meu sorriso esconde muitas coisas, o meu sorriso, a minha habilidade, a minha maneira de dançar, o meu jeito de ser compreensiva. Eu acredito que eles entendem que eu sou uma pessoa que não me dei por vencida, ainda. Entende?! E que, em vez de estar lamentando e de murmurar e chorar, eu estou sorrindo. Aonde que eu já fui elogiada por isso. O cliente me falou “Você é uma mulher de garra! Que tem força. Quero que você continue assim.”

Eu: Você acha que essa lição fica para eles?

Fábria: Para quem tem a sensibilidade de aprender, sim.

Eu: Tem que ter essa sensibilidade? Tem que estar disposto?

Fábria: Porque também aparecem muitos garotos que só querem mesmo aquele sexo, a pessoa está mais na curtição. Mas a maioria procura mais... a maturidade que há, que atravessou a profissional do sexo, pois ela chega a ter uma maturidade, um senso de percepção, de saber o que fazer na hora que se sente perdida.

Eu: Você acha que essa é uma característica da garota de programa?

Fábria: Também. Porque ela vai sofrendo, vai sofrendo... Ela é só a garota de programa, aquela mulher alegre, que todo mundo vê, que dança bem pra caramba, e tem muitas pessoas que aprendem com isso. Que ela passa a ignorar os seus problemas para poder ajudar os outros – os clientes – nos seus problemas.

Eu: Então você acha que o jeito como ela age acaba ensinando os outros também?

Fábria: Eu já tive participação até em quase separação, eu salvei um casamento.

Eu: E se eu perguntasse quem são os clientes que vem aqui?

Fernanda: São casados.

Fábria: Casados, solteiros, divorciados.

Eu: São sempre homens? Ou tem mulher?

Fábria: É muito difícil mulher que vem aqui, mas de vez em quando vem. Lembra aquela mulher que veio aqui atrás do marido “Ai se ele estiver com alguma mulher!”, eu olhei para ela e falei assim “Você vai fazer o quê? Não vai agredir a garota não porque ela não foi na sua casa buscar teu marido”, ela disse “Ah! Não eu não tenho nada contra você não.” e falei

“Espero que seu marido não esteja aqui”, olhei pra ela e disse “Você está grávida. Né? Eu não vou agredir,mas não vou deixar você bater em ninguém.”

Eu: E se eu perguntasse quem são as garotas de programa?

Fernanda: É uma pessoa que nunca desiste do seu sonho.

Fábia: É uma mulher que aprendeu, através do sexo, coisas a mais ... eu posso mencionar uma coisa que podem até ignorar, você pode até cortar... é que através desse sofrimento, ela não desiste e aprende.... Como eu posso dizer? Ela aprende a sobreviver sem sentir o ódio do homem, sem ignorar o homem. No meu caso, aprendi valores e coisas através do amor.

Eu: Que valores?

Fábia: Muitas mulheres que eu conheci, já estão até revoltadas, não acreditam mais nos homens. Eu sou uma pessoa que eu não sei, eu não aprendi a odiar o homem. Entendeu? A trocar a minha opção sexual por causa dos homens ... não perdi meu valor como mulher, não perdi meu caráter, nem dignidade por eu ser uma profissional do sexo. Mas, ao contrário, eu aprendi a ajudar outras pessoas com os valores que eu tenho, para que não saiam daqui perdidos.

Eu: Você está falando dos clientes? De que forma você tenta ajudá-los?

Fábia: Muitos, às vezes, pensam em largar a esposa para ficar com a garota de programa. Eu tive três oportunidades dessa. Mas é o desespero que faz um homem querer se unir a uma garota de programa e abandonar a esposa... é até o próprio orgulho pra mostrar à esposa que ela estava sendo inferior a uma garota de programa. São fatores que eu prefiro sentar com o cliente e procurar discutir soluções. Soluções para os problemas dele, porque pode ser que ele adore aquela garota de programa, naquele momento, naquelas horas que eles passam, no dia a dia é totalmente diferente.

Eu: E os clientes procuram solucionar os problemas de vocês?

Fábia: Tem. Eu tenho um cliente que é um grande amigo meu, ele mora em São Paulo, ele faz entrega aqui, em São Carlos. Eu tenho um amor muito grande por ele e ele me trata de menina, ele me chama de menina. E olha... o que eu posso falar é que ele tenta me ajudar da maneira que ele pode. Ele falou “Arruma uma casa que eu pago o aluguel”. Entendeu? Para eu não viver dependendo de cafetão, para eu começar a conquistar aquilo que é meu.

Eu: Além dessa ajuda financeira, há outras formas do cliente ajudar?

Fábria: Porque ao falar de dinheiro, normalmente, as pessoas pensam que a gente é ligada muito em dinheiro, mas não é. Existem coisas que somente o dinheiro compra, como por exemplo, a estabilidade numa casa, mobiliar uma casa depende disso.... e outras coisas que todo o dinheiro do mundo não compra, e que é uma lição de amor. Entende? E muitos deixam mesmo (*uma lição de amor*) e muitos homens que não largam da dama por nada, porque aprenderam o valor que ela tem. Tem muitos que não dão valor à garota de programa, mas existem vários que conhecem o valor que ela tem. Ela é a companheira, amiga e está disposta sempre. Porque uma mulher comum, hoje, normalmente ela é o quê? Ela é a empregada do lar. Entendeu? Que muitas vezes vai sem vontade para cama, só pela vontade do homem. Eu não preciso fingir meus desejos. Eu já falei até para os meus clientes, porque eles perguntaram “Você não goza?” “você não sente prazer?”. É eu não tenho namorado, eu não tenho ficante, eu não tenho marido. Entendeu? Fala pra mim, o que é que me impede de tirar uma casquinha de vez em quando? (*risos*)

Eu: Nada. Né?

Fábria: Nada. E eles já pedem na hora, então pode tirar uma casquinha.... Pelo amor de Deus!!!

Eu: Então eu vou encerrar agora, pois já são 17h.

Fábria: Espero ter ajudado você com sua pesquisa.

Eu: Com certeza ajudou muito. E eu voltarei para deixar uma cópia das falas com você e para perguntar alguma coisa que possa gerar dúvida na hora da transcrição. Volto na próxima semana para dar um retorno dessa entrevista e para fazer a entrevista com a Fernanda. Também volto para conversar sobre aquilo que a gente conversou antes Fábria, sobre o que a gente vai fazer.

OBS: O gravador foi desligado e ainda conversamos mais alguns minutos sobre o que poderíamos fazer para encaminhar o caso de violência sexual sofrido por Fábria. Ela disse que escrever um artigo seria uma boa idéia, pois não precisava assinar o nome todo e assim ficaria mais difícil de ser identificada. Falei sobre a possibilidade de buscar um acompanhamento psicológico na UFSCar, mas ela revelou que não sabe se vai ficar na casa por muito tempo ou se vai voltar para sua cidade. Combinei de voltar na próxima semana para continuar nossa conversa, despedi-me de Fábria e Fernanda.



**Transcrição: Entrevista coletiva
com Fátima, Flora, Fran e Darci
14/nov/06 – Casa 06**

Eu: Hoje é 14 de novembro, 15:52 h. Podemos começar?

Fátima: Meu nome é Fátima, sou de Ribeirão Preto e tenho 19 anos.

Flora: Meu nome é Flora, sou de São Paulo e tenho 22 anos.

Fran: Meu nome é Fran, tenho 23 anos e sou de Ribeirão Preto.

Eu: Há quanto tempo vocês trabalham na noite?

Fátima: Eu trabalho há três anos.

Flora: Eu há quatro anos.

Fran: Eu?!... (*risos dela e das outras*).

Flora: Ela é a mais velha (*risos*).

Fran: Eu trabalho na noite há sete anos (*mais risos*).

Eu: Há sete anos?

Fran: Ai que horror gente...

Eu: Pra começar se vocês quiserem, poderiam falar um pouco sobre a vida na noite, como ela é? Por que vocês vieram pra noite?

Fran: Eu vim por problemas financeiros. Não tinha opção.

Fátima: Eu vim para poder manter minha filha.

Flora: Pra manter minha filha e pra sair de casa também.

Eu: Por que você queria sair de casa Flora?

Flora: Porque tinha muitos problemas em casa, muita briga.

Eu: Brigas de família, essas coisas?

Flora: É, muita briga.

Eu: E você veio para a noite pra sair um pouco desses problemas?

Flora: Isso e também para ajudar minha filha.

Eu: A primeira coisa que eu vou perguntar em relação aos clientes é “O que vocês sabiam sobre os clientes antes de entrar para a noite”?

(Todas respondem juntas: “Nada!”)

Fátima: Não tinha nem idéia.

Fran: Eu entrei na noite pensando que ia ganhar horrores de dinheiro.

Fátima: Depois a gente está aqui que vê que não é bem assim.

Flora: Não é por aí... não é dinheiro fácil, não é dinheiro rápido.

Eu: Então vocês entraram sem saber como é que era? Sem conhecer ninguém?

Fátima: Eu conhecia. Conhecia uma colega minha que fazia programa, aí ela me levou.

Eu: E o que ela te falava sobre a vida na noite?

Fátima: Ela falava assim que ganhava dinheiro, que dava para ela se manter e manter a filha dela. Só que era muito sofrida a vida.

Eu: Aí você veio para ver como é que era?

Fátima: Pra ver como que é.

Eu: E o que você achou?

Fátima: Ah! Não é muito boa não.

Eu: Mas era verdade o que ela falou? Dá para se manter?

Fátima: Dá. Para se manter dá.

Eu: É melhor que nos outros trabalhos?

Fátima: Melhor que nos outros eu não sei, porque eu nunca tinha trabalhado antes.

Eu: Esse foi seu primeiro trabalho?

Fátima: Isso.

Eu: E você Flora? Já conhecia alguém?

Flora: Eu li no jornal. Eu tava procurando um emprego normal e li “Garotas! Garotas! Precisa de garotas, ganhos acima de mil reais e não sei o quê.” Aí eu liguei e era de uma boate. Eu comecei a trabalhar lá. O primeiro cliente, eu tava transando com ele e chorando e ele continuou. Eu fiquei com muito medo.

Eu: E você?

Fran: Eu também conhecia uma amiga minha que trabalhava na noite e me indicou. Né! Ela falou que dava pra ela se manter, ajudar a mãe dela e família dela. Eu tava desempregada mesmo e peguei e fui.

Eu: E os outros trabalhos que você já teve? O ganho era maior na noite ou não?

Fran: É realmente na noite o ganho é maior mesmo, mas mesmo sendo pouco, a gente trabalhando é melhor. Né?! Porque ficar noites e noites acordada não é bom pra gente, não é bom para ninguém.

Eu: É puxado?

Fran: É puxado... mas para mim é mais lucrativo. Entendeu?!

Eu: Então por isso você fez essa opção?

Fran: Isso.

Eu: Aproveitando o que a Flora falou, eu gostaria de saber como foi a primeira aproximação com um cliente?

Fran: Horrível! Horrível! Horrível! Foi... Nossa.... Minha vontade era mandar o homem sair de cima de mim... Parar com tudo aquilo que ai... é uma sensação horrível. Você ir para a cama com uma pessoa que você nunca viu na vida, não tem afinidade nenhuma com a pessoa. É uma sensação muito ruim.

Eu: E com o tempo? Como que é com o tempo?

Fran: Com o tempo a gente vai acostumando. Né? Acaba acostumando. Não que seja bom, mas acaba acostumando.

Eu: E vocês... como foi a primeira aproximação de vocês com um cliente?

Fátima: A primeira vez foi horrível também. Foi com um homem bem mais velho que eu, ele me levou para um motel e, aliás eu não consegui fazer o programa nesse dia, eu tive que devolver o dinheiro dele. Ai depois, da outra vez que eu fui, eu consegui, mas depois deu um nojo muito grande, eu tomava banho desesperada e chorava...

Eu: E por que será que dá esse nojo?

Fátima: É porque você tá ficando com uma pessoa que você nunca viu na vida. Né!? Ela está te pagando e você está vendendo seu corpo. Né?! É horrível.

Eu: E você acha assim que estão vendendo o corpo? Ou o quê que você vende na hora do programa?

Fátima: Hoje eu acho assim que não é bem o corpo...Entendeu? Vamos dizer... Tipo assim você...

Fran: Você proporciona um momento de prazer para a pessoa

Fátima: É... Porque você mesmo não sente prazer. É muito difícil isso acontecer... Você sentir prazer com uma pessoa.

Eu: Mas isso pode acontecer também?

Todas elas: Pode.

Fátima: É raro, mas pode.

Eu: E quando isso é possível?

Fátima: Ah! Quando você encontra uma pessoa que é legal com você, você se identifica. Entendeu?! Você tá fazendo o programa com o cara e ele é legal, acaba até rolando.

Fran: Quando ele chega em você e conversa, não é igual aqueles caras que chegam enfiando a mão na gente. Aquele que tem uma conversa sadia

Fátima: Ele faz você se sentir assim, não como uma garota de programa, ele te trata como uma pessoa normal.

Eu: E o que seria uma pessoa normal?

Fátima: Como se fosse uma namorada dele, uma paquerinha.

Fran: Ele trata você com respeito.

Eu: E você Flora? Como foi a primeira aproximação do cliente?

Flora: Ah! Me empurraram para cima dele, porque eu só ficava sentada.

Eu: Sentada?!

Flora: É eu não ia atrás do cliente, eu só queria ficar sentada. Ai a dona da casa veio e falou: “Vai lá naquele cliente.”. Era um velho, feio pra caramba. Ai eu fui. Eu tava chorando, transando com ele. Sabe?! E ele não parava. Eu falei que era a minha primeira vez, mas ele não estava nem ai. Sabe?! Ele queria o que era de direito dele, o programa. Ai depois de uma semana, eu vi que comecei a ganhar um dinheiro, eu queria sumir dali, mas ai eu fui acostumando, pegando o jeito.

Eu: E como que é esse pegando o jeito?

Flora: Pegando o jeito é assim... Você vai acostumando a trabalhar, a se dar com os homens, porque cada homem tem uma maneira. Então até você pegar o jeito de cada um, um é mais nervoso, um é mais calmo, um te respeita, outro não... Entendeu?! Então você tem que aprender a lidar com eles...

Eu: E como que vocês aprendem isso?

Flora: Com a convivência.

Eu: É como que vai acontecendo isso? Vocês vão olhando ou como que é?

Fran: É olhando, observando cada um.

Fátima: Cada cliente que você fica, você tem uma experiência.

Eu: E entre vocês mesmas? Tem gente que passa dica sobre clientes ou não passa?

Fran: Tem. Tem gente que passa sim. Uma ajuda a outra. Empréstimo roupa. Mas depende do lugar onde você está.

Eu: Depende da casa onde você está e das meninas que estão nessa casa?

Fran: É. Depende muito mesmo.

Eu: Vocês falaram que vão pegando o jeito deles com o tempo. Vocês acham que eles também vão pegando o jeito de vocês?

Fran: Com certeza.

Flora e Fátima: *(Fazem sinal afirmativo com a cabeça)*

Flora: Eles voltam várias vezes, procuram a mesma pessoa. Tem aqueles que querem tirar da noite, querem ajudar.

Eu: E como vocês tratam essas pessoas? Como que é?

Fran: Tem que ser com aquele jeitinho. Não é bem agora, a gente acabou de se conhecer. Porque já pensou, se todo homem que chamasse a gente fosse morar junto. Oh!

Eu: Isso acontece bastante? E nem sempre vocês tem interesse nesse tipo de proposta?

Todas: Quase nunca.

Eu: E como vocês fazem com esse tipo de cliente?

Fran: Vai levando ele na conversa. A gente não fica muito tempo na mesma boate, aí vai embora e acabou.

Eu: E em relação a se apaixonar pelo cliente. Isso acontece ou não?

Fátima: Acontece sim. Tem garota que acontece. Comigo ainda nunca aconteceu.

Flora: Comigo já (risos dela e das outras).

Eu: Já aconteceu? E como que foi?

Flora: Ah! É ruim... Porque se ele chega, eu não consigo trabalhar mais. Eu fico prestando atenção nele, para ver se ele está olhando para outra garota, não consigo mais trabalhar.

Eu: Você não consegue mais se concentrar?

Flora: Não.

Eu: E como que é quando acontece isso? Ele pode aparecer ai ou você pede para ele não aparecer mais? Como que é?

Flora: Uma vez por semana, para não atrapalhar (*risos*). De preferência na segunda-feira ou no final do mês, pois não tem movimento e eu posso dar mais atenção para ele.

Eu: Então ele já sabe? É um acordo que vocês fazem e ele atende?

Flora: Isso. E a gente se encontra à tarde também.

Eu: E esse cliente é um cliente-fixo ou não necessariamente?

Flora: Ah! Se torna um namorado mesmo. Ai no final das contas eu acabo não cobrando mais (*risos*). Porque as garotas, elas são carentes, querendo ou não elas são.

Fátima: Verdade.

Flora: Porque ela tem todos e, ao mesmo tempo, ela não tem nenhum. Ali ela tem quem ela quiser, e o cara paga pra ficar com ela, mas durante o dia-a-dia dela, ela não tem nenhum. Tem tanto à noite, e agora? Quer conversar com alguém e não tem ninguém.

Eu: E os clientes? Também são carentes ou não?

Fran: Nem todos. Né!? Porque uns são casados, têm família. E outros já vêm para a bagunça...

Flora: Outros vêm para dizer que brigou com a mulher dele, outros vêm para fazer anal e a mulher dele não faz e ele quer que a gente faça nele. Tem vários tipos (*risos*).

Eu: Cada um tem um motivo?

Flora: Cada um tem um motivo.

Eu: E como vocês fazem para saber se o cliente é um bom cliente? Dá para reconhecer ou não?

Fran: Ah! É conversando. Né?! Tentando se entender.

Flora: Cinco minutos de conversa.

Fátima: Cinco minutos de conversa já dá pra saber se ele é ou não é um bom cliente.

Eu: Ah! Vocês já sabem em cinco minutos?

Flora: É pelo papo dele.

Eu: O que aparece no papo e vocês já sabem que ele não é um bom cliente?

Fran: Ah vamos sair daqui! Vamos sair lá fora? Aqui não é vida para você. Você é uma menina bonita. Você vê que ele não vai gastar nada com você... Ele não vai te pagar nada, ele veio aqui para aproveitar.

Eu: E o bom cliente? Que coisas ele fala e vocês percebem que ele é um bom cliente?

Fran: Educado, que te paga uma bebida. Ai a gente já fica com ele...

Eu: Ai vocês já sabem que ele está...

Fran: Disposto a gastar com a gente.

Eu: Sempre aquele que está disposto a gastar é um bom cliente ou não?

Fran: Não. Ele pode estar disposto a gastar, mas pode não ser uma pessoa educada, te trata sem educação e sem respeito. Tem cliente que acha que só porque está pagando, tem o direito de fazer o que quiser e bem entender.

Eu: Então nem sempre ele é um bom cliente?

Todas: Não.

Eu: Quais seriam as características do bom cliente? Além de pagar bem?

Fran: Ah! Ele sendo limpinho para mim está ótimo (*risos de todas nós*).

Fátima: Ele ser educado, tratar bem.

Flora: Ah! Vocês estão querendo demais... Educado, limpinho e que trata bem? Esse é raro. Hein! (*mais risos*).

Eu: E como seria a garota de programa perfeita para o cliente?

Fran: Acho que não existe garota de programa perfeita.

Eu: Não!? Então o que eles buscam? Ou cada um busca uma coisa?

Fran: Cada um busca uma coisa, na verdade.

Eu: O que vocês fazem para seduzir o cliente? Cada uma tem uma estratégia? Como é?

Fran: Cada uma tem uma estratégia. Às vezes, eu chego num homem e minha conversa agrada a ele. Às vezes, ela (*referindo-se a Flora*) chega, vamos supor, está com uma saia mais curta ou senta no colo dele e isso agrada ele mais ainda, ai não vai ser a minha conversa que vai agradar ele.

Fátima: É o que mais agrada o cliente é o que a menina fez ou o que a menina faz pra ele.

Eu: E o que vocês fazem para agradar o cliente?

Fátima: Ah! Não tem segredo... É sentar no colo, fazer um carinho, conversar...

Eu: Quais são os papos que os clientes gostam de conversar e de quais eles fogem?

Flora: Ah! Eu acho que não tem isso.

Fran: De todos os assuntos eles conversam, fala que brigou com a mulher ou teve algum problema no serviço, ou...

Fátima: A maioria quer saber sobre a vida da gente. Né?!

Eu: Eles querem saber sobre a vida de vocês?

Fátima: É. Por que que está aqui? Por que que veio?

Flora: Ah moça... Isso não é vida pra você!

Eu: Vocês acham que eles tentam conhecer vocês?

Fátima: Isso. Eles tentam, mas não conseguem.

Eu: Por que não?

Fátima: Porque a gente se esquivava. Né!? A gente não tá aqui pra falar da nossa vida.

Fran: Se cada homem que a gente vê, a gente for falar da nossa vida...

Flora: Ele chora, chora e não paga nada (*risos*).

Fran: Se a gente for falar dos nossos problemas... Não tem como. Se for ver, a gente tá aqui mais para ouvir, o problema dele, que para falar o nosso.

Eu: Vocês estão aqui mais para ouvir que para falar? Essa é uma característica de quem trabalha na noite “saber ouvir”?

Fran: É porque problema ele já tem em casa. Né!? Ele não vem procurar mais.

Eu: Então você acha que eles vêm também para desabafar, e se vocês não sabem ouvir não dá certo?

Todas: Não.

Eu: E quando o cliente quer ficar calado?

Fran: Eu fico dançando... Eu fico bebendo...

Fátima: Às vezes tento puxar assunto.

Eu: Se ele não quiser não tem problema?

Flora: Você não é obrigada a ficar do lado dele, você pode sair...

Eu: E como vocês escolhem o cliente, à noite, no salão?

Fátima: Na maioria das vezes a gente não escolhe, a gente é escolhida.

Fran: É isso, porque se o cliente não está afim, é lógico que você vai perceber na hora e vai dar um jeitinho de sair e deixar ele livre para ficar com a menina que ele quer ficar...

Eu: Como você percebe na hora?

Fran: Pelo jeito dele. Você pede uma bebida e o cliente “Não agora, não!” e sai.

Fátima: O olhar também.

Fran: O olhar a conversa.

Eu: Como que é vocês lêem esse olhar dele?

Flora: Ele começa a olhar para o lado e não presta atenção ao que você está falando.

Fátima: Resumindo, ele te ignora.

Eu: Quando ele te ignora você percebe que o cliente não está afim. Será que o cliente também percebe isso em vocês? Quando vocês chegam para falar com o cliente e não querem, como que é? Vocês têm que sorrir e ir falar com eles?

Fran: Não. Eu pelo menos, quando é uma pessoa que não me agrada, eu dou um jeitinho de dizer “agora não”, fazer programa “também não”, dou um jeitinho...

Eu: Vocês usam a mesma estratégia do cliente e vão se esquivando? Essa é um conversa que os dois lados entendem? Quando um não está afim os dois lados entendem? Tanto vocês percebem que o cliente não está afim, como eles também já percebem que vocês não estão?

Todas: É.

Eu: E como vocês aprendem a fazer isso? Estando na noite mesmo ou tem alguém pra ensinar?

Fátima: Não. Sozinha. Isso é uma coisa que ninguém pode ensinar, tem que aprender sozinha.

Eu: E como que você aprendeu?

Fátima: No dia-a-dia, com a presença dos clientes.

Flora: A gente tem que aprender a conviver com as garotas e com os clientes. Porque se você não souber lhe dar com as garotas, em muitas casas, se você não souber entrar na casa, elas te batem, se não tiver humildade para entrar elas já te seguem. E se você não souber conversar com o cliente, ele pode pegar e te dar um soco na cara também. Sabe?! Tem que ter um jogo de cintura lascado pra trabalhar na noite.

Eu: E o que seria esse jogo de cintura? Que coisas são essas?

Fátima: Conversar com os dois lados. Né!?

Flora: Conversar com as meninas, conversar com os clientes. Tem muito pessoal que fala “Ai eu sou o mano! Eu sou o cara!” e você fala “É isso mesmo, você é o cara!”. Sempre tem que concordar.

Fátima: Por mais que você ache aquilo um absurdo, mas...

Eu: Você não pode desacreditar?

Flora: É. Se não ele se vira contra você.

Eu: E vocês vão aprendendo isso com cada cliente, com a conversa, com o tempo?

Todas: É.

Eu: E no começo, quando você é nova? Como que é?

Fátima: Ah! No começo você fica meio perdida. Você fica na tua, mais ouve que abre a boca. Porque você não sabe, você fica olhando, observando... pegando o jeito de uma, o jeito da outra. Ai você vai enturmando.

Eu: E essa humildade que vocês falaram para entrar na casa. O que é essa humildade?

Fátima: Tem que saber chegar, conversar com as meninas...Entendeu?!

Flora: Tratar elas bem, no começo... Porque se você chegar “Ai não gosto disso. Ai não gosto daquilo!” Elas vão pensar: “Ela mal chegou e já quer arrumar com a gente!”. Ai elas se pegam, juntam todas... *(vozes no fundo de uma mulher cumprimentando o Sr. Felipe)*

OBS: Nesse momento entra na sala a Darci - uma mulher que participou da atividade de extensão sobre Educação e Direitos Humanos desenvolvidas na casa 4, ela já prestou serviços sexuais na casa 06 e veio visitar as mulheres que são suas amigas. Cumprimentamo-nos todas. Flora pediu para eu dar uma pausa na gravação. Eu interrompi a gravação e fomos tomar um café. Enquanto Darci me falava de seu novo endereço na cidade.

Desse ponto em diante, Darci também participou da entrevista

Eu: Pronto! Está ligado novamente... O que estávamos falando mesmo? Vou começar perguntando “O que vocês vendem para o cliente?”

Fátima: É o prazer.

Darci: Acho que é o corpo mesmo.

Eu: O corpo?

Fran: Acho que é um momento de prazer.

Eu: Porque outra menina me disse que nem sempre o cliente quer sexo, às vezes eles procuram outras coisas.

Fran: Isso é verdade, tem cliente que vem atrás da gente, simplesmente, para conversar. Uma conversa sadia, uma conversa legal. Ele paga e vai embora. Nem precisa tirar a roupa

pra ele. Já tive cliente de entrar no quarto e ir tirar a roupa e ele “Não precisa tirar a roupa”, a gente fica ali meia hora, uma hora conversando. Ele me paga e vai embora. Entendeu!?

Flora: Tem cliente que vira amigo. Entendeu?! Tem hora que você fala “Ah! Estou precisando de tal coisa!”. Ele vem e te ajuda. Vira uma amizade.

Fran: Verdade!

Eu: Esses clientes que viram amigos são os clientes fixos ou não necessariamente?

Fran: Não necessariamente.

Eu: Esses clientes que viram amigos? Por que eles viram amigos?

Flora: Assim, porque a gente está atenta pela conversa dele, pela nossa. Ele gosta da nossa amizade.

Fátima: Às vezes, ele tem um problema e vem aqui desabafar. A gente tem um problema e liga para ele, ele vem aqui conversar.

Eu: É mais por afinidade mesmo, por isso que lê se torna amigo?

Flora: Isso.

Eu: E a questão de representar papéis, na noite... É preciso saber representar papéis ou não?

Flora: É com alguns... Com alguns clientes você tem que ser uma pessoa que você não é, tem que ser uma atriz. Tem cliente que chega dando uma de tal, e você tem que superar o nível dele para ele gostar de você e te aceitar. Se você for do seu jeito, talvez ele não goste... Então, a gente tem que encenar em algumas partes sim.

Eu: Tem que encenar... E quando isso acontece?

Flora: Quando que isso acontece?

Eu: É!

Flora: Ah! Algumas vezes, não é muitas não... A gente trabalha mais no nosso jeito, mesmo, o jeito que a gente é... Porque é numa boate de alto nível que você tem que representar mais.

Eu: Ah! É? Por quê?

Fátima: Porque lá os clientes são mais bem sucedidos. Né?! Querem mulheres mais... melhores, assim... mais bonitas e que sabem conversar bem...

Flora: E onde você tem que representar...

Eu: Vocês têm que incorporar o papel de uma outra pessoa?

Todas: É.

Eu: De que pessoas?

Fátima: Ah. Depende do cliente. Né?

Eu: Depende do cliente? E o que eles geralmente buscam? Eles pedem para vocês representarem papéis ou...

Flora: Não. A gente representa sem ele saber. Como a gente disse, em cinco minutos de conversa a gente conhece o cliente... pelas conversas, pelo desabafo, a gente já sabe o tipo de pessoa que ele quer. Entendeu?!

Fátima: Ai você tem que...

Darci: Igual... Tem cliente que a gente bagunça ou fala na gíria e dá pra perceber que ele não gosta disso, então ele é mais educado. Agora tem cliente que já gosta de bagunça e a gente vai lá e bagunça junto.

Eu: Ah... Então o papel que vocês vão representar vai sempre de acordo com o que vocês acham que ele está esperando?

Todas: Isso.

Eu: E vocês percebem isso, ali na conversa com ele? Você (*referindo-me a Flora*) falou que quando o cliente vem “botando uma banca” e você já sabe que terá de representar... Que tipo de papel você representa nesse caso?

Fran: Ah. Depende do jeito que ele está...

Flora: Tem que pegar um exemplo... Vamos supor um rapaz que curte rock. A gente tem que falar “Nossa eu curto também”. Se ele falar: “Aquela banda é louca!”, você diz: “É louca aquela banda!”.

Fátima: É mesmo...

Flora: Não é gente?

Todas: Hã! Hã! (*fazem gestos de confirmação com a cabeça*).

Flora: Tem que sempre entrar no estilo dele, que ai ele vai se soltar, você vai descobrindo mais, vai arrancando bebida, é ai que ele se identifica com você e acaba fazendo o programa.

Eu: Então dependendo do estilo do cliente você vai...

Darci: Tem que dançar até o que você não conhece.

Eu: E vocês têm que buscar informações para conversar com os clientes?

Flora: Eles vão se soltando e a gente vai analisando.

Eu: Então a conversa é fundamental? Se uma pessoa não sabe conversar, dificilmente, ela vai conseguir se dar bem na noite?

Todas: Isso.

Fátima: Tem que ser aberta ao diálogo, porque senão não vai.

Eu: E o que os clientes fazem para conquistar vocês?

Flora: Uns mandam rosa, bombons, outros dão dinheiro a mais do que o combinado...

Fran: Levam você para almoçar junto, para comprar roupa, levam você para passear.

Eu: E na própria boate, no salão? Quando você percebe que o cliente está afim de você? Que coisas ele faz que você percebe que ele está tentando te seduzir?

Flora: “Pega o que você quiser!”

Todas: É (*risos*).

Eu: Quando ele fala isso você já sabe que ele está afim... Mas e antes de você chegar nele e falar? Tem como perceber que aquele cliente, que está lá no canto, está afim de você?

Fran: Tem. Ele fica olhando. Né! Às vezes dá uma piscadinha.

Eu: Pelo olhar dele você sabe?

Flora: A gente tem que ficar de olho no cliente que a gente está e no outro que está sentado também. Entendeu?

Eu: Tem que está sempre prestando atenção no olhar... Se você não está afim de um cliente, nem é bom ficar olhando muito, senão ele vai pensar que você está afim?

Todas: É!

Eu: Vou fazer uma pergunta um pouco difícil: “Vocês acham que exercem algum tipo de relação de poder?” Por exemplo, eu sou professora, no meu trabalho eu exerço um tipo de relação de poder, pois posso reprovar os alunos... E na profissão de vocês, existe algum tipo de relação de poder que vocês exercem com os clientes ou que eles exerçam em relação a vocês?

Fátima: Não. Nem eles exercem poder sobre nós e nem nós em relação a eles.

Eu: Nem quando acontece essa questão de se apaixonar?

Fran: Muitos ficam iludidos. Se você dá um pouquinho mais de carinho, eles se iludem...

Eu: E tem como tirar proveito dessa situação?

Fátima: Tem. (*risos*)

Eu: Então de certa forma, esse é um tipo de poder?

Todas: É!

Flora: Eu só tenho azar, porque os que se iludem é tudo pobre... *(risos)*

Eu: E em relação às outras pessoas da casa, vocês acham que existe essa relação de poder e disputa entre as pessoas ou não? Como que é?

Todas: Não!

Darci: Quem disputa são os donos das casas. Né? *(as outras fazem gestos afirmativos)*

Eu: Entre eles mesmos? Para manter a casa?

Flora: Isso. As garotas não... A maioria tem amizade com as garotas das outras casas.

Eu: É ou às vezes trabalha numa casa e depois vai para outra. Né?! *(elas dão risada e olham para Darci)*

Flora: É tipo ela mesmo! *(fazendo referência a Darci)*

Eu: É... a Darci eu já conheço de várias casas, eu conheci ela lá na casa 04, em 2002.

Fátima: Faz tempo.

Eu: E se eu pedisse para vocês tentarem me explicar, em poucas palavras, quem é o cliente?

(Houve um certo silêncio, primeiramente, elas pensaram e depois Fran questionou as outras participantes)

Fran: Quem são os clientes para nós?

Eu: É se fosse para você tentar definir?

(Novamente o silêncio no ar...)

Flora: Sem palavras (e as outras participantes repetiram).

Eu: Sem palavras? É indefinível?

Fátima: É.

Flora: É indefinível *(todas fizeram sinais afirmativos)*.

Eu: Então vou fazer uma pergunta mais específica... O que vocês aprendem com os clientes?

Fran: Aprende a lidar com ele.

Eu: Você tinha falado que aprende a entender melhor o homem, de certa forma? Como que é isso? O que vocês aprendem a entender? O que acontece nessa relação que ajuda você a entender melhor o homem?

Flora: Ah! A convivência com ele, tem vezes que dá até trauma... Homem ... Entendeu?! Tem dias que você fala: “Homem, homem. Ai. Nossa que nojo!”, “Nossa aquele de ontem, aquele de anteontem!Ai”. Tem garotas... a maioria das garotas são entendidas. Porque de tanto homem, de tanto ficar abraçada com elas, o que elas passam... que elas viram entendidas. Elas preferem a pessoa que fica ali de dia com ela - mulher - as amigas delas do serviço do que um homem ali.

Eu: E por que será?

Flora: Pelo o que eu te falei, pelo conhecimento do homem.

Fátima: Você passa a ter um conhecimento tão profundo, de vários tipos de homem que...

Flora: Que já não se interessa mais...

Fran: Isso vocês podem explicar, eu não posso...

(gargalhadas das outras três participantes)

Flora: Que horror!

Eu: Por você conhecer melhor, que ai você acaba desgostando?

Fátima: É.

Eu: Mas por desilusão ou por uma opção, assim, de não te satisfazer?

Todas: *(Juntas)* Por desilusão mesmo.

Flora: Porque é cada homem.

Fátima: Cada coisa que você vê... Que desanima.

Eu: Vocês passam a desacreditar no homem? É isso?

Fátima: Hã!Hã!

Eu: E quais são as coisas que eles falam que deixam vocês mais desiludidas?

Fátima: É muita mentira. Né!? Mentiras, falsidade...

Eu: Em relação ao quê?

Flora: Eles inventam cada história que ninguém acredita. Vem... quer ser uma coisa que não é...

Fátima: Às vezes, chega aqui falando mal de uma garota que ele saiu ali.

Darci: Além de contar, o que aconteceu o que deixou de acontecer, na cama.

Fran: Sendo que isso é um particular deles.

Eu: Ai você vai se desgostando?

Flora: Eles só te procuram quando sentem faltam. Né!? E a gente... A gente não pode procurar eles na hora que a gente tem vontade de desabafar, é isso que eu te falei, é aí que acontece das meninas virarem entendidas... Elas estão no dia-a-dia, uma do lado da outra, desabafando uma com a outra...

Eu: Porque tem mais solidariedade mesmo... E vocês acham que com o homem já é mais difícil, justamente, porque passam a desacreditar?

(elas fazem sinal afirmativo com a cabeça)

Eu: E isso acontece com todas as meninas?

Fátima: Acho que é com a maioria. Né!?

Eu: E quem são as mulheres que trabalham na noite? Quem são vocês?

Fátima: Eu acho que é aquela que está ali para o que der e vier. Né! Com a cara e a coragem.

Fran: Tem que ter coragem!

Flora: Você sabe que está aqui hoje, se não sabe se amanhã o cliente vai te pegar e vai te matar, você não sabe o dia de amanhã...

Fátima: Você sabe que vai sair da boate hoje, mas não sabe se vai voltar amanhã.

OBS: Mais uma vez nossa conversa foi interrompida, dessa vez pela chegada de Fábio. Desliguei o gravador e cumprimentei o Fábio. Ele trazia o jantar das mulheres. Agradecia às mulheres pela participação. Despedi-me das pessoas e combinamos outro encontro.

Apêndice E: Diário de campo



Data: 14/set/06
Horário: 15h-16h45
Casa: 06

- Planejamento:** - aproximação do campo;
- apresentação questão de pesquisa;
- entrega de material (exemplares jornal Beijo da Rua¹⁰)

Eu e Maria Julia¹¹ fomos a casa 06 para retomar o contato com as pessoas da casa. Chegamos lá às 15h e encontramos a Flora¹² que além de prestar serviços sexuais, também é responsável por realizar algumas tarefas domésticas como limpar o salão e outros espaços da casa noturna. Esse acordo é feito com os proprietários e ela recebe uma remuneração para realizar tais tarefas. Conversamos um pouco, mas logo ela pediu licença e saiu pois havia marcado um encontro com um cliente fixo. Sendo assim, nós entramos na casa para tentar conversar com outras mulheres.

Encontramos o Fábio, um funcionário da casa, que é responsável pelos serviços de cozinha. Conversamos um pouco com ele. Ele nos autorizou a entrar, mas disse que havia apenas uma trabalhadora na casa, e que talvez ela ainda estivesse dormindo. Ele nos levou até a residência onde moram algumas mulheres que prestam serviços sexuais na casa 06. A nova residência, localizada próximo à boate, é uma casa construída com fim de alojar mulheres, possui quartos, banheiro, uma sala com sofás e televisão, cozinha com utensílios como copos, talheres, pratos e possui quintal.

Entramos na casa e encontramos o Seu Felipe, que trabalha como segurança no período da tarde e também uma mulher que presta serviços sexuais, a Fádía. Conversamos com Seu Felipe, perguntei como estava a casa. Ele disse que havia poucas meninas na

¹⁰ Jornal Beijo da Rua , uma publicação da ONG Davida.

¹¹ Aluna de Licenciatura em Pedagogia/ UFScar, participa do grupo de estudos sobre trabalho sexual/UFScar e desenvolve trabalho de extensão com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas da cidade.

¹² Os nomes das pessoas foram trocados a fim de preservar sua identidade. Os nomes empregados são iniciados por F (sexta letra do alfabeto), para fazer referência a pessoas ligadas à casa 06.

boate, disse que algumas estão morando na cidade e só vem a noite para trabalhar. Depois apresentamo-nos a Fádía. Conversamos um pouco.

Fádía vem de São Paulo, tem uma filha de 3 anos de idade e foi casada por cinco anos com o pai de sua filha. Ela disse que seu casamento não deu certo, pois seu ex-marido era muito ciumento e que o ciúmes dele piorou muito depois que ela começou a trabalhar em uma loja no shopping. As brigas foram aumentando pois ele não aceitava o trabalho dela. Os dois se separaram, mas ainda assim ele aparecia em seu trabalho e assim ela acabou perdendo seu emprego.

“Depois que a gente se separou ele aparecia na frente da loja que eu trabalhava, ficava me esperando lá fora até eu ir lá falar com ele ... Por causa disso eu perdi o emprego”

Devido ao desemprego, Fádía deparou-se com dificuldades financeiras e assim optou por deixar sua filha sob cuidados da avó paterna. Por encontrar dificuldades em obter um novo emprego, Fádía resolveu prestar serviços sexuais após receber o convite de uma amiga que trabalhava em uma boate na cidade de São Paulo, no início desse ano. Ela resolveu aceitar o convite e foi conhecer a boate. Fádía conta que gostou muito da dança que viu na boate, especialmente, o show na barra de ferro, pois sempre foi muito ligada à dança. Ela afirma que a dança foi um fator decisivo em sua decisão em exercer o trabalho sexual em boates.

Fádía disse que seus familiares sabem que ela presta serviços sexuais, mas eles não aceitam essa decisão. Seus irmãos deixaram de falar com ela quando souberam que ela exerce trabalho sexual.

“A minha família sabe que eu faço esse trabalho, mas não aceita, meus irmãos pararam de falar comigo quando ficaram sabendo. No início eu não contei que trabalhava em boate, mas um amigo do meu ex-marido me viu dançando numa boate e tirou foto no celular, depois foi lá e mostrou pra ele”

Ela contou que no início manteve sua decisão em sigilo, no entanto, seu ex-marido acabou descobrindo por meio de um amigo dele que, por acaso, foi à boate onde Fádía trabalhava e a viu fazendo um show. Esse amigo tirou fotos no celular e mostrou-as ao ex-marido de Fádía. Após esse episódio, ela decidiu contar sua decisão à família, pois achou melhor a família ficar sabendo por meio dela a ficar sabendo por meio de terceiros. Ela assume que trabalha na noite, mas revelou que teme o julgamento futuro por parte de sua filha.

“Um rapaz me ligou e perguntou se eu aceitaria participar de um vídeo, pois havia um cachê legal, pelo dinheiro até valia a pena, mas eu não vou aceitar... O vídeo fica ali e imagina se um dia minha filha ver ... tenho medo do que ela vai dizer quando crescer. O que ela vai pensar quando souber que faço esse trabalho?” Fádía

Após a conversa de apresentação pessoal, na qual cada uma de nós falou um pouco sobre sua vida pessoal. Falamos um pouco sobre nossos trabalhos. Falei que estava desenvolvendo uma pesquisa de mestrado e apresentei a questão de pesquisa. Disse que estudava processos educativos que ocorrem nas relações delas com clientes. Fádía disse, referindo-se às relações com clientes:

“Não é só isso que as pessoas pensam. Não é só essa coisa de transa, não! Tem outras coisas, rola amizade”

Ela disse que muitos clientes tornam-se amigos, saem juntos para passear, para mostrar a cidade. Tem clientes que se preocupam e ligam para saber se ela está bem. Fádía falou que, outro dia, apareceu um escorpião na casa causando muito medo nela que nunca vira esse bicho. Ela confessou que chorou muito e pensou em ir embora, pois estava apavorada. No momento do desespero, Fádía ligou para um cliente, a fim de desabafar e pedir para ele tirar ela dali. Eles ficaram conversando e alguém foi lá e matou o bicho. Ela afirma que as relações com o cliente não se limitam ao sexo, muitos clientes gostam de conversar e algumas mulheres também desabafam com seus clientes.

De acordo com Fádía, é preciso saber conversar com o cliente, tem que ser simpática ao abordá-lo, senão acaba espantando-o em vez de atraí-lo.

“O cliente não gosta que a gente chegue logo pedindo: Me paga uma dose! Eu acho isso chato, meu negócio é simpatia, eu chego e converso com o cliente. As vezes é mais fácil ganhar um cliente numa conversa, já teve vez que eu fiquei um tempão conversando com o cliente e no final da noite ele me deu 50 R\$ de caixinha, sem nem fazer programa, só pela conversa.”

Fádía diz que é preciso ser simpática para trabalhar na noite, ela procura chegar no salão e animar, pois em sua opinião, se o cliente chega na casa e encontra o ambiente desanimado, ele vai embora. Por isso ela procura animar o ambiente: dançar no salão, mesmo sozinha, cumprimentar os clientes que chegam, brincar com os funcionários que trabalham no salão, pois acredita que assim o ambiente fica mais alegre, e mais agradável para trabalhar.

Para ela, além de conversar também é fundamental saber ouvir o cliente. Ela revela que muitos clientes querem falar e pedem conselhos para tentar entender melhor as mulheres.

“A gente é um pouco psicóloga. Teve um cliente que me agradeceu e disse que eu salvei o casamento dele com meus conselhos. Eu sempre dava conselhos a ele, nós já fomos juntos no shopping para eu ajudar ele a escolher um presente para mulher dele. Eu sempre falava pra ele: Por que você vem aqui? Você ama sua mulher?”

Depois falamos um pouco sobre a dança. Fádía gosta muito de fazer atividades físicas, ela malha quase todos os dias da semana e está matriculada em uma academia de ginástica. Ela disse que gosta muito de dançar na noite, disse que prefere fazer show a fazer programas. Sua modalidade preferida é o show com barra de ferro, no qual utiliza a barra para criar coreografias de acordo com a música que toca. Ela disse que os clientes gostam

muito do show. Fomos com ela até o salão, ela nos mostrou o palco onde realiza o show e fez uma amostra de algumas coreografias realizadas durante o show. Realmente as coreografias exigem um bom preparo físico, pois ela usa as pernas para sustentar o corpo.

A Fádía e Maria Julia combinaram em realizar aulas para aprender coreografias novas, uma ensinará a outra as técnicas que conhecem. Enquanto elas combinavam os horários dessas aulas, Flora apareceu novamente. Conversamos um pouco e ela me disse que está pensando em casar com um cliente.

“Eu vou casar com um cliente. É um cliente antigo, faz tempo que ele quer casar comigo, acho que vou aceitar. Vou parar de trabalhar à noite, vou ficar só fazendo a limpeza durante o dia”. Flora

Perguntei se ela estava contente com essa possibilidade. Ela respondeu que sim e que ia tentar para ver se daria certo. Flora afirmou que já trabalha na noite há bastante tempo e que já está na hora de tentar uma vida conjugal, pois nunca vivenciou essa experiência. Quando estava próximo das 17h, despedimo-nos. Combinei em voltar na próxima semana para entrevista Fádía, também fiquei responsável por preparar um folder de apresentação da pesquisa para distribuí-lo no próximo encontro.



Data: 21/set/06
Horário: 15h-30 - 16h00
Casa: 06

- Planejamento:** - aproximação do campo;
- entrega de material (exemplares jornal Beijo da Rua¹³)
 - distribuição do folder de apresentação do projeto

Cheguei a casa 6 e vi que havia três pessoas no estacionamento da boate. Dirigi-me até lá, e percebi que as pessoas eram a Flávia (mulher que presta serviços sexuais), um rapaz e o Sr. Felipe que trabalha na casa como segurança, no período vespertino.

Entrei e notei que eles estavam em volta de um fusca. Perguntei à Flávia se a Fádía estava na casa, ela respondeu que não e comentou que as mulheres haviam saído para o centro comercial da cidade. Flávia revelou que não tinha disponibilidade para conversar comigo, pois estava tentando tirar uma chave que quebrara no contato do automóvel. Ela e seu cliente estavam empenhados nessa tarefa. O Sr. Felipe apenas sorria, avisando aos dois que deveriam chamar um mecânico, pois em sua opinião, os dois sozinhos não conseguiriam tirar a chave.

Distribuí alguns exemplares do jornal Beijo da Rua e do folder que elaborei para apresentação da pesquisa. Pedi para ela distribuir entre as mulheres da casa e disse que voltaria na próxima semana. Pedi para Flávia avisar à Fádía que eu estive lá. Despedi-me do pessoal, desejei boa sorte na tarefa realizada por eles e fui embora.

Voltei para a região central da cidade, peguei o mesmo ônibus que Sr. Felipe. Voltamos conversando sobre o movimento na casa 06. Ele disse que o movimento anda fraco pois há poucas mulheres trabalhando na boate.

¹³ Jornal Beijo da Rua , uma publicação da ONG Davida.



Data: 05/out/05
Horário: 15h-17h00
Casa: 06

Cheguei a casa 06 por volta das 15h. Chamei e ninguém ouviu. Notei que o portão estava entreaberto, então entrei e chamei mais uma vez. Uma mulher disse que eu podia entrar, estava começando a chover. Entrei e cumprimentei o Fábio¹⁴, que realiza os serviços de cozinha. Ele me cumprimentou e disse que estava saindo. Despediu-se e se foi.

Havia duas mulheres sentadas no sofá da sala, a Fábiana e a Fernanda, elas estavam assistindo à televisão. Sentei, apresentei-me a elas e iniciamos uma conversa. Eu disse que participava de um grupo de estudos sobre o trabalho sexual e que freqüentava as casas noturnas a fim de conversar com elas e compreender melhor a vida na noite. Perguntei se a Fábiana estava na casa, elas responderam que a Fábiana havia partido para São Paulo. Eu disse que realizava uma investigação sobre os processos educativos que se dão nas relações estabelecidas entre as mulheres da noite e sua clientela e que por isso, havia combinado em entrevistar a Fábiana. Elas perguntaram como ia ser a entrevista com a Fábiana.

Conversamos sobre a situação de entrevista, falei sobre a pesquisa e sobre o roteiro de entrevistas e disse que os dados obtidos seriam utilizados apenas para responder aos questionamentos dessa investigação. A Fábiana disse que toparia ser entrevistada e afirmou que não tem receio de falar sobre a vida na noite, pois sua família sabe que ela presta serviços sexuais. Distribuí a elas um folder de apresentação da pesquisa e por meio dele apresentei os temas geradores que seriam abordados nas entrevistas. Revelei que em nossa conversa inicial falaríamos sobre os temas 1) “na batalha” e 2) “vulnerabilidades da vida na noite. As duas mulheres aceitaram participar da pesquisa e conceder entrevistas. Eu disse que poderíamos agendar outro encontro para realizar as entrevistas, se elas assim preferissem, no entanto, elas se dispuseram a conceder as entrevistas naquele momento mesmo.

¹⁴ Os nomes foram trocados a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

Li e expliquei o termo de consentimento em participar da pesquisa. Fábيا disse que participaria e aceitou assinar o termo. Fernanda disse que gostaria de participar e perguntou se era obrigatório assinar o termo para participar da entrevista. Eu respondi que o termo era uma garantia de que os dados da pesquisa seriam mantidos em sigilo, mas ainda assim ela não quis assiná-lo, pois não se sente à vontade em revelar sua identidade.

As duas mulheres aceitaram participar da pesquisa, mas Fernanda optou por não assinar o termo de consentimento. Perguntei se haveria problemas em gravar a nossa conversa. Elas disseram que não. Comentei que iria transcrever a nossa conversa e que posteriormente levaria uma cópia para elas. Fábيا disse que registra os acontecimentos de sua vida em um diário. Ela disse que guardará uma cópia da transcrição da entrevista para complementar suas anotações, pois almeja publicar sua biografia.

Antes de iniciar a entrevista, liguei o aparelho mp3 player, mas tive dificuldades em operar as funções e não conseguia encontrar a função para gravar o áudio da nossa conversa. Fábيا dispôs-se a me ajudar. Passei o aparelho para ela, e ela conseguiu programá-lo.

Inicialmente, conversamos sobre a vida de Fábيا, ela revelou que havia sofrido um estupro aos 16 anos e que desde então ficara difícil seu relacionamento com a família. Fábيا disse também que seu pai não aceita o fato dela viver na noite e prestar serviços sexuais.

A Fernanda disse que está na noite há pouco tempo, e que ainda não se acostumou muito com essa vida. Falou que existem muitos riscos e que é preciso estar sempre atenta. Conversamos sobre como se aprende a abordar o cliente no salão. A Fernanda disse que é muito difícil abordar o cliente, por isso, geralmente bebe alguma dose para tomar coragem. Mas alerta para o fato de que isso não é difícil para todas as mulheres, algumas são mais extrovertidas, como Fábيا, e apresentam mais facilidade em abordar o cliente.

Ao serem questionadas sobre como aprendem a abordar o cliente, Fernanda diz que aprende olhando as outras mulheres no salão, mas afirmou que cada pessoa tem seu jeito pessoal, umas são mais tímidas outras tem mais facilidade para conversar. Ela disse que Fábيا também lhe dá algumas dicas e alguns conselhos sobre como abordar o cliente, demonstrar atenção, estar disposta a conversar. A Fábيا disse que aprende observando, ela disse que observa os clientes, o jeito de cada um, e falou que sempre está disposta a conversar com o cliente e conhecê-lo. Ela começou a falar sobre um cliente fixo, disse que

se conhecem apenas há seis meses, mas construíram uma amizade muito forte, ele vem de outra cidade para vê-la e conversam diariamente por meio de telefone.

Peguei o gravador e verifiquei que não estava gravando nossa conversa. Tentei mais uma vez e consegui encontrar a função para gravar. Liguei o gravador e continuamos nossa conversa. Falamos sobre aspectos da vida na noite, sobre questões de gênero, sobre as vulnerabilidades da vida na noite e também sobre clientes, especialmente do cliente fixo.

Após o término da entrevista, combinamos outro encontro, no qual falaremos sobre os temas 3) negociação com cliente e 4) habilidades pessoais. Perguntei se elas achavam melhor continuar com entrevista coletiva ou se poderia realizar uma entrevista individual com cada uma delas. Fábica disse que achava melhor fazer uma entrevista individual, pois na entrevista coletiva há interrupção, a pessoa entrevistada deixa-se levar pelo assunto abordado pela outra e nem sempre volta ao que estava falando inicialmente. Fernanda disse que na entrevista coletiva há menos inibição, mas concordou com Fábica que na entrevista individual é mais fácil para expressar o seu pensamento, já que não há a influência da fala da outra pessoa. Combinamos em fazer entrevistas individuais com cada uma, na próxima semana entrevistarei Fábica e Fernanda será entrevistada na semana seguinte.



Data: 09/out/06

Horário: 15h-17h

Casa: 06

Planejamento: - realização de entrevista sobre temas 3 e 4

Cheguei a casa 06, por volta das 15h. Entrei e fui até o portão que dá acesso a residência das mulheres. Chamei e ninguém ouviu, chamei novamente e ouvi uma voz que disse para eu entrar. Entrei e encontrei o Fábio e o Sr. Felipe, não avistei nenhuma mulher. Perguntei ao Fábio se a Fábria e a Fernanda estavam lá, mas antes de obter sua resposta, ouvi a voz de Fernanda pedindo para esperar um pouco. A voz dela vinha do quarto. O sr. Felipe disse que elas estavam dormindo, falou para eu esperar que elas já estavam levantando. Sentei na sala e fiquei esperando, junto ao sr. Felipe que estava sentado assistindo à televisão. Logo a porta do quarto se abriu e saiu Fernanda. Ela me cumprimentou e disse que a Fábria também estava levantando, pediu licença e foi até o banheiro.

Conversei com sr. Felipe, ele me disse que há poucas mulheres residindo na casa, falou que a maioria está morando em casas alugadas nos bairros da cidade. Ele também comentou que o movimento está fraco e que há poucas mulheres trabalhando na boate.

Fábria também saiu do quarto e nos cumprimentou. A Fernanda saiu do banheiro e veio conversar conosco. Perguntei como havia passado o final de semana e ela disse que aconteceu um incidente chato, mas falou para eu esperar que a Fábria me contaria o ocorrido. Aguardei Fábria sair do banheiro.

Fernanda foi até a cozinha e preparou um café com pão. Perguntou a mim se eu queria café, eu agradei e fui até a cozinha para pegar um copo d'água. Fábria saiu do banheiro e veio conversar conosco. Disse que tinha uma coisa ruim para contar-me. Eu perguntei o que era. Fábria disse que sofrera uma violência sexual por parte de um cliente. Disse que precisava comprar uma coca-cola e que logo voltaria para me contar. O sr. Felipe levantou-se e foi para fora da casa, ficou conversando com Fábio que estava lavando alguns panos no tanque, na varanda.

Fiquei aguardando, sentada na sala. A Fernanda veio contar-me que Fábria sofreu violência por parte do cliente porque ela não teme nada, ela confia demais nas pessoas e pega carona até mesmo com pessoas que está vendo pela primeira vez. Fernanda disse que já tentou aconselhar Fábria e que já a alertou para não confiar tanto nas pessoas, para não aceitar carona de estranhos.

Fábria voltou e trouxe uma garrafa de refrigerante. Ela me ofereceu um pouco de refrigerante, mas recusei. Falei sobre o acidente que sofri no mês de fevereiro e que estava evitando tomar refrigerante desde então.

Perguntei à Fábria o que havia acontecido com ela no final de semana. Ela respondeu que sofreu agressão sexual por parte de um cliente que conheceu em um barzinho. Ela aceitou sair com ele para fazer um programa. Ele estava com uma moto e os dois foram para a estrada de acesso ao Broa. Chegando lá, ele a arrastou para o meio da vegetação disposta ao longo da estrada e a violentou. Depois de ter violentado Fábria, ele foi embora e a largou lá, sozinha, no meio da estrada. Fábria estava com um celular e chamou a polícia. Ela disse que a polícia feminina também não tem preparo para trabalhar nesses casos, pois as policiais foram preconceituosas com ela, questionando se ela tinha certeza que sofrera um estupro ou se estava falando aquilo para vingar-se do cliente que se negara a pagar pelos serviços sexuais obtidos. Fábria disse que é muito humilhante ter de pedir ajuda numa situação como essa e as pessoas duvidarem de você. Ela foi até o quarto e trouxe uma sacola plástica, pediu para eu olhar o que havia dentro: uma saia, uma calcinha e uma blusinha, todas as peças estavam rasgadas e sujas com terra vermelha. Fábria estava usando essas peças de roupa no momento da violência sofrida e, ainda assim, percebeu que as policiais duvidaram da versão apresentada por ela. Ela disse que as policiais fizeram piadinhas de cunho discriminatório, revelando assim, o despreparo que muitos profissionais ainda apresentam na prestação de assistência a pessoas que exercem o trabalho sexual.

Fábria revelou que anotara a placa da moto do cliente, de modo que o mesmo logo foi identificado e chamado para prestar esclarecimentos. O cliente negou tudo e disse que nunca vira Fábria em sua vida e que provavelmente ela estava equivocada. Ainda assim, a queixa foi registrada, as policiais registraram o boletim de ocorrência e Fábria foi encaminhada para fazer alguns exames para detectar possível gravidez e infecções sexualmente transmissíveis. Ela disse que confirmou uma suspeita de gravidez que já

existia antes do incidente sofrido e ficou contente em saber que não contraiu nenhuma infecção. Disse que queria tornar o caso público, para servir de alerta para as outras pessoas e para a polícia aprender que tem que respeitar as prostitutas.

Eu falei que poderíamos escrever um artigo para o jornal, se ela aceitasse eu poderia auxiliá-la nessa tarefa. Ela ficou animada com a idéia, mas ao mesmo tempo, mostrou-se receosa de sofrer algum tipo de represália, pois as policiais sabem seu nome e o local onde ela reside, pois a trouxeram de volta para casa. Fábria questionou o que poderíamos fazer para minimizar as violências sofridas por mulheres que prestam serviços sexuais e melhorar a abordagem policial com relação a essas mulheres. Fiquei responsável por conversar com minha orientadora e trazer sugestões do que poderíamos fazer conjuntamente, sem correr riscos de gerar sanções para Fábria.

Fábria indagou como seria a entrevista. Comentei que conversaríamos a partir de um roteiro composto por questões sobre as relações com os clientes. Perguntei se ela estava preparada ou se preferia ser entrevistada em outro dia. Fábria disse que poderíamos conversar hoje mesmo e que seria bom poder falar. Ela pegou mais um copo de refrigerante e falou que poderíamos começar. Fernanda estava arrumando o quarto, e passava na sala algumas vezes, ouvindo o que conversávamos.

Conversamos sobre os clientes fixos, sobre como o cliente torna-se amigo da mulher que presta serviços sexuais, que motivos levam os clientes a procurar por essas mulheres e o que aprendem com elas. Fábria disse que os clientes percebem que ela é uma pessoa que continua lutando apesar de todo sofrimento vivenciado, porque na vida na noite, aprende-se a continuar lutando constantemente. Ela também fala sobre o matrimônio e questões de gênero, diz que a rotina e o tédio acabam com os relacionamentos entre as pessoas. Diz que as pessoas precisam se permitir a vivenciar experiências novas, e que essa habilidade é desenvolvida pela mulher que presta serviços sexuais nas suas relações estabelecidas ao longo de sua vida.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO METODOLOGIA DE ENSINO**



Apêndice F: Termo de consentimento livre esclarecido

Eu _____,
fui convidada a participar da pesquisa intitulada “**PROCESSOS EDUCATIVOS QUE SE DESENVOLVEM NAS RELAÇÕES ENTRE MULHERES QUE PRESTAM SERVIÇOS SEXUAIS E CLIENTES**” sob responsabilidade de Fabiana Rodrigues de Sousa. Esta pesquisa tem como objetivo identificar tais processos educativos e analisar os sentidos e significados que essas mulheres atribuem aos mesmos.

Concederei entrevistas, com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos e estou ciente de que as falas serão gravadas. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza.

A minha participação é voluntária, dessa forma, tenho o direito de não responder a qualquer pergunta e posso abandonar a entrevista, no momento em que desejar, se assim julgar necessário.

A pesquisadora se compromete em manter em sigilo as informações cedidas por mim durante a entrevista e que esses dados serão utilizados apenas para responder aos questionamentos da pesquisa. Fui informada de que meu nome ou qualquer forma de identificação pessoal não aparecerá em nenhum lugar da pesquisa (a não ser nesta folha).

Após a leitura das informações acima, tive oportunidade de conversar com a pesquisadora Fabiana a fim de esclarecer dúvidas e levantar perguntas sobre esta entrevista e a pesquisa realizada.

Data: _____ de _____ de 2006.

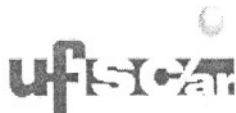
Assinatura da participante _____

Pesquisadora da responsável _____
fone: 3364-3282 e-mail: fabianalhp@yahoo.com.br



Apêndice G: Quadro de visitas – CASA 06

Data	Atividade	Participantes
14/set	Conversa com Fábida	02 mulheres que prestam serviços sexuais 02 funcionários
21/set	Aproximação do campo de pesquisa	01 mulher que presta serviços sexuais 01 funcionário
29/set	Aproximação do campo de pesquisa	Não havia nenhuma mulher na casa
05/out	Entrevista coletiva: Fábida e Fernanda	02 mulheres que prestam serviços sexuais
09/out	Entrevista individual: Fábida	01 mulher que presta serviços sexuais
14/nov	Entrevista coletiva: Fran, Fátima, Flora e Darci	04 mulheres que prestam serviços sexuais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Via Washington Luís, km. 235 - Caixa Postal 676

Fones: (016) 3351.8109 / 3351.8110

Fax: (016) 3361.3176

CEP 13560-970 - São Carlos - SP - Brasil

propg@power.ufscar.br - www.propg.ufscar.br

CAAE 0077.0.135.000-05

Título do Projeto: Processos educativos que se desenvolvem nas relações entre mulheres que prestam serviços sexuais a clientes

Classificação: Grupo III

Pesquisadores (as): Fabiana Rodrigues de Souza, Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira (orientadora)

Parecer Nº 229/2005

1. Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em ___/___/___ e ao término do estudo.

2. Avaliação do projeto

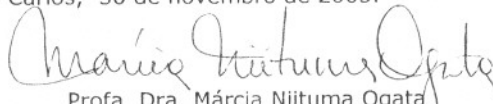
O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) analisou o projeto de pesquisa acima identificado e considerando os pareceres do relator e do revisor DELIBEROU: O pesquisador atendeu as exigências constantes do Parecer nº 139/2005, de 08/08/2005.

Assim, o projeto está em conformidade com a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

3. Conclusão:

Projeto aprovado

São Carlos, 30 de novembro de 2005.


Prof. Dra. Márcia Niituma Ogata
Coordenadora do CEP/UFSCar

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)